



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

Julia Capella Silveira

Pé no mar, skate na veia: um documentário sobre a história do skate park que
colocou Florianópolis no mapa mundial

Florianópolis
2025
Julia Capella Silveira

Pé no mar, skate na veia: um documentário sobre a história do skate park que colocou Florianópolis no mapa mundial

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Jornalismo do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Jornalismo.

Disciplina JOR6803 - Trabalho de Conclusão de Curso, professora Dra. Melina de la Barrera Ayres

Orientador: Prof. Áureo Mafra de Moraes

Florianópolis

2025

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela
BU/UFSC.

Dados inseridos pelo próprio autor.

Silveira, Julia Capella

Pé no mar, skate na veia : um documentário
sobre a história do skate park que colocou
Florianópolis no mapa mundial / Julia Capella
Silveira ; orientador, Áureo Mafra de Moraes,
2025.

124 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro
de Comunicação e Expressão, Graduação em
Jornalismo, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Skate. Florianópolis.
Documentário. I. Moraes, Áureo Mafra de. II.
Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em Jornalismo. III. Título.

Julia Capella Silveira

Pé no mar, skate na veia: um documentário sobre a história do skate park que colocou Florianópolis no mapa mundial

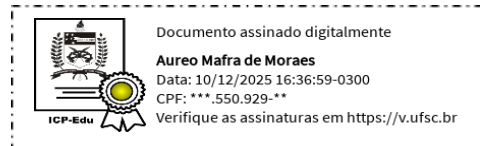
Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado, em 03 de dezembro de 2025, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Aúreo Mafra de Moraes
Orientador/a

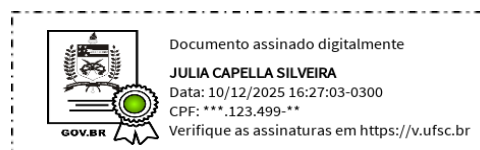
Prof. Fabiana Quattrin Piccinin

Cesar Bragança Gyrão

Certificamos que esta é a versão original e final do Trabalho de Conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo,



Prof. Aúreo Mafra de Moraes
Orientador



Julia Capella Silveira

Florianópolis, 2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Rodrigo “Schulz” Jaca, cuja generosidade em compartilhar o acervo de pesquisa foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho. Obrigada, também, por inspirar com o documentário “Cuidado, Perigo”.

Agradeço ao Pedro de Barros pelo empréstimo da câmera, equipamento que deu vida ao documentário. Sem a gentileza, a realização do trabalho não seria possível.

RESUMO

Este trabalho de conclusão do curso de Jornalismo é um documentário sobre o skate park em Florianópolis. O skate park é uma modalidade do skateboarding que mistura elementos do *bowl* e do *street*, e desde quando foi incluído oficialmente nas Olimpíadas de Tóquio 2020, já foi representado por três atletas naturais da capital catarinense, um deles medalhista de prata, Pedro Barros. Para além da importância como esporte, o skate, historicamente marginalizado, está enraizado na cultura da capital catarinense. Para os adeptos, o skate park representa muito mais do que um esporte, e é considerado como um *lifestyle* que transborda para as esferas sociais e culturais. O objetivo deste documentário é explorar a cultura do skate park em Florianópolis, reunindo depoimentos das primeiras gerações que construíram o caminho para o crescimento da modalidade na cidade, para skatistas de destaque como Pedro Barros, Isa Pacheco e Yndiara Asp conquistarem seus espaços mundo afora.

Palavras-chave: Skate. Florianópolis. Jornalismo. Documentário.

ABSTRACT

This course completion project is a documentary about skate park in Florianópolis. Skate park is a modality of skateboarding that mixes elements of bowl and street, and since its launch in the Tokyo 2020 Olympics, it has already been represented by three athletes born in the capital of Santa Catarina, one of them a silver medalist, Pedro Barros. Beyond its importance as a sport, skateboarding, as a sport that has been historically marginalized, is rooted in the culture of the city. For its practitioners, skate park represents much more than a sport, and is considered as a lifestyle that also social and cultural spheres. The objective of this documentary is to explore the culture of skate park in Florianópolis, gathering testimonies from the first generations who built the path for the growth of the modality in the city, so that standout skaters such as Pedro Barros, Isa Pacheco and Yndiara Asp could conquer their spaces around the world.

Keywords: Skate; Florianópolis; Journalism; Documentary.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	DESENVOLVIMENTO	18
2.1	Contextualização	18
2.2	Referencial teórico	20
2.3	Pré-apuração	21
2.4	Apuração	22
2.5	Produção, redação e edição	24
3	DIVULGAÇÃO	27
4	RECURSOS	28
5	DIFICULDADES, SOLUÇÕES E APRENDIZADOS	29
	REFERÊNCIAS	31
	APÊNDICES	
	Apêndice A - Roteiro de entrevistas	32
	Apêndice B - Decupagem refinada por blocos	33
	Apêndice C - Roteiro preliminar	73
	Apêndice D - Roteiro técnico	92
	ANEXO	128

1. INTRODUÇÃO

O skateboarding, expressão esportiva nascida nas ruas ligada à cultura urbana, alcançou um espaço consolidado no meio do esporte nos últimos anos. A entrada oficial do skate nos Jogos Olímpicos, em sua estreia em Tóquio 2020, representou um marco na modalidade que modificou o cenário. Desde então, o Brasil vem se posicionando como uma das principais potências na modalidade, impulsionado por nomes de destaque do skate park que foram formados em Florianópolis, como Pedro Barros, Isa Pacheco e Yndiara Asp, que representaram o país nas edições olímpicas de Tóquio 2020 e Paris 2024.

Nota-se que o protagonismo de Florianópolis na cena do skate park, construído pelos atletas mencionados, não aconteceu por acaso. A cidade tem uma trajetória que remonta aos anos 1970, quando surgiram os primeiros praticantes e pistas improvisadas, ainda sem qualquer apoio institucional. Foi a primeira cidade do Brasil a sediar um campeonato oficial de skate, em 1978, na pista do Clube Doze de Agosto. Com o tempo, Florianópolis passou a se consolidar como referência nacional, impulsionada pelo reconhecimento internacional do atleta Pedro Barros. Esses marcos contribuíram para transformar a capital catarinense em um verdadeiro celeiro de talentos.

Além da prática esportiva, o skate tem uma forte presença cultural na cidade. Seus praticantes compartilham um estilo de vida que envolve códigos visuais, vestuário, referências musicais, além de formas de ocupação do espaço público que dialogam com práticas de resistência e afirmação identitária. O skate park, nesse sentido, é mais que um esporte, e se torna uma expressão cultural viva e pulsante.

A justificativa para a escolha desta pauta parte tanto de sua relevância social quanto de minha trajetória pessoal enquanto manezinha da Ilha. O interesse pelo assunto surgiu a partir de minha própria trajetória enquanto manezinha da Ilha. Como moradora, sempre gostei do *lifestyle* do skate e de estar presente nas pistas, além de acompanhar os campeonatos e torcer pelos atletas da cidade. Quando comecei meu estágio como repórter especializada em esporte na NSC, tive a oportunidade de cobrir skate em Santa Catarina e entrevistar grandes nomes da cena como Pedro Barros, Yndiara Asp, Isa Pacheco, Kalani Konig, Pedro Carvalho e

até o australiano Keegan Palmer, duas vezes medalhista de ouro em skate park nas Olimpíadas e frequentador assíduo de Florianópolis durante os verões.

Essa aproximação e convivência com os atletas despertou um interesse em me especializar na cobertura jornalística de skate. Percebi uma lacuna: há interesse do público, porém pouca produção de matérias sobre o tema e ainda menos repórteres especializados no assunto. A afinidade com o tema foi se ampliando com o aprofundamento da formação jornalística e audiovisual ao longo da graduação, o que motivou a escolha pelo formato de documentário, por sua capacidade de unir escuta, imagem, voz e memória de forma sensível e crítica.

Este trabalho é um documentário jornalístico de média-metragem, com duração de 45 minutos, que investiga e registra a história do skate park em Florianópolis. A proposta busca dar visibilidade ao esporte na cena local a partir do ponto de vista dos próprios praticantes, reunindo depoimentos, registros de campo e materiais de arquivo. O produto pretende evidenciar como o skate, além de sua dimensão esportiva, constitui uma linguagem cultural.

A opção pelo formato documentário se fundamenta tanto em razões jornalísticas quanto estéticas. Considerando que o skate park é uma prática que envolve movimento, espacialidade e forte dimensão visual, o audiovisual se apresenta como a linguagem mais adequada para captar a complexidade do fenômeno estudado. Diferentemente de formatos impressos ou exclusivamente sonoros, o documentário permite unir voz, espaço e contexto, aspectos essenciais para compreender a cultura do skate em Florianópolis.

Do ponto de vista narrativo, o skate é uma prática cuja expressividade se manifesta de forma integral: na postura dos praticantes, na fluidez dos gestos, na relação com o *bowl*, na forma como o corpo ocupa o espaço público e na sonoridade característica das rodinhas no concreto. O documentário possibilita incorporar esses elementos de maneira sensível, aproximando o público da experiência real das pistas e do estilo de vida dos skatistas.

Além disso, a linguagem documental favorece o diálogo entre memória e presente, dois pilares fundamentais desta pesquisa. A história do skate park em Florianópolis se constrói a partir dos relatos de seus protagonistas, os atletas, pioneiros, moradores e personagens que participaram da construção de pistas improvisadas, do desenvolvimento da cena no Rio Tavares, e da projeção de nomes como Pedro Barros no cenário mundial. A escuta dessas vozes, registrada em

primeira pessoa, ganha potência no audiovisual, onde expressões corporais, entonações e pausas contribuem para um retrato mais fiel e humano dos entrevistados.

A produção do documentário combinou pesquisa qualitativa com observação direta, entrevistas em profundidade e levantamento de fontes visuais e documentais. A abordagem narrativa foi construída a partir de eixos temáticos que refletem os principais aspectos do fenômeno investigado: as origens e marcos históricos do skate na cidade, a projeção internacional da cena local e o estilo de vida dos praticantes. O documentário se propõe como um produto jornalístico autoral, voltado à preservação da memória cultural da cidade, e com potencial de circulação tanto em espaços acadêmicos quanto em plataformas digitais abertas.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Contextualização

O skateboarding ocupa um espaço central tanto no esporte de alto rendimento quanto na cultura urbana. A partir da sua inclusão nos Jogos Olímpicos de Tóquio em 2020, o skate passou por uma transformação de status, e desde então vive uma crescente valorização e popularização no Brasil. A prática profissional do skate park, caracterizada por combinar elementos do *bowl* e do *street*, apresentou um salto de evolução técnica notável desde a primeira participação nas Olimpíadas. Três dos seis representantes do Brasil que competiram na modalidade em Tóquio 2020 e Paris 2024 são naturais de Florianópolis, a capital de Santa Catarina, no Sul do Brasil. É nesse contexto que a cidade ganha relevância nacional e internacional na cena do skate.

Os atletas Pedro Barros, Isa Pacheco e Yndiara Asp nasceram e foram criados em Florianópolis e disputaram os Jogos nas duas edições com a presença do skate park. Barros, inclusive, foi o primeiro medalhista de prata da história do skate park nas Olimpíadas, em Tóquio 2020, marcando o retorno de Santa Catarina ao pódio olímpico após 13 anos sem vitórias. A presença de três atletas naturais da capital catarinense na competição olímpica evidencia o grau de desenvolvimento da cena local e a importância da cidade não só nacionalmente, como também

mundialmente. No entanto, a consolidação de Florianópolis como um polo de talentos do skate park não surgiu de forma espontânea. Há uma história social, política e cultural por trás do crescimento do esporte na capital, que ainda carece de registros aprofundados.

De acordo com o documentário “Cuidado, Perigo - A história da pista de skate do Clube Doze” (Mama Cavalo, 2022), o skate se consolidou em Florianópolis a partir dos anos 1970, com a ocupação de espaços públicos e a construção de pistas improvisadas, muitas vezes sem apoio institucional. Foi a primeira cidade no Brasil a realizar um campeonato de skate, na antiga pista do Clube Doze de Agosto, em 1978. A trajetória do esporte na cidade é pouco documentada, mas com o tempo, Florianópolis passou a ser mais comentada e reconhecida como polo do skate nacional graças ao sucesso e reconhecimento internacional de Pedro Barros, seis vezes campeão do X Games, uma das maiores competições da modalidade, como aponta o documentário “Enjoy The Ride: The Origins of Pedro Barros and the Brazilian Skate Scene” (Red Bull Skateboarding, 2021).

A pista que Pedro Barros tem no quintal de casa desde 2008 era constantemente visitada pelos moradores do bairro, que se interessaram em conhecer o talento que estava ganhando o mundo já aos 12 anos de idade. Consequentemente, isso atraiu muitos praticantes, e a escola de skate na Hi-Adventure, idealizada por André Barros, pai do Pedro, surgiu em resposta. Foi lá que nomes de destaque na cena, como Isa Pacheco, se desenvolveram no esporte.

Além das pistas, o skate também se insere de maneira expressiva na cultura urbana de Florianópolis. O estilo de vida adotado por seus praticantes, caracterizado por uma estética singular com influências do punk, do rap e de movimentos de contracultura, contribui para a construção de uma identidade cultural própria na cidade. Os praticantes compartilham valores que vão além da prática esportiva, construindo um *lifestyle* pautado pela liberdade, ocupação do espaço público e pela valorização da comunidade.

Essa trajetória é documentada esparsamente por meio de reportagens em veículos locais, vídeos amadores publicados em redes sociais, alguns documentários perdidos e, principalmente, pelas memórias pessoais dos praticantes. No entanto, são raros os registros que tratam da dimensão cultural, histórica e social do skate park em Florianópolis, especialmente sob a perspectiva dos próprios sujeitos que constroem essa realidade diariamente.

Tendo isso em vista, este projeto busca preencher uma lacuna documental e jornalística, ao reunir essas narrativas e ajudar a compreender como a prática do skate na capital catarinense se tornou um fenômeno com destaque mundial. Em um momento de crescente valorização do esporte, entender a história do skate em Florianópolis também é refletir sobre a cultura popular da cidade, resistência, pautas sociais e pertencimento urbano.

2.2 Referencial teórico

A escolha pelo formato documental se baseia na definição de Nichols (2005), para quem “os vídeos e filmes documentários apresentam a mesma complexidade, o mesmo desafio, o mesmo fascínio e a mesma emoção que qualquer um dos tipos de filme de ficção”, porque possibilitam pensar e recriar o mundo real por meio de uma linguagem híbrida, sensorial e reflexiva (Nichols, 2005, p. 20). No livro *Introdução ao documentário*, o autor escreve que “a definição de ‘documentário’ não é mais fácil do que a de ‘amor’ ou de ‘cultura’” (Nichols, 2005, p. 47). Para Nichols (2005), seu significado não pode ser reduzido a um verbete objetivo, como “temperatura” ou “sal de cozinha”, mas se constrói por contraste com outras formas cinematográficas, como o filme de ficção ou o experimental. Nichols afirma que o documentário adquire sentido em oposição à indiferença ou ao ódio, e ganha contorno ao ser diferenciado da ficção tradicional – não pelo afastamento da narrativa, mas pela forma como articula discurso e realidade. Isso reforça a ideia de que o documentário é uma construção discursiva e simbólica, que se ancora em escolhas éticas, estéticas e políticas.

A proposta deste documento é, por meio de depoimentos, registros de campo e material de arquivo, desenvolver um documentário participativo e reflexivo, em diálogo com os caminhamentos epistemológicos identificados por Nichols. O autor sistematiza seis modos documentais: expositivo, observativo, participativo, reflexivo, poético e performático. Para este produto, optei por uma combinação entre os modos observativo, para captar a vivência cotidiana nas pistas, e participativo, por meio das entrevistas com skatistas.

A noção de voz no documentário também será central do produto, em concordância com o pensamento de Nichols. Ele argumenta que “a voz do

documentário pode defender uma causa, apresentar um argumento, bem como transmitir um ponto de vista” (Nichols, 2005, p. 73). Portanto, o projeto busca valorizar sobretudo as vozes dos sujeitos retratados - os skatistas-, compondo um mosaico de experiências e visões que refletem a dimensão política, social e cultural da prática do skate em Florianópolis.

A escolha pelo formato vídeo-documentário também se justifica, entre os fatores já mencionados, pela capacidade de circulação ampla e descentralizada que o audiovisual ganhou no contexto contemporâneo, especialmente com o avanço das plataformas digitais de vídeo sob demanda e da popularização do YouTube. Como apontam Figueiredo e Muanis (2019), vivemos uma era em que o audiovisual é produzido, consumido e compartilhado em dispositivos móveis, redes colaborativas e ambientes digitais diversos. Segundo os autores, os “os dispositivos móveis com câmeras embutidas que gravam imagens paradas e em movimento, além do próprio som, são hoje os responsáveis pela democratização da captação, distribuição, exibição e consumo de imagens” (Figueiredo e Muanis, 2019, p.20). Essa possibilidade de difusão direta, sem necessidade de mediação por canais de televisão, oportuniza que o documentário alcance públicos diversos e permite a independência editorial no processo de produção.

2.3 Pré-apuração

A etapa de pré-apuração foi realizada, principalmente, durante a disciplina de Planejamento de TCC realizada no semestre anterior. Antes do início efetivo das gravações e entrevistas, buscou-se compreender, de forma aprofundada, o universo cultural do skate park em Florianópolis e identificar os elementos históricos, sociais e simbólicos que estruturariam o recorte do trabalho.

O processo começou com um levantamento preliminar sobre a evolução do skate no Brasil e, especialmente, em Santa Catarina. Foram consultadas reportagens, produções audiovisuais, textos acadêmicos, materiais jornalísticos e acervos independentes da comunidade. Observou-se que os registros sobre a história do skate em Florianópolis são escassos, pouco aprofundados e pouco distribuídos.

Apesar da dificuldade encontrada na pesquisa sobre o skate em Florianópolis, a pesquisa inicial permitiu situar o esporte em um panorama mais amplo da cultura

urbana e identificar temas-chave, como identidade, resistência, pertencimento, ocupação do espaço público e formação de comunidade, que posteriormente norteariam o argumento do documentário.

A pré-apuração também envolveu observação direta em pistas e campeonatos, buscando compreender a dinâmica cotidiana da prática. Foram realizadas visitas às principais pistas da cidade, como a Trinda Times e o skate park do Abraão. Nessas idas a campo, observou-se o comportamento dos praticantes, as interações sociais, os códigos de convivência, as rotinas de treino e os usos dos espaços. Além das pistas, a presença em campeonatos locais e regionais, como o STU Florianópolis, realizado em maio de 2025, permitiu acompanhar a comunidade em momentos de maior mobilização, registrar a atmosfera coletiva (imagens que também foram usadas no documentário) e compreender como eventos esportivos funcionam como espaços de socialização e fortalecimento cultural.

Outra etapa importante da pré-apuração foi a busca de referências audiovisuais. Assisti documentários nacionais e internacionais que abordam cultura urbana, skateboarding e personalidades influentes da cena. Essa pesquisa permitiu identificar estratégias de montagem, abordagens narrativas, estéticas visuais e escolhas de linguagem usadas em obras consolidadas, contribuindo para a definição do posicionamento audiovisual do projeto.

A pré-apuração também contemplou a identificação de fontes prioritárias, a partir de critérios de relevância histórica e diversidade de perspectivas. Skatistas pioneiros foram mapeados como fundamentais para reconstruir as primeiras décadas da modalidade na ilha. Já atletas mais jovens e de projeção internacional, como Pedro Barros, Isa Pacheco e Yndiara Asp, aparecem como personagens nos depoimentos para compreender a consolidação e expansão global da cena.

2.4 Apuração

A etapa de apuração representou o núcleo do processo jornalístico do documentário, concentrando-se na coleta efetiva de informações, na realização das entrevistas, na organização dos materiais de arquivo e na observação sistemática da cena do skate park em Florianópolis. Diferentemente da pré-apuração, que teve caráter exploratório, a apuração consistiu na confirmação, aprofundamento e

expansão dos dados levantados previamente, consolidando a base factual e narrativa que estruturaria o filme.

As entrevistas foram planejadas a partir dos critérios definidos na pré-apuração: relevância histórica, diversidade geracional e contribuição para o entendimento da cultura do skate park na cidade. Foram ouvidos skatistas de diferentes períodos, desde pioneiros da década de 1970 até atletas que participaram da evolução do *bowl* no fim da década de 90.

A apuração buscou equilibrar depoimentos históricos, relatos de vivência cotidiana, análises técnicas e percepções sobre a transformação da modalidade ao longo das décadas. As sete entrevistas documentadas foram conduzidas de forma presencial, priorizando ambientes que dialogassem com o universo dos entrevistados, como pistas, *bowls*, espaços de treino e locais simbólicos para a cultura do skate. Esse cuidado permitiu captar não apenas a fala, mas também gestualidade, expressões e a relação do praticante com o ambiente.

Foram adotadas entrevistas semi estruturadas, principalmente devido ao papel multitarefa que tive que cumprir durante as conversas, de entrevistadora e cinegrafista. Roteiros de entrevista foram elaborados para tocar em cada um dos assuntos identificados na etapa de pré-apuração como relevantes para a construção e fortalecimento da cena do skate park em Florianópolis. Ainda assim, novas perguntas surgiam durante os depoimentos, permitindo que os entrevistados tivessem liberdade para explorar memórias, percepções e interpretações que, muitas vezes, ultrapassavam o escopo inicial da pauta, enriquecendo o conteúdo final. A construção da narrativa audiovisual se beneficiou dessa flexibilidade, que favoreceu o surgimento de temas inesperados, nuances históricas e reflexões espontâneas.

Uma parte significativa da apuração envolveu o levantamento de materiais de arquivo. Como grande parte da história do skate em Florianópolis foi registrada por seus próprios praticantes, e muitas vezes de modo informal, os acervos pessoais desempenharam papel essencial. Foram reunidos vídeos caseiros, fotografias antigas, registros de campeonatos, matérias televisivas, cartazes, recortes de jornais e arquivos digitais publicados pela comunidade em redes sociais. Destaca-se a colaboração de Rodrigo “Jaca” Schulz, documentarista criador do “Cuidado, Perigo”, que além de inspirar o presente trabalho, disponibilizou um acervo fundamental,

contendo registros históricos que remontam às primeiras pistas, campeonatos das décadas de 1970, 1980 e 1990 e materiais relacionados à evolução da cena.

2.5 Produção, redação e edição

O processo de redação e edição do documentário envolveu uma série de etapas técnicas e narrativas que transformaram o material bruto coletado durante a apuração em uma obra audiovisual estruturada. Uma das primeiras decisões foi utilizar o Google Pinpoint for Journalists, ferramenta de inteligência artificial voltada à análise de grandes volumes de conteúdo, para realizar a transcrição das entrevistas. A plataforma permitiu transcrever horas de material com agilidade e precisão, facilitando a organização das falas, a busca por temas recorrentes e a identificação de trechos de maior relevância para a narrativa.

Com as entrevistas transcritas, iniciou-se uma fase de segmentação narrativa, fundamental para estabelecer o esqueleto do documentário. O filme foi dividido em três blocos centrais, cada um responsável por abordar um componente essencial da história do skate park em Florianópolis:

O bloco 1, de abertura, introduz a tese central do documentário, conectando o surgimento da modalidade ao ambiente cultural da ilha. Aqui, priorizou-se ritmo, imagens de pista e falas que sintetizam o sentido de identidade e movimento que permeia o skate em Florianópolis.

O bloco 2 foi dedicado a resgatar as décadas de 1970, 1980 e 1990, fase de formação da cena local. Foi nesse momento que a narrativa mergulhou nas lembranças dos pioneiros, nas improvisações das pistas artesanais e nos primeiros campeonatos. A estrutura desse bloco privilegiou depoimentos que articulassem trajetória histórica, afetividade e construção de comunidade.

Por fim, o bloco 3 foi voltado a explorar a dimensão social e cultural do skate além do esporte. Esse bloco mostra como as pistas funcionam como espaços de convivência, criatividade e afirmação identitária, destacando o *lifestyle* e o senso de comunidade compartilhado pelos praticantes.

Após essa divisão, deu início a etapa de decupagem, na qual os trechos das entrevistas foram analisados e classificados de acordo com sua pertinência a cada bloco. Esse processo consistiu em selecionar falas que, além de relevantes, estabelecessem conexões lógicas, emocionais e temáticas entre si. A decupagem

funcionou como um mapa narrativo, indicando onde cada fala melhor cumpria sua função.

Quando a definição dos três blocos narrativos e a conclusão da decupagem foram concluídos, tornou-se evidente que, embora essa divisão inicial desse conta de organizar o conteúdo de maneira ampla, ela ainda não era suficiente para estruturar a profundidade temática e a evolução do documentário. Os depoimentos apresentavam momentos da história e tópicos variados que extrapolavam os limites de apenas três grandes seções. Para garantir que essas camadas narrativas fossem exploradas de forma coerente, surgiu a necessidade de segmentar além dos blocos originais, criando uma estrutura mais detalhada que orientasse a progressão emocional e informativa do filme.

Foi nesse contexto que adotou-se o modelo dos 12 atos inspirados na Jornada do Herói¹, que se mostrou extremamente eficaz para organizar a narrativa documental centrada em trajetória, transformação e pertencimento. A Jornada do Herói foi utilizada não de forma rígida, mas como um guia capaz de dividir o documentário em etapas claras, cada uma com uma função específica no desenvolvimento da história. Neste contexto, a cena de skate park em Florianópolis tornou-se o “herói” da história.

Essa segmentação permitiu distribuir os depoimentos de maneira estratégica, acompanhando a evolução da cena do skate park de Florianópolis como se fosse a própria jornada de um herói coletivo, formado pelos praticantes, pioneiros, atletas e pela comunidade que construiu e sustentou a cultura do skate na ilha ao longo de décadas. A subdivisão trouxe maior precisão narrativa, permitindo que cada trecho de entrevista encontrasse seu espaço natural dentro da história. Também facilitou a organização da edição, uma vez que cada ato passou a corresponder a uma intenção dramática: abertura, chamado, travessia, provas, reconhecimento, ascensão, entre outros. Com isso, a construção do documentário se tornou mais fluida, coerente e emocionalmente conectada, com o objetivo de trazer ao espectador uma experiência divertida, leve e envolvente sem perder o rigor jornalístico.

¹ Jornada do Herói é um livro de Joseph Campbell, publicado em 1990 pela editora HarperCollins. Na obra, o autor descreve uma estrutura narrativa utilizada para contar histórias, dividida em 12 etapas.

Com a subdivisão em 12 atos definida, iniciou-se a etapa de construção de um roteiro preliminar baseado exclusivamente na ordem das falas dos entrevistados, sem ainda incluir indicações de imagens, vídeos ou soluções de montagem. Esse roteiro funcionou como um “esqueleto” da narrativa, permitindo organizar de maneira clara o encadeamento das ideias, a progressão temática e a evolução do documentário.

Nesse momento, o foco foi inteiramente textual: tratou-se de selecionar trechos específicos das entrevistas já decupadas e posicioná-los dentro dos atos correspondentes, de acordo com o sentido narrativo que cada fala assumia. Para isso, analisou-se a função de cada depoimento, e, a partir dessa leitura, determinou-se seu lugar na estrutura maior do roteiro.

Esse processo possibilitou enxergar a narrativa de forma mais clara, identificando lacunas, redundâncias e pontos de virada. A montagem textual serviu também para testar diferentes transições entre vozes, observando como depoimentos de gerações distintas poderiam dialogar entre si para construir uma narrativa coletiva e orgânica. O roteiro preliminar, portanto, não era ainda um roteiro técnico, mas sim um roteiro de sentido, dedicado a garantir que a história tivesse fluidez, coerência e ritmo antes da entrada das imagens.

Antes de avançar para a elaboração do roteiro técnico, foi necessário realizar também uma organização sistemática dos arquivos de imagem disponíveis, tanto aqueles produzidos especificamente para este documentário quanto os provenientes de acervos aos quais tive acesso. Essa etapa intermediária foi essencial para compreender o volume, a diversidade e o potencial narrativo do material visual existente. Os arquivos foram agrupados de acordo com os três blocos temáticos definidos anteriormente, considerando a função que cada imagem poderia desempenhar na narrativa como elemento de ambientação, registro histórico ou reforço estético. Ao organizar fotografias, vídeos de pista, registros de campeonatos, cenas de observação e imagens de arquivo dentro dessa lógica de blocos, foi possível visualizar com maior clareza quais trechos visuais dialogavam com cada ato da jornada do herói. Esse processo facilitou a construção do roteiro técnico, uma vez que permitiu antecipar potenciais combinações entre fala e imagem.

Com todas as etapas anteriores concluídas, finalmente, avancei para a elaboração do roteiro técnico. Essa etapa consistiu em traduzir a narrativa textual previamente desenvolvida em uma estrutura audiovisual completa, especificando,

para cada fala, as imagens, cenas de arquivo e sons que acompanhariam a construção narrativa.

Ressalta-se que todo o processo da redação e edição, desde as transcrições, decupagens, até as setorizações por blocos e atos e elaboração do “pré-roteiro” foram fundamentais para a construção do roteiro técnico. A organização prévia foi essencial para que o material pudesse ser elaborado com clareza, precisão e coerência. Esse percurso gradual permitiu compreender de maneira aprofundada o objeto central do trabalho: como Florianópolis se tornou um polo mundial de skate park, consolidando-se tanto como referência esportiva quanto como centro cultural da modalidade.

Durante a etapa de edição técnica, contei com o apoio da estudante de Cinema Giovana de Mello, que foi remunerada para atuar nas fases que exigiam conhecimentos específicos de pós-produção. Sua participação foi fundamental para garantir a qualidade técnica do documentário, especialmente nas áreas de edição de imagem, colorização, mixagem de áudio e finalização. A colaboração com uma profissional em formação, mas já experiente no campo audiovisual, permitiu que aspectos mais complexos da pós-produção fossem executados com rigor técnico e sensibilidade estética, contribuindo diretamente para o resultado final.

3. DIVULGAÇÃO

No que se refere ao uso social do produto, o documentário busca dar visibilidade à cena do skate park em Florianópolis, contribuindo para o reconhecimento de uma manifestação cultural que, embora amplamente vivenciada pelos praticantes locais, ainda carece de documentação histórica, representação midiática e valorização institucional. Ao priorizar as vozes dos sujeitos que constroem essa cultura diariamente, o filme fortalece a construção de uma narrativa coletiva, centrada na experiência e na memória de quem efetivamente vive o skate como forma de identidade, convivência e pertencimento. Dessa maneira, o documentário se propõe a atuar como instrumento de resgate de memória, valorização simbólica e material de referência para escolas, grupos culturais, movimentos sociais, pesquisadores e agentes públicos interessados em esporte, cultura urbana e políticas voltadas à juventude.

Quanto à circulação, o produto será entregue como parte das exigências acadêmicas do Trabalho de Conclusão de Curso, mas sua concepção prevê um alcance mais amplo. Uma das possibilidades é disponibilizar o documentário em plataformas digitais abertas, como YouTube, para ampliar seu acesso para diferentes públicos. Paralelamente, pretende-se oferecê-lo para os canais do Layback TV, ampliando sua difusão no universo da mídia especializada em skate e esportes de ação. Considera-se também a possibilidade de inscrição do material em festivais de cinema e vídeo independente, onde o documentário pode dialogar com produções semelhantes e alcançar circuitos culturais mais amplos.

A escolha por uma linguagem acessível, junto de uma estética alinhada ao universo do skate, contribui para que o documentário circule para além dos espaços acadêmicos, alcançando públicos diversos e gerando engajamento orgânico. Dessa forma, o produto cumpre seu papel social ao permitir que a história do skate park em Florianópolis seja registrada, compartilhada e reconhecida como parte do patrimônio cultural da cidade.

4. RECURSOS

A produção do documentário exigiu o uso de diferentes recursos técnicos, tanto para a captação de imagens e sons quanto para a edição e finalização. A câmera e tripé utilizados foram de responsabilidade pessoal, e o microfone foi empréstimo por parte da universidade. Essa autonomia possibilitou maior liberdade de planejamento, mas também demandou organização e investimento individual.

A captação das imagens foi realizada com uma câmera Canon T7 Rebel, equipamento pessoal que foi emprestado. Apesar de ser fotográfica, a câmera ofereceu qualidade adequada em até 4k para gravações em alta definição e em ambientes variados. Além disso, houve a disponibilidade de um iPhone 12 para pontuais registros.

Para o áudio, utilizou-se um microfone de lapela emprestado pelo Departamento de Jornalismo da UFSC. A estabilização das imagens foi assegurada por meio de um tripé, também de posse pessoal, empregado para os depoimentos e gravações que demandaram maior estabilidade.

A etapa de edição e finalização do documentário foi realizada por um terceiro, contratado e remunerado para apoio na parte técnica. A estudante de cinema

Giovana de Mello, responsável pela colorização, mixagem de áudio e finalização, realizou os serviços no computador pessoal, utilizando os softwares Adobe Audition e Davinci Resolve, cuja licença também é de titularidade particular. Esse conjunto de ferramentas permitiu controlar todas as fases da pós-produção, desde a montagem bruta até a exportação da versão final do filme.

5. DIFICULDADES, SOLUÇÕES E APRENDIZADOS

A realização deste documentário envolveu uma série de desafios que, embora tenham demandado adaptações e reorganizações ao longo do processo, também contribuíram de forma decisiva para o amadurecimento do projeto e para a formação profissional como jornalista. As dificuldades enfrentadas incluíram questões técnicas, logísticas, editoriais e metodológicas, exigindo um exercício constante de planejamento, flexibilidade e tomada de decisão.

Uma das primeiras dificuldades, ainda durante o processo de pré-apuração, foi o acesso a fontes e materiais históricos sobre o skate park em Florianópolis. A cena local, embora rica e influente, carece de registros sistematizados, o que tornou fundamental o contato direto com personagens-chave da modalidade. A solução encontrada foi estabelecer uma rede de interlocução com skatistas de diferentes gerações, além de pesquisadores e produtores culturais ligados à história do skate. Esse processo envolveu entrevistas presenciais, troca de arquivos pessoais e acervos particulares, permitindo construir um panorama histórico mais consistente. O aprendizado decorrente foi compreender que, em contextos onde a memória é fragmentada, a relação com as fontes se torna central e exige sensibilidade, confiança e responsabilidade.

No âmbito técnico, também surgiram dificuldades durante a produção das entrevistas. Assumir o papel de entrevistadora, produtora e cinegrafista ao mesmo tempo foi uma das partes mais desafiadoras do trabalho. Enquanto fazia as perguntas e conduzia os depoimentos dos entrevistados, também precisei prestar atenção na funcionalidade da câmera, que por ser fotográfica, interrompia a gravação a cada 15 minutos. Além disso, também precisei ficar atenta ao ângulo, quadro e iluminação. Assumir múltiplas tarefas simultaneamente foi um processo

difícil, porém, superado, principalmente com a ajuda e compreensão dos entrevistados.

Durante a produção do trabalho, em alguns casos, houve necessidade de reorganizar a agenda de gravações por limitações de disponibilidade dos entrevistados ou por condições climáticas, considerando que muitos dos cenários relevantes para a narrativa são espaços abertos. A solução foi manter um cronograma flexível e desenvolver estratégias de contingência, incluindo gravações adicionais, deslocamentos para locais alternativos e captação complementar de som e imagem. Esse processo reforçou a importância da antecipação de problemas logísticos e de gerenciamento de tempo.

Na etapa de roteiro e montagem, outra dificuldade significativa foi equilibrar o grande volume de material coletado com a necessidade de construir uma narrativa coesa e com tempo delimitado. O documentário, com duração inicialmente prevista de 25 a 30 minutos, chegou aos 45 minutos. Sair do planejamento inicial e, conseqüentemente, ter maior volume de trabalho, gerou dificuldades relacionadas ao gerenciamento de tempo e elaboração de uma narrativa coesa. A solução adotada foi organizar o conteúdo a partir da Jornada do Herói, modelo narrativo apresentado em 1949 por Joseph Campbell, estruturando o documentário em atos temáticos que permitissem costurar as falas de forma fluida e coerente. Esse método ajudou a conferir unidade à narrativa e evidenciou linhas de continuidade entre passado e presente. O aprendizado resultante foi a percepção de que o processo de edição exige tanto um olhar analítico quanto uma postura de desapego, necessária para selecionar apenas o essencial sem comprometer a profundidade do tema.

REFERÊNCIAS

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de; MUANIS, Felipe. Cultura e valor: a quebra das hierarquias na era digital. In: PELEGRINI, Christian; MUANIS, Felipe (org.). **Perspectivas do audiovisual contemporâneo: urgências, conteúdos e espaços**. 1ª ed. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2019.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas. SP: Papirus, 2005.

MAMA CAVALO. **Cuidado Perigo - A história da pista de skate do Clube Doze** - subtitles/pt/en. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8gviiwX2608>>. Acesso em: 1 jul. 2025.

RED BULL SKATEBOARDING. **Enjoy The Ride: The Origins of Pedro Barros and the Brazilian Skate Scene**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jcF9m_cMgds>. Acesso em: 1 jul. 2025.

APÊNDICE A - Roteiro de entrevistas

- Como você conheceu o skate e o que te motivou a começar?
- Como você veio parar em Florianópolis, e como era andar de skate aqui em naquela época, antes das pistas modernas?
- Que desafios vocês enfrentavam para praticar? Havia preconceito ou resistência da sociedade?
- Quais eram os lugares mais importantes para a cena do skate em Florianópolis nos anos 80 e 90?
- De que forma vocês ocupavam ruas, praças e terrenos quando ainda não havia pistas adequadas?
- Como se dava a união da comunidade naquela época?
- Você acha que o skate se limita ao esporte, ou também transborda para a esfera cultural?
- Que músicas, estilos e influências culturais marcaram a cena?
- Quando você vê nomes como Pedro Barros, Isa Pacheco e Yndiara Asp representando o Brasil nas Olimpíadas, o que passa pela sua cabeça?
- De que maneira você acredita que o trabalho da sua geração abriu caminho para esse reconhecimento?
- Qual é, na sua opinião, a maior contribuição da cena de Florianópolis para o skate mundial?
- O que torna Florianópolis um terreno tão fértil para a cultura do skate?

APÊNDICE B - Decupagem refinada por blocos

Decupagem refinada por entrevistado (dividido em blocos)

BLOCO 1 - GYRAO

- Foco: Mostrar por que Floripa é demais pro skate, situando o público.
- [00:21]
- Aí depois até a chegada da pousada High Adventure, e não era pousada antes, era a casa do Rafael e tinha um bowl desenhado pelo Léo Caquinha, que foi um escultor que surpreendeu muita gente nos anos 80 e veio morar em Florianópolis.

BLOCO 2 - GYRAO

- Foco: Mergulhar nas origens, como o skate cresceu "à margem" e se firmou.
- [02:12]
- Tem um menino lá de Criciúma, o Romão Silvestre, que é o primeiro skatista da minha cidade, porque o pai dele foi até Porto Alegre e comprou um Torley para ele. Daí apareceram os primeiros skates, e como não havia na loja para comprar, havia o skate artesanal. Então eram cortadas madeiras com serra fita, a gente pegava o molde, cortava a madeira, pregava o patins desmontado, uma parte na frente e outra atrás e andava naquele negócio.
- [05:10]
- A gente fez uma pista de skate na Icarumbi, que foi a primeira pista do estado de Santa Catarina. Era um negócio pequeno, e no meio tinha uma valinha para passar e fazer manobra.
- [06:53]
- E aí a coisa começou a embalar nessa mesma época. Isso foi em 77. Nessa geração a gente tinha acesso a alguns filmes que mostravam skate, como "O Mundo das Pranchas", e também revistas importadas.
- [10:26]
- A gente criou uma associação de skate catarinense e começamos a fazer eventos. Foi uma época onde o Half Pipe estava pipocando em várias cidades. Em Criciúma tinha dois ou três Half Pipes montados. Cada lugar com seu núcleo de criação.
- [15:24]

- Nos anos 80 estávamos fazendo campeonatos internacionais no Brasil. O primeiro foi em 89, que trouxe o Tony Hawk e o Lance Mountain. Eu fui árbitro no campeonato e fui convidado a morar em São Paulo.
- [19:19]
- O skate deu uma encolhida que a gente chama de morte do skate. Mas nunca foi uma morte, porque sempre teve uma galera que segurou. E nós falávamos que havia um ciclo de 10 anos, um auge e uma queda. Tivemos isso nos anos 70, depois nos 80, e no início dos 90, uma depressão. Mas o skate sempre se reergueu.
- [01:09:04]
- Porque para lá em cima buscar eh Floripa o Paraíso das Transições. Eh, o que acontece? Desde que o o Pedro se revelou o talento que ele é, o Pedro Barros. E junto com ele o Vicaquinho, que é um parceiro dele desde sempre, desde criança, desde criancinhas, né? Que eu via filho do Leo. Então, assim, são digamos, são pedras preciosas.
- [01:10:12]
- Desde, é, Floripa sempre foi uma Meca, porque o André Barros, o pai do Pedro, ele foi bastante estratégico quando ele percebeu o o que ele tinha um um talento com ele, o filho dele. Então ele estimulou desde o começo. Então eles moraram é, na Austrália por um período. O menino andava muito bem de skate.
- [01:10:35]
- Então quando eles voltaram da da viagem da Austrália, eles voltaram com muita filmagem de lá e que o Pedro com o 8 anos de idade, ele já fez parte do filme da Drop Dead, um vídeo chamado Fé em Deus e Pé na Tábua. Eu acho que é isso o nome do filme, depois me corrigem. É, acho que é Fé em Deus e Pé na Tábua que parece um é um negócio de caminhão, né?

BLOCO 3 - GYRAO

- Foco: Skate como cultura viva, arte e espaço de comunidade.
- [20:48] E aí até a gente chegar já nos anos 2000, 2010, até a gente ver o skate se tornando esporte olímpico, que pra mim já era uma coisa esperada, mas pra muitos era uma surpresa. Mas assim, do skate sair da condição de esporte marginal até o herói olímpico, teve toda essa trajetória, né? E a gente tá participando disso da nossa forma, né?
- [25:20]
- O skate hoje tem o skate de rua, o subversivo, o institucionalizado, o olímpico, o de competição, com preparadores, fisioterapia, nutrição. A gente passa a considerar o skatista também como atleta. Há um tempo atrás a gente não gostava de ser chamado de atleta. O Cezinha Chaves mesmo falava: "O skatista não cabe numa caixinha de atleta". É expressão de arte.

- [35:38]
- A gente celebra ganhos coletivos e individuais. É muito legal ver alguém levantar a bandeira do Brasil em grandes eventos. Internamente, o nosso dia a dia é andar de skate junto, nas pistas, com amigos, com as novas gerações. A fotografia, o cinema, o impresso e a música fazem parte dessa cultura.
- [37:00]
- O Chorão do Charlie Brown Jr. era nosso amigo. Ele andava de skate conosco, falava de amor e de autoafirmação, e ganhou o Brasil inteiro. Tive o privilégio de vê-lo várias vezes no palco com a camiseta da minha revista. Isso não tem preço.
- [49:21]
- O skate está sempre se reinventando. Desde quando conheço como moleque, a gente estava sempre tomando porrada, levantando e indo para cima de novo. A cultura do parque representa isso, a resiliência e a reinvenção.
- [01:21:45]
- Então assim, o skate está se diversificando, está crescendo e a tendência é cada vez mais de intercâmbios regionais, sendo que Floripa é sempre um lugar que as pessoas querem vir para viver, né? Então, é, Ale Mazara, o nome do italiano, tá? Ale Mazara. E então cada vez mais o o skate eh mundial vai estar, né?
- [01:22:16]
- Pergunta a qualquer skatista eh lá de Sydney ou na Austrália, ele vai saber o que que é Florianópolis, o que que tem em Floripa de pista para andar, eh que nem também um lá na Suécia, né, de Malmö, os caras vão saber também o na Dinamarca, né, a terra do Ronnie Glyfberg os caras vão lembrar do do do e são esses caras que que que circulam, que vêm para cá, que vão andar, que vão usufruir do espaço, vão dividir sessões com a gente, né?

BLOCO 1 - SAGUI

- Foco: Estabelecer atmosfera, energia e identidade; introduzir Florianópolis como berço cultural do skate.
- [00:31]
Me chamo Balduino Fabrício Filho, vulgo Saguí. Sou de Baunilha Camburiú natural, Baunilha Camburiú 9 meses e um dia mais velho que a cidade. Viam aquilo tudo acontecer, aquela coisa crescer e fomos introdutores também de duas modalidades lá: do surf, começamos fomos os primeiros, depois veio o skate 75 e o voo livre em 80 e aí construímos uma história.
- [02:08]
Enfim, logo em seguida começou a chegar as duas primeiras revistas de esportes radicais, editada na Califórnia, que era a Surf Border e a Skate

Border. E através dessas revistas, nós começamos a desenvolver a prática dos esportes. Então a gente só ia pelo instinto.

- [02:57]
Foi um dos primeiros campeonatos que teve no Brasil, São Paulo. não, eu não, não, não posso dizer isso, mas é um dos primeiros, assim, pouco, teve poucos os campeonatos que tiveram antes desse em 76 no Colégio Salesiano em Itajaí. E no ano consequente também teve o segundo campeonato itajaiense de skate, que foi no ginásio recém ginásio de coberto, ginásio de esporte coberto, que foi o segundo do estado de Santa Catarina, construído.
- [03:25]
E depois daquilo, o skate pegou gol. Criou forças. E daí rolou no Clube 12 de Agosto, um clube que é muito conceituado, tinha uma série de campestre que era lá no Jurerê e pegaram e meteram lá uma pista lá no Dal Rio assim, Sneicão, uma coisa assim louco, cara. E daí ali começou a acontecer tudo.
- [03:48]
Aconteceu o primeiro campeonato cidadão de Florianópolis e depois de três meses o primeiro campeonato catarinense de pista, o qual me tornei primeiro campeão, da categoria Júnior, era só duas categorias: Júnior até 16 anos e sênior a partir de 16 anos. É, aconteceu o primeiro Campeonato Catarinense e depois, claro, para terem uma ideia como o estado de Santa Catarina sempre foi muito evoluído nos esportes radicais, apesar da gente não ser conhecido antigamente.
- [04:17]
Sabia-se que Santa Catarina era entre o Paraná e o Rio Grande do Sul. Blumenau e o Campo Limpo mesmo ninguém nem sabia, não encostava no mapa. Mas daí, é, aconteceu depois de três meses ainda o primeiro Campeonato Brasileiro de Skate na mesma pista. Então, olhe só, o primeiro Campeonato Catarinense Skate é com seu três meses antes do primeiro Campeonato Brasileiro de Skate.
- [04:42]
Então, isso eu acho que é um mérito muito grande para Santa Catarina e pro esporte de Santa Catarina. E depois aconteceu também no mesmo dia de 12 de agosto, nesse primeiro aí realmente foi é quando todo mundo se encontrou a galera toda do skate, cara, a gente viu realmente o que o esporte era e o que ele já já representava no Brasil para essa juventude, para essa galera da paz virada, o qual eu faço parte e todos os amigos que eu fiz que são amigos que vai ser para eternidade.
- [05:50] Ficávamos acampado lá, um bando de de, né, de criança, de rapaz pequeno e sempre assim, sempre abençoado por Deus, sempre curtindo, sempre vivendo bem e é isso aí. Nunca deu nada de errado, sempre deu tudo acabou certo, né? Por mais doido que a turma fosse, tudo sempre acabou bem certinho.

- [07:09]
Então eu só vou falar um pedacinho de uma música música, que foi uma homenagem ao meu amigo Pedro. Quem chamou de marginal, hoje delira com a medalha. A ironia da história nunca falha. Só os loucos sabem o que é união. Olho no olho é coisa de irmão. Skate Border na velha, galera. É isso aí, isso que é skate. Isso que é skate.
- [08:00]
Que o skate, que o surf, que sempre foram esportes marginais, já chegaram, não chegou. Então, isso eu fico assim até emotivo, cara, de ver pá, como realmente mente, a raiz do esporte cresceu e como tudo foi para frente e como tudo se envolveu e continua o mesmo espírito.
- [08:21]
Continua a mesma vibe, a não mudou, não mudou, para mim não mudou, alguns dizem que está mudando, mas eu acredito, eu prefiro confiar, sou meio inocente, prefiro confiar em que não vai mudar nunca, essa essência não vai mudar, a raiz do skate é essa, é amizade, é, entende? É isso, é estar junto, te abraçar, torcer ser um pelo outro, torcer pelo, pelo, pela vitória do outro.

BLOCO 2 - SAGUI

- Foco: Reconstruir a história do skate catarinense (1970–1990); memória viva e espírito pioneiro.
- [01:02]
- Meu primeiro contato com skate foi numa viagem que eu fui contemplado com a família com 11 anos, numa viagem para Disney, onde lá eu vi uma galera de São Paulo andando numa ladeira de skate no hotel onde a gente ficou e no outro dia, porra, vi aqui no Pirei, já conhecia o surf através do meu irmão com a tia de lá, e daí quis comprar o skate fui lá na loja do Silvio Santos, Berta Brasil, comprei um skate de super surf e andei que andei lá, quebrou, voltei para a cidade, Balneário Camboriú O skate meio estragado, o meu irmão consertou o skate imediatamente, o amigo Gert Henning, o pai dele, pegou um patins da irmã dele, da Cláudia e transformou em dois skate, aí aconteceu milagre da multiplicação.
- [01:44]
- E aí essa turma na época nossa turminha já estava começando a surfar por incentivo dos irmãos ou de alguns amigos. Daí os patins das irmãs sumiram tudo, cara. E daí em uma semana, duas semanas, três semanas, 20, 30 skate já tinha na cidade. Só que nós não tínhamos calçada para andar, era tudo muito precário, não sabíamos nada sobre skate.
- [02:08]
- Enfim, logo em seguida começou a chegar as duas primeiras revistas de esportes radicais, editada na Califórnia, que era a Surf Border e a Skate

Border. E através dessas revistas, nós começamos a desenvolver a prática dos esportes. Então a gente só ia pelo instinto.

- [02:28]
- Porque a gente imaginava que a Daí quando a gente começou a ver as filmagens, as imagens não muito, as fotos, as reportagens, as coisas, a gente começou a ver que pô, que o negócio era já tava mais evoluído, que o negócio era muito divertido. E aí aconteceu tudo isso, começou a evolução do skate e logo muito prematuramente, mas isso foi muito prematuramente, aconteceu em 76 o primeiro campeonato itajaiense de skate.
- [02:57]
- Foi um dos primeiros campeonatos que teve no Brasil, São Paulo. não, eu não, não, não posso dizer isso, mas é um dos primeiros, assim, pouco, teve poucos os campeonatos que tiveram antes desse em 76 no Colégio Salesiano em Itajaí. E no ano consequente também teve o segundo campeonato itajaiense de skate, que foi no ginásio recém ginásio de coberto, ginásio de esporte coberto, que foi o segundo do estado de Santa Catarina, construído.
- [03:25]
- E depois daquilo, o skate pegou gol. Criou forças. E daí rolou no Clube 12 de Agosto, um clube que é muito conceituado, tinha uma série de campestre que era lá no Jurerê e pegaram e meteram lá uma pista lá no Dal Rio assim, Sneicão, uma coisa assim louco, cara. E daí ali começou a acontecer tudo.
- [03:48]
- Aconteceu o primeiro campeonato cidadão de Florianópolis e depois de três meses o primeiro campeonato catarinense de pista, o qual me tornei primeiro campeão, da categoria Júnior, era só duas categorias: Júnior até 16 anos e sênior a partir de 16 anos. É, aconteceu o primeiro Campeonato Catarinense e depois, claro, para terem uma ideia como o estado de Santa Catarina sempre foi muito evoluído nos esportes radicais, apesar da gente não ser conhecido antigamente.
- [04:17]
- Sabia-se que Santa Catarina era entre o Paraná e o Rio Grande do Sul. Blumenau e o Campo Limpo mesmo ninguém nem sabia, não encostava no mapa. Mas daí, é, aconteceu depois de três meses ainda o primeiro Campeonato Brasileiro de Skate na mesma pista. Então, olhe só, o primeiro Campeonato Catarinense Skate é com seu três meses antes do primeiro Campeonato Brasileiro de Skate.
- [04:42]
- Então, isso eu acho que é um mérito muito grande para Santa Catarina e pro esporte de Santa Catarina. E depois aconteceu também no mesmo dia de 12 de agosto, nesse primeiro aí realmente foi é quando todo mundo se encontrou a galera toda do skate, cara, a gente viu realmente o que o esporte era e o que ele já já representava no Brasil para essa juventude, para essa galera da

paz virada, o qual eu faço parte e todos os amigos que eu fiz que são amigos que vai ser para eternidade.

- [05:09]
- Eu esqueci sem essa característica, de fazer amizades, amizades mesmo, cara? Coisa um esporte muito verdadeiro. E daí nesse primeiro campeonato realmente os catarinenses levamos uma língua dos paulistas. Porque a gente andavam o nosso skate, só que, porra, lá, bem mais evoluído. Levamos uma língua, mas no segundo campeonato já virou negócio.
- [05:32]
- Daí os catarinenses já treinaram mais, daí foram, daí ali no Clube 12 a história do skate deu uma baixada, porque no Brasil inteiro deu uma baixada. Depois ressurgiu de novo. Mas o que eu tenho para falar do do do de tempo de tempo 12 era é isso, foi um áureo tempo.
- [05:50]
- Ficávamos acampado lá, um bando de de, de criança, de rapaz pequeno e sempre assim, sempre abençoado por Deus, sempre curtindo, sempre vivendo bem e é isso aí. Nunca deu nada de errado, sempre deu tudo acabou certo. Por mais doido que a turma fosse, tudo sempre acabou bem certinho.
- [12:49]
- Daí comecei a o meu irmão fez uma uma rampinha para nós, a primeira pista com quatro contentores. Eu era muito pequeno, eu tinha 11 anos. Daí daquela lá, o meu pai disse para mim tirar a pista de lá e botar na frente do prédio, lá em Pau Nery Camburiú. Daí ali eu comecei a prender, a martelar e a serrar. Daí eu vivia com o skate no pé, o serrote e martelo no outro e pau e pau andando e montava a pista e montava e desmontava. E daí começou um negado ali de construção de pista incessante.
- [13:17]
- Meu pai também construía, então tinha matéria prima tinha era só pegar, compensado e madeira, tudo. Então daí fazíamos e aí, o skate foi evoluindo. As primeiras rampas eram com ângulos oblíquos, que a gente não tinha acesso às informações, como eu lhe disse, da skateboarder. A gente ainda não tinha visto as skateboarder, não tinha folhado as os RAM, as as as as revistas especializadas, que a gente poderia ter uma noção do que era o skate, a gente ia por instinto.
- [13:47]
- Daí quando veio o skateboarder, já começamos a fazer rampa com transição, daí com coping, depois plataforma, daí foi evoluindo, depois of pipe. Então foi toda uma evolução. Foi tudo assim, e tudo meio que incentivo inspirado um pouco na skate board, no que os amigos falavam quando se encontravam.
- [14:06]
- Ainda era mais era boa vontade mesmo, a encarnação de, de passar o tempo fazendo aquela loucurada, e pá, pá, legal, ver os amigos, daí um caía, ria, pá, aquelas coisas, cara? Aquelas coisas de um mundo pequeno. E continua até

- Que a gente estava ali para se divertir, estava competindo mas nem estava aí para competição, mas eu queria fazer amizade, abraçar um outro e curtir, conhecer gente de fora, desenvolver um pouquinho skate, mas eu por mim assim eu não tinha esse negócio assim, depois que eu comecei a adquirir tipos eu até gostei, me deu vontade de ter cada vez mais, eu acho que em qualquer um é assim, mas era mais era é a corticeira, pela vontade de viver a vida assim intensamente, entende?
- [27:08]
- Assim até um pouco fora de casa para ter um pouco mais de liberdade, não sei se me entende, mas era isso aí, era mais preparo assim não tinha muito não. A gente se inspirava nos melhores, né? Despirando um outro como até hoje, continua a mesma coisa, skate continua a mesma coisa, skate de 1970 ele continua mesmo muito mais evoluído, mas a questão assim do do geral assim Eu imagino que ele continua original, pois o original não se desoriginaliza.
- [27:37]
- E o skate é um esporte muito original, tanto quanto o surf, tanto quanto o vôlei.
- [27:45]
- Cara, foi muito legal, foi muito legal. O que eu me lembro muito, eu tinha eu tinha um discotecário, a pista era um snecão, assim, era um snecão e era um grau de dificuldade, pronto, da nela, entendesse, era bem bem punk. Se deixava o vôlei ia parar lá na na de Campestre.
- [28:09]
- Mas que eu me lembro muito bem é a questão da música, que o amigo Joanito já sem saber, ó, eu tô ali, ó, aquele palco ali, ó. Agora tu vai lá na pista, tu vai lá, ele era meu amigo, ele também era de bom né, que o Murillo era o discotequeiro, né? Porque eu não chamava DJ nada, era o discotequeiro. Quem botava música era o discotequeiro. Tu vai lá, eu vou botar uma música para ti, para tu andar uma música especial. Aí eu fui na hora que eu descí, ele botou, cara, isso, mulher, cada vez que eu escuto essa música me arrepio.
- [28:33]
- E eu sempre me lembro que essa música que eu já falei, que é Pau Desberto Gil, Subo Nesse Pau, com minha alma cheia como bung bung de Cara, aquilo ali para mim, assim, eu quase troquei a garrafa quase assim chorando que eu entendi a mensagem da música, entendesse? Isso me gravou muito, muito, muito, muito. E as competições entre os amigos, né?
- [28:52]
- A competição entre os amigos sempre acabava em festa, em confraternização, nunca teve rinha, não importava quem ganhava, quem perdia, o que importava é que e daqui alguns meses nós iremos estar junto em outro campo que possivelmente estariam abrindo outra pista, que nem foi o caso de Tubarão, depois da enchente, transformado o Chafariz em pista

também, participamos lá, aquele foi assim bem tendo assim um dos últimos campeonatos catalães da época, de 70, porque depois disso deu um esqueci deu uma desimada e depois ele voltou com tudo com a turma do Ralf Pipe, do Vertical, no começo dos anos 80, daí entra Miguel Catarina, daí entra Cosari, daí entra Marcio Testoni, daí entra toda essa do Lincoln Moer, Tio Liba, toda essa turma dos anos 80 que nos sucederam.

- [42:48]
- Eu imagino que é por isso que aqui especificamente no Rio Tavares que tem um ponto e sete por causa disso, por causa do Pedro que alavancou que trouxe que foi tipo assim o farol ele mostrou como é que era a coisa que tinha condições de ultrapassar divisas. Ver E a galera pirou, porra, o cara tava certo, o cara tava certo.
- [43:16]
- Olha só, tá vivendo de skate, tá com tudo, tá com fone, esquece de vida. E daí começou e a evolução do skate, eu imagino que ela acontece justamente por isso. Se tu tens uma turma que treina forte, não pode ficar para trás, tu vai, daqui a pouco tu desconecta, tu tens que acompanhar. Então eu acho que é isso, eu acho que foi da da vontade das pessoas mesmo. Entende? De querer praticar, mas não pensando em campeonato, Olimpíada, em nada.

BLOCO 3 - SAGUI

- Foco: O skate como identidade, arte e convivência — mais do que esporte, um modo de vida.
- [11:14]
- Já é meio do ponto, assim, é meio irreverente, então nós não queria nem saber se demandava um foda-se. Eu não queria nem saber, cara? Os pais aconselhavam, falavam, não não não incentivam o meu pai, inclusive, se me permite falar, era um dos únicos que sempre incentivou muito, sempre, mesmo sabendo, não um dos riscos que ele ia ter, aí não existe. Mas é, fomos muito o esporte foi muito marginalizado, como eu já falei.
- [11:41]
- Mas enfrentamos isso através da radicalidade, da radicalidade. Íamos lá doido mais pouco, é um doido que sobe numa rampa de 3 m, vai lá em cima e volta e dá um ar e sai voando, não é doido mais consciente também. Não é Então era isso, isso daí que que aconteceu na época.
- [16:50]
- Isso a gente tá falando é da raiz do skate. E a raiz do skate, ela é isso. Ela é isso. Ela é amizade, ela é companheirismo. É difícil tu ver um skatista andando sozinho. Tem graça a gente andar de skate sozinho.

- [17:14]
Até tem, mas entendes que o apesar de ser um esporte individual, é legal ser praticado em grupo, porque aí é que acontece o desenvolvimento. Porque tu se inspira no amigo: "Pô, o cara conseguiu, eu também vou conseguir". Aí você era aquela competição de sadia. Isso daí só aumenta o nível do esporte, tanto que eu acho que é isso que fez do skate, tá fazendo o skate que O skate foi coisa fora de série na Olimpíada, né, cara?
- [17:42]
Primeiro esporte que neguinho perdia e o adversário vinha e abraçava e beijava e chorava junto. Aquilo ali impactou eu acho que o planeta inteiro, né? Aquilo ali foi muito legal para quem é esquirista ver não a competição em si, mas sim o que aconteceu depois da competição da entrega da premiação. Aquilo ali é uma coisa que só no skate acontece. Em outro esporte, infelizmente, quem pratica outro não tem mais cara. Isso é só no skate. E isso é raiz. O skate é isso.
- [18:08]
- Que no skate lá no começo era só os pavirada mesmo, surf. Era só os pavirada, entendesse? Minha mãe me dava conselho: "Ó, nem todos maconheiro é surfista, mas todos surfista é maconheiro". Daí foi a vida inteira foi escutando isso e minha mãe não tava muito errada, entendesse? As nossas mães não tava muito errada, mas mudou, tudo mudou, evoluiu, entendesse? Hoje tem muita coisa atrás disso, né, cara? É muito Tá coisa atrás, né?
- [19:22]
Isso faz parte da cultura do skate, assim como outros aspectos como música, arte também estão muito presentes é um esporte que tem corpos. Ele também fala sobre cultura, ele também fala sobre eh companheirismo também fala sobre carceraria. Eu queria que tu falasse um pouco sobre as influências artísticas do skate desde a minha época.
- [19:44]
Ah, e o que eu posso dizer a respeito disso, cara, que quando a gente começou a andar de skate, porque aquele tempo todo mundo era desligado do mundo, não, os meios de comunicação demorava as informações para chegar aqui, as revistas, roupa, tudo, os equipamentos, tudo demorava muito. Então, nós era desligado e já desde o começo, a música já entrou junto nos primeiros campeonatos, já Tá sem saber, entende? Que era assim que funcionava.
- [20:11]
Já rolava som, o discotecário Joanito lá na na no Clube 12 de Agosto e botando som, só os melhores som. Então, isso daí fez com que o negócio ficasse assim mais bacana, entende? Não era ali tu tu tinha acesso à cultura, que nem pô, novos novas bandas que ia Pois justamente nessa época onde houve a explosão cultural no planeta, depois do estoque, né?

- [21:02]
Ah, falo de skate, cara. Peter Franklin, ele me marcou no porque primeiro campeonato eu fui na na trilha sonora de Show Men Way de Peter Franklin na época 77.
- [21:20]
posteriormente com o Idols e o Razo, daí quando lançaram o disco do Gilberto Gil, Paulo também, Sonzeira, mas falando em Sonskating, Bob Dylan, Crosby Stills e Rock and Roll, também não sou muito de rock pesado, mas eu escutava muito na época essas essas músicas, essas bandas, muita música popular tudo por influência dos meus irmãos.
- [22:11]
Chutou o balde, chutaram o balde, a a juventude chutou o balde e disse: "Não, cara, vamos viver, vamos viver, vamos vamos levar e não vamos levar mesmo a vida de os nossos pais, não que era ruim ou errada, mas com outra concepção, com uma mente mais aberta, não sei. Mas é evolução, né? E depois disso não parou mais de evoluir. É muito louco.
- [23:45]
Depois ali que começou, começou e como eu já disse, não vai parar nunca o crescimento o desenvolvimento da tecnologia muito grande. Antigamente para meu para para para um disco que tinha nos Estados Unidos lá para a gente escutar demorava 6 meses. Um Pink Floyd, que a gente sabia que tinha saído lá, chegava aqui depois de 6 meses na banca. As revistas, a skateboard, surf board, chegava, não ficava 2 dias na banca, não ficava 1 dia, esvaziava. Quando chegava era uma loucura.
- [24:12]
Olha, ainda todo mundo era um vendia mais do que revista de mulher pelada, revista em dia muito. Vendi muito. Nós comia aquelas página e daí cortava as coisinhas, botava com com papel contact porque não tinha adesivo. Não daí botava no skate Simes, Criptonix, Alva. Era massa para caralho.
- [24:44]
É, antigamente era meio que na marra contra muito contra os pais, contra toda a sociedade, entendeste? Então é isso, é a questão da irreverência do esporte. É o que faz eles fez ele permanecer e se tornou o que se tornou olímpico.
- [30:03]
Eu acho que o legado que deixou mesmo é essa raiz, essa raiz que continua até hoje que a gente viu na Olimpíada, que a gente vê aqui todo dia, que a gente vê em qualquer pista de skate do planeta. Neguinho cai, tu vai lá socorrer, Neguinho acerta e é, tu vai lá entender.
- [31:33]
Tem, procura, eu vou pedir para você, eu vou mandar para você. Tá. Tá bom? Depois Tá. eu Depois a gente Tá. muito legal, esse depoimento é muito legal.

- [39:29]

Isso aí para mim é é assim é inacreditável, né? Pela devida vida que eu levei um um lugar quando eu me meti e ter conseguido sair e toda essa luz, né, respondencia assim na minha vida, porque para mim isso que é luz. Para mim isso aqui, ó, isso aqui isso aqui para mim é que é vida. Skate para mim é skate, o esporte radical, qualquer assunto. A vida, o ar livre, acampamento, isso vai caminhar melhor do que ficar num buraco trancado. Se liga, galera. A vida Vida, ó, é curta.
- [41:18]

Então, o que que tu acha que é o diferencial de Florianópolis que faz a cidade criar talentos como isso? Cara, na questão do skate, eu acho que tem um mérito de uma pessoa aí, cara, que é do Pedro, né, do Pedrinho, do Pedro Barros. Ele tá trazendo ele traz a galera. Eu acho que ali nesse movimento todo Eu acho que ele foi um, ele é, foi, não, ele é uma pedra angular, entendesse?
- [43:45]

Tudo forçado, tudo sem propósito, cara. Só pela amizade, pela diversão. Só pela diversão. O resto aconteceu tudo naturalmente. Imagina que foi tudo naturalmente. Porque se não fosse naturalmente, não perpetuava. Entendeste? Eh, perpetua, continua, porque o negócio é natural. Tu chega aqui 2 horas da tarde, a gurizada tá andando ali, campeão olímpico, atleta olímpico, tá andando ali, tá andando lá, tá treinando, tá se forçando.
- [44:15]

Não é só, entende? Tem também que dar um pouco do couro, né? Porque competição não quer comer o outro, né? Mas a amizade continua a mesma. Ninguém tira o couro para não machucar, só dá uma lengadinha, vai tirar o couro ou não tira? Vai te dar um corte.
- [30:03]
- Eu acho que o legado que deixou mesmo é essa raiz, essa raiz que continua até hoje que a gente viu na Olimpíada, que a gente vê aqui todo dia, que a gente vê em qualquer pista de skate do planeta. Neguinho cai, tu vai lá socorrer, Neguinho acerta e é, tu vai lá entender Eh, o o padre Léo, uma mulher minha esposa assim, um certo dia saiu de lá e tá olha aqui, ó, um negócio do padre Léo, uma palestra.
- [30:30]
- Daí ele falando lá, esquirista é o o cara de base, que eu conheço na vida, o padre, um padre falando: "Ué, por quê? Esquece isso, é, porque ele vai lá e tenta uma manobra, ele não consegue. Ele só vai desistir, só vai desistir depois que ele acertar. Se ele tiver que tentar 1.000 vezes, ele vai tentar 1.000 vezes. Isso é o maior sinônimo de fé. Porque fé é a certeza das coisas que não se vê e a convicção das coisas que se esperam.
- [34:09]
- Então, isso para mim eu não sei dizer como um milagre, um um milagre que Deus usou o skate ferramenta foi o biscate. Ele sabia onde tava o meu

coração. Ele conhece, ele me conhece o coração de cada um. Ele sabe onde tá onde tá a nossa salvação, não tá a nossa perdição. E o lugar aqui me salvou realmente. A galera toda, o Rafa, todos os meus amigo aqui me ajudaram muito nessa minha mudança, entendeste?

BLOCO 1 — FORMIGA

- Foco: apresentar a origem do sentimento pelo skate, a ligação entre o surf e o skate e a dimensão espiritual da prática.
- [00:12]
- Depois que eu peguei a primeira onda, eu comecei a surfar. Eu era um garoto de São Paulo, não tinha casa na praia, e depois que eu peguei a primeira onda, a onda embalando a prancha, eu queria sentir mais vezes. Só que eu morava em São Paulo, longe do mar.
- [00:35]
- A solução foi andar de skate para reproduzir os movimentos e as manobras do surf, inicialmente no asfalto, depois no concreto. E eu me especializei em pista, porque surgiu uma pista em São Paulo que foi histórica, o Wave Park.
- [00:58]
- Essa Ela é muito à frente do tempo, foi um uma oportunidade incrível para a gente evoluir num esporte que tava começando no Brasil, que era o skate em pista, o skate em vertical, ah, e e aí eu treinei bastante, comecei a treinar, me identifiquei, comecei a ter um destaque, fui o primeiro brasileiro a começar a tirar as rodinhas do concreto, dar o aéreo.
- [01:24]
- Isso me colocou numa posição um pouco diferenciada, ah, Ah, para o momento que teve o primeiro Campeonato Brasileiro de Skate, que foi em Florianópolis. Ah, 1978. Essa época eu tinha 15 anos de idade. Hoje eu tenho 62. É, foi incrível porque foi a primeira vez que eu larguei a barra da saia da minha mãe para ir viajar.
- [01:50]
- Autorização no juizado de menores, entrei no ônibus, acordei na ponte Hercílio Luz. Parecia que eu tinha ido para o Havaí, era foi muito marcante isso para mim. E o muito louco que eu cheguei em Florianópolis para ficar na casa de uma pessoa que eu não conhecia na Lagoa da Conceição, ela não tava. E eu fiquei desamparado.
- [02:43]
- Fiquei com muita apreensão, era uma criança. No dia seguinte peguei o ônibus no centro de Florianópolis para Jurerê, onde tem o Clube 12 de Agosto.
- [02:58]

- Bom, e aí comecei a treinar comecei a me dar bem, consegui começar a acertar o aéreo que eu tinha eu tinha aprendido eh meses antes em São Paulo e tinha me tornado o primeiro brasileiro a dar essa manobra aérea, né, no país e foi muito bacana, porque durante os treinos eu já comecei a me destacar e venci o primeiro Campeonato Brasileiro de Skate Pist em 1970.
- [03:30]
- 88 aqui em Florianópolis, né? E foi o primeiro brasileiro a dar o aéreo em competição. Isso simplesmente mudou minha vida e direcionou ao que eu sou hoje. Eu sou um esportista profissional com 50, praticamente 50 anos de de dedicação, de amor por pelo esporte. O esporte é muito mais do que uma atividade física, de entretenimento. É minha religião. Eu sou uma pessoa Eu sou um aficionado por diversas modalidades.
- [05:53]
- Aí eu falei: “Não, eu quero morar em Floripa porque lá é um lugar excelente para produzir.” Eu estava envolvido com jornalismo esportivo, tinha um programa e morar em São Paulo não tinha nada a ver. Era tudo difícil. Falei: “O Rio de Janeiro todo mundo tá no Rio. São Paulo não dá. Eu vou para Floripa, aquele lugar fantástico.”
- [07:16]
- Sem dúvida nenhuma, Florianópolis é o lugar mais legal para quem gosta de esporte, seja na terra, na água, no ar. Tem parapente, tem asa delta, tem a Serra Catarinense. Aqui super perto a gente tem lugares fantásticos para surf, skate, voo e outras modalidades. Os surfistas são os mais fortes, eles têm uma ligação natural.
- [07:55]
- Aqui atrás, onde a gente tá, foi onde o skate voltou a ter aquela pegada de areia de praia, porque tinha virado um skate muito urbano.
- [09:04]
- Esse conceito de fazer uma pista para se divertir, ninguém tava preocupado com dinheiro, ninguém tava preocupado com nada, era simplesmente continuar aquela essência de reproduzir as manobras do surf quando não tivesse onda ou depois de surfar, para compartilhar bons momentos com os amigos.
- [09:28]
- O skate realmente ficou muito forte aqui e isso gerou uma nova geração. Teve o André Barros, o Léo Caquinho, o Rafa, entre outros. Daqui a pouco o André Barros teve um filho que chamava Pedro Barros. Antes de andar a pé, já tava em cima do skate. Isso foi fortalecendo e tornando o esporte visceral na ilha.
- [10:17]
- Aí começou, aí voltou o skate na pegada sol, praia, mar, skate E a turma veio chegando devagar e principalmente essa turma do RTMF foi a que direcionou o novo lifestyle do skate no mundo. Não é só é Santa Catarina, Brasil. Só que virou o objetivo, né?
- [10:45]

- Eu fui a primeira fui da primeira equipe a competir na Califórnia em 1979. Era o sonho. Hoje mudou, hoje não é o sonho de ir para Califórnia. Eu sou eu californiano, vim para cá. Então, é fantástico porque a natureza conspirou a favor, sabe? O momento conspirou a favor do skate e tornar isso aqui um centro internacional, um centro mundial, né? Super respeitado
- [11:14]
- E aqui é um centro não só de treinamento, mas de cultura skatista. O ambiente, o universo de skate é muito maior do que apenas as manobras.

BLOCO 2 — FORMIGA

- Foco: o início do skate como extensão do surf, as dificuldades, a falta de estrutura, o preconceito e os primeiros campeonatos.
- [15:06]
- Só o final, eu não entendi. Ah, tá legal, entendi. A nossa geração foi uma geração de descobrimentos.
- [15:25]
- skate eh não tinha manobra, não tinha equipamento, não tinha nada. A gente começou, por exemplo, o meu apelido veio por conta de eu não ter um capacete de skate era coisa de menino rico, então eu peguei um capacete de moto. As joelheiras eram as piores possíveis de feltro, as joelheiras usava no voleibol, era tudo uma adaptação.
- [15:52]
- O Wave Park foi um laboratório muito importante, porque deu a oportunidade de a gente ser obrigado a aproveitar aquela loucura que foi aquele projeto. Era um projeto arquitetônico de skate para a época, final dos 70, começo dos 80. O ser humano ainda não tinha absorvido o posicionamento corporal em paredes verticais.
- [16:49]
- Logo depois que os americanos faziam as coisas, as manobras, a revista era editada, demorava dois meses para chegar no Brasil. A gente olhava e tentava reproduzir. A gente se fortaleceu em cinco pessoas que eram os carinhas da equipe Wave Boys, da equipe Wave Park.
- [17:17]
- Era uma menção aos Z-Boys, da Califórnia. Tinha os Dog Town lá e os Pig City em São Paulo. Isso uniu a gente. Viramos simplesmente os imbatíveis. Era difícil ganhar da gente, a gente tinha a melhor pista para treinar.
- [18:31]
- Naquela época, os únicos esportes que existiam eram futebol e esportes olímpicos. Ninguém valorizava esportes mais radicais. O surf era visto como coisa de vagabundo, rebeldia pós-hippie. O skate era de vagabundo urbano. Eu sofri pouco isso, porque meu pai era esportista. Uma vez, meu tio me maltratou por eu estar de roupa de skate, e eu chorei muito. Mas isso fez parte da época.

- [21:07]
- Era o Clube 12, uma pista muito louca, ela era muito ruim a pista, na verdade, perto da nossa, porque ela era muito áspera e umas que não faziam muito sentido e tinham dois lugares que faziam as que dava para fazer a manobra, né? E era muito técnico, muito difícil para a época, porque era rápida.
- [21:31]
- Ah, depois do segundo ano em 79, aí eles melhoraram, fizeram um rampão lá no fundo, mas isso não não foi obstáculo. Por quê? Eh, tava todo mundo curtindo, tá no primeiro Campeonato Brasileiro e a gente se adaptou à pista. Foi super desafiador, mas muito difícil para aquele momento.
- [21:50]
- Então, ah, agora depois que aí começou o esporte se desenvolver, né, o Clube 12 mesmo foi melhorando, a pista eles foram fazendo rampas e dando uma aumentada, onde esses dois primeiros campeonatos foram muito importantes para para o início do skate aqui na ilha.

BLOCO 3 — FORMIGA

- Foco: o skate como expressão de liberdade, prazer e convivência; o legado das gerações e o papel de Floripa como capital simbólica do skate.
- [18:31]
- É, naquela época, os únicos esportes que existiam? Era futebol e alguma e esporte olímpico, né? Ninguém valorizava nenhuma outra forma eh de esporte mais radical. Por exemplo, o surf.
- [18:52]
- O surf era o sinônimo de esporte de quem ia para a praia para ficar vagabundeando, para né, era uma rebeldia muito pós aquela época do dos hip. do estoque, ainda tinha um pouco essa associação. O skate era de vagabundo urbano. É, eu sofri pouco isso porque eu também nem me encanava , eu não tava muito preocupado.
- [19:21]
- Meu pai era esportista, então ele também não me cobrava para eu não ser skateista ou não ser surfista. Então, eu nunca liguei muito para isso, sabe? Com exceção uma vez que eu saí da de skate. Meu tio, eh, chegou para mim numa festa, óbvio que eu tava com roupa de skate e ele me maltratou por eu estar mal vestido.
- [22:28]
- Eu voltei para Florianópolis para morar em 2000. Quando o bowl do Pedro Barros ficou pronto, eu falei: “Cara, eu vou voltar a andar.” Eu já tinha voltado algumas vezes, mas quando eu vi que o André Barros fez um bowl, que era um sonho de consumo, um lugar sagrado para quem gosta de andar de skate, eu retornei. Já tinha mais de 40 anos. Passei os meus melhores anos no esporte aqui em Florianópolis. Nunca andei tão bem. Hoje, com 62 anos, ainda tô na ativa.

- [23:51]
- Eu não acho que a minha geração contribuiu para nada, acho que foi uma outra um outro momento que foi natural. O skate sempre existiu, era um uma ferramenta, um instrumento esportivo de cara muito fácil, prático.
- [24:41]
- Não, não deve nada. Simplesmente outra época, outro momento e o skate permanece hoje no nível nível muito maior, porque é um esporte fantástico. Eh, tem um lado artístico, expressão corporal. Então, uniu eh várias competências para uma pessoa. Tem que ser sério, tem que treinar, tem que cair, levantar aquela coisa, né?
- [25:58]
- E também como eh sobre o caminho para as gerações agora agora estão arrasando. É, ah, veja bem. É, veja bem, a a nossa geração, a primeira, foi importante. Mas praticamente o esporte acabou algumas vezes depois disso. Eu fui para outro esporte, fui ver o Adidas Delta, fui pegando da grande, fui pegando tudo que é caminho. E voltei duas, três vezes andando esquentes.
- [26:29]
- Eh, o RT MF, a galera era foram os primeiros a a vir para cá, eh que depois receberam eh essa essa denominação, né, de RTMF, que eram amigos que queriam simplesmente curtir, foram trazendo pessoas, o negócio foi fortalecendo naturalmente. Eh, claro que se eles não tivessem feito isso aqui, o skate de repente ia ser diferente na ilha.
- [26:59]
- E principalmente, ia demorar, talvez não tivesse essa relação tão forte quanto aqui em Florianópolis tem, porque é o único lugar, meu. Nem no Rio não é tão forte essa pegada de surf skate como é que é a essência, como é que em Florianópolis. Isso sim, o RTMF foi o que botou ali, assinou, recolocou água salgada, areia de praia no esporte, né?
- [27:25]
- Então, esse lugar por tá tão perto da praia, eh proporcionou isso, né? Então, eu acho que realmente a turma dos pioneiros eh do skate aqui do Rio Tavares, que depois se tornou RTMF, são os caras que tão à frente aí que merecem mais mérito do que qualquer outra geração..
- [28:41]
- Florianópolis é um grande centro de treinamento pela quantidade de pistas que tem aqui. A cidade absorveu muito bem o skate.
- [29:43]
- Entre várias pistas particulares, como a High Adventure, e pistas como o Parque do Abraão, Florianópolis se tornou o destino mais importante para quem quer evoluir. Aqui tem os melhores atletas, as pessoas mais sérias e boas pistas para botar em prática, seja no Street, na Trindade, ou no Abraão, que é um skate park de padrão internacional.
- [30:08]

- Porque aqui além de ter os melhores atletas, as pessoas mais sérias tem boas pistas para realmente botar em prática, né? Seja no Street como a Trindade, seja no no Abraão que é um skate park de padrão internacional, seja nessas pistas que são espetaculares como o centro de treinamento do Pedro Barros, aqui na High Adventure. Então, Então, isso, sem dúvida nenhuma, o que é mais importante para tornar Florianópolis um grande centro. O apoio também de entidades, né, seja prefeitura, seja todo mundo que tá visualizando o sucesso do skate olímpico agora. Quem vem a medalha de ouro

BLOCO 1 — JACA

- [00:13]
- Eu sou o Rodrigo, galera me chama de Jaca. Eu sou aqui de Floripa. Nasci aqui. Comecei a andar de skate em 1988.
- [00:30]
- Meu pai foi trabalhar em Criciúma, aqui em Santa Catarina. E aí comecei a andar de skate lá, por um amigo que estudava comigo no colégio. Naquela época tava surgindo o skate para aquela geração, final dos anos 80. E aí lá que eu comecei a andar. Logo em seguida, em 1989, 1990, voltei a morar em Floripa. Sempre morei ali em Coqueiros, no Continente, e continuei andando de skate. Foi ali que conheci a galera daqui que já andava.
- [01:00]
- Fui me envolvendo cada vez mais, largando bike, videogame, as coisas que tinham na época. Eu tinha uns 15 anos e fiquei só no skate. Dali pra frente nunca mais parei. Andei, participei de campeonatos, fui profissional durante uns dois anos, tentei viver de skate, mas continuei andando, fazendo outras coisas da vida.
- [07:51]
- Aqui em Floripa, o pessoal da High Adventure, o Rafael, o Neto, essa turma das antigas, fez surgir aquela nova cena. O Adriano, o Eduardo, o Dranho, que é o irmão do Eduardo, que veio pra cá com a Drop Dead em 93. Eles nos apoiaram bastante. Foram eles que fizeram tudo isso aí ser como é hoje.
- [09:07]
- Essas pessoas que vieram pra cá se juntaram aos que já estavam, com esse sonho. Uns vieram pra surfar, outros conheceram o skate e foram se mantendo unidos em volta desse objetivo. Às vezes o cara nem tem um objetivo de chegar em algum lugar, mas tá ali curtindo aquele momento, e aquilo vai se espalhando, vai se expandindo pra outras áreas, se tornando influente pra todos.
- [09:56]
- Pode ter uma pista gigante aqui, mas não tem ninguém andando porque o pessoal não tem uma coisa juntos. Mas se tem uma turma que tá na mesma

vibe, pode ser um caixotinho na rua, uma rampinha de madeira, o pessoal já consegue. Eu vejo isso: é pelas pessoas mesmo que tão nessa vibe até hoje.

BLOCO 2 — JACA

- [01:28]
- Olha, aquela época praticamente não tinha pista, né? O que tinha era o Clube Idoso, né, Jurerê e o Vulcão aqui no centro. Que eram pistas assim bem diferentes, né, dos padrões de hoje. E a gente usava aquilo ali, quem podia ia até o 12 andar, quem não conseguia ficava mais aqui pelo centro, andava no Vulcão.
- [01:56]
- A gente andava na rua, nas calçadas, ou às vezes alguém fazia uma mini-ramp de madeira em casa, aí todo mundo corria pra lá. Às vezes uma rampinha numa calçada, um caixote, já virava uma festa. Uma coisa que me lembro bastante e que influenciou foi os campeonatos que tinham.
- [02:22]
- Uma época o Daniel Regis Careca organizava os campeonatos no Balneário do Estreito. A primeira vez que fui assistir, tava com medo, com vergonha. Mas era um negócio mágico. Chegava e ficava babando vendo os caras andarem. Isso foi provavelmente em 1989.
- [02:47]
- Depois, no final de 1989, fui no Clube 12, também tinha um campeonato acontecendo. O Cristian Rosa, um amigo nosso, fez na época. Veio até o Bob, os caras de São Paulo, que eram os melhores da época. Aquilo também foi muito legal, foi mágico. Até hoje eu escuto as músicas que rolavam e lembro. Isso me fez andar de skate até hoje.
- [06:10]
- O skate passou por várias fases. Teve os anos 70, os Dog Town, aquela coisa lá nos Estados Unidos. Aqui teve algo parecido, nas proporções do Clube 12. Depois, no final dos anos 80, era a época que eu comecei a andar, com o pessoal do vertical, o Weda, o Genaro de Vique, o pessoal do vert. Quando comecei, o vertical deu uma parada, o pessoal começou a andar street, da minha geração. As manobrinhas no chão, correndo em mão, caixotes.
- [06:34]
- Aí, o pessoal daqui, sei lá, o Weda, eh, até o Genaro de Vique aqui de Floripa. Pô, um monte de gente do Vert, ali, né? E aí, bem nessa época, quando eu comecei a andar, que era o esse segundo boom ali, isso eu falo por mim, né, que foi as coisas que eu presenciei. Então, ali o vertical, ele deu uma parada, o pessoal todo começou a andar street, que era da minha geração, por exemplo, as manobrinhas no chão, correndo em mão, caixotes.
- [07:03]

- Depois disso continuou uma outra fase, até os anos 2000. Teve altos e baixos, mas ali a coisa começou a evoluir de forma mais contínua. Hoje é muito mais consolidado. Naquela época, diziam “o skate morreu”. Não tinha campeonato, não existia mais. A gente ficava desanimado. Mas hoje é diferente, não tem mais como acabar, tem muita gente envolvida.
- [11:19]
- Pode É É. É, eu acho que assim, no meu caso isso, nas coisas do vídeo. Outras pessoas, por exemplo, que construíram lá o Clube 12 na época. Pô, se eles não tivessem tido aquela, né, loucura lá de ter feito: "Ah, vou fazer, não sei quê, vou pedir para o eu conheço o dono, eu conheço o diretor do clube, meu pai conhece o cara da construtora, sei lá, tô dando um exemplo, né?
- [11:47]
- Os caras do Clube 12 pegaram uma revista gringa, olharam a pista e fizeram parecido. Fizeram isso em 1978. Eu fui andar naquela pista por quase dez anos. Aquela pista me fez aprender skate. Se eles não tivessem feito isso lá atrás, eu não teria chegado onde cheguei.
- [20:01]
- O Snake foi construído em 78 e o Ralf em 89. Foi inaugurado com um campeonato. A gente conseguiu digitalizar o vídeo desse campeonato. Também conseguimos o vídeo do primeiro campeonato de 78. Aí foi juntando tudo. Começamos em 2009 e fomos reunindo fotos, vídeos, matérias, entrevistas. Foi um quebra-cabeça com muita coisa
- [28:41]
- É. Ah, uma foi legal, foi assim, ó, descobrir que eles tinham um primeiro que alguém um dos meninos na época lá, da gurizada dos anos 70, ele tinha, acho que um tio, algo assim, que era diretor, algum cargo lá do Clube 12. E ele que deve ter falado um tio, vamos dá um jeito de fazer uma pista. Vou olhar lá na Califórnia o que que tá rolando, não sei quem, tal, tal, tal. Aí eles deram um jeito, não, vamos fazer então, beleza.
- [29:10]
- Tá, mas pista, como é que a gente vai fazer? Aí eles pegaram uma revista, e foi isso que ele ficou a cara a conta ali no meu comentário. Pegaram uma revista gringa daquela que tinha uma app e tinha uma pista lá que se chamava Skate Cross. Que era, sei lá, em Califórnia, não sei exatamente que cidade. Aí, tá, ele me falou isso contando, aí eu falei: "Não, vou agora pesquisar, né? Eu botei no Google lá, Skate perfeitos, não sei o que, comecei.

BLOCO 3 — JACA

- [14:28]

- Continuava no skate, mas fui trabalhar com outras coisas. Muitos amigos foram trabalhar com vídeo também. Depois a gente começou a fazer uns vídeos de zoeira, umas palhaçadas, o Mama Cavalo. Por fim veio a história do documentário. Vamos fazer algo pra deixar uma história contada. Foi essa a história do Clube 12.
- [15:21]
- O mais legal de tudo foi o lançamento. Conseguimos colocar no cinema, no Beiramar Shopping, graças ao Maurício Borges, o César Girão e o Cristian Rosa. Foi legal, uma festa.
- [16:11]
- A gente conseguiu definir o foco: fazer o documentário da pista do Clube 12. Ela foi construída em 1978. Fomos investigar a história, e era uma história gigante. Contamos o foco da nossa visão, o que sabíamos e fomos descobrindo ao longo do tempo. Quando o Girão deu o aval, percebi que estávamos no caminho certo.
- [24:58]
- Hoje a gente pode andar até na Praça da Alfândega. Tem uma placa lá, permitido. É uma coisa comum. A cidade evoluiu. Eu até fui uma vez numa reunião, estavam o Girão, o Pedro Barros, o Eduardo, o Keoni, o menino que faz vídeos de street. Eles fizeram esse movimento pra liberar o skate durante a pandemia. Conseguiram. Foi muito massa
- [27:12]
- Nos campeonatos, mesmo sendo competição, o cara não tá ali querendo derrubar o outro. Tá todo mundo querendo acertar e torcendo pro outro acertar. Isso é diferente. Não é como no futebol. Isso é algo único do skate.
- [33:42]
- Nos anos 2000 e 2010 pra frente, o Rio Tavares já estava muito mais à frente. Eles começaram quando o Rafa e o Léo Caquinho vieram pra cá e começaram aquele movimento, o Adriano da Drop Dead. Aquilo foi crescendo, e a cidade foi crescendo junto. São várias coisas ao longo dos anos, mas elas foram moldando o skate em Floripa.

BLOCO 1 - MIGUEL CATARINA

- Foco: Estabelecer a atmosfera; apresentar a tese central e a relação entre skate e Florianópolis.
- [00:45] (1)
- Eu sou do interior de Santa Catarina. Meus pais quando foram me gerar, minha mãe teve um problema na gravidez e eu acabei nascendo em Curitiba. E aí continuamos morando lá no interior em Xanxerê, que é no oeste do estado, até os 13 anos. Nesse meio tempo eu já andava de bike e conheci o skate, era um bandeirante e só descia a calçada do lado de casa.

- [01:15] (1)
- Isso lá por volta de 1978, 1980. Em 1986 fui morar em Curitiba e aí conheci o skate em pista mesmo, porque lá já tinha pista. Foi onde eu falei: “Não, aqui dá pra voar, não precisa de mecânico, não precisa de carretinha pra levar moto, precisa de uma rampa e equipamento.” Ali eu me dei conta que eu tinha muita intimidade com aquilo. Me atraiu e eu tive uma evolução muito rápida.
- [03:12] (1)
- Meu irmão veio morar para cá em 1990, 1991. E aí eu vinha praticamente todos os finais de semana. Alguns amigos de Curitiba, que era o Branco e o pessoal da Drop Dead, estavam vindo morar para cá. Então a gente já era muito amigo e surfava junto. Tinha cena de skate, o Dranho, o pessoal da Drop Dead estavam fazendo aqui em Floripa. Tinha o Jack, a galera local de Floripa, que a gente já tinha muita amizade.
- [07:27] (1)
- A gente sonhava viver do skate, era o skate, já era a minha vida. Vim pra cá e fiquei um ano construindo a casa, pensando no que ia fazer, como trabalhar. E sonhava viver disso.
- [07:52] (1)
- A gente precisava desenvolver o skate, porque o Pedro estava ganhando campeonatos mundiais com 12, 13 anos, viajando sozinho. Falei: “A gente tem que fazer uma escolinha, tem que fazer um circuito de skate.” E o André topou. Assim começou.
- [08:44] (1)
- Começou simples, com uma caixa de som e microfone, e a gente ali na maior vibe. Teve um ano que a gente fez quatro etapas. Surgiu uma geração nova, o Pedro Carvalho, a Isa, o Tuco, o Ruda, e outros. Foi uma geração muito boa. A gente criou uma geração de bowl, de concreto. Começaram a surgir os parques mesmo, e essa transição foi muito importante.

BLOCO 2 - MIGUEL CATARINA

- Foco: Memória, construção da cena e resistência nos anos 80 e 90.
- [00:51] (2)
- Quando comecei a frequentar Florianópolis em 1991, a gente tinha muita referência do Clube 12. O pipe, o snake, a vista pro mar. Já teve competições ali, acho que um dos primeiros campeonatos brasileiros foi lá. A gente sempre teve muita referência com essa história do 12.
- [01:21] (2)
- Uma pessoa muito importante que divulgou muito skate daquele período foi o Junai, de Videira. Foi um dos melhores skatistas verticais do Brasil por muito tempo. E teve alguns half pipes na casa do Fernando, do Paulo, dos irmãos que são referência também no skate.

- [01:45] (2)
- Em 1996, quando teve o half pipe na Praia Mole, esse campeonato vertical, foi que começou a mudar a história. Depois o Dranho conseguiu levar esse half para o Beiramar. Ficou um tempo lá até que estragou. E nessa galera começou a fazer mini-ramps nas casas, inclusive o André, pai do Pedro, tinha uma mini-ramp, e começaram a construir pistas particulares.
- [02:29] (2)
- Quando a gente a gente começou fazer circuito, fazer a escolinha, as pessoas que começaram a fazer escolinha, eu quero uma pista em casa, quero uma pista em casa, aí começar galera a fazer pista em mini rap, daqui a pouco começou fazer bolzinho, banks e pistas em concreto.
- [03:15] 2
- Vou passar aqui para para um amigo, alguma pessoa que vai continuar esse projeto. Porque às vezes é coisa maior que tá me chamando, né? Convidado para trabalhar e minha missão lá era desenvolver o skate aqui em Florianópolis, né? Em questão de pistas, né? estrutura. Aí fui lá trabalhar na fundação, né? E consegui, consegui introduzir na cabeça deles que o o skate é uma ferramenta, né? Não é só um esporte
- [03:42] 2
- Ele muda a vida das pessoas, ele é uma coisa que transforma mesmo. E aí conheci o o Rafael Hein, né? Que é o secretário de obras. Ele é concursado da prefeitura, né? Não é um uma pessoa que tá lá de cargo comissionado. E na época o prefeito também. Conversamos, eu falei: "Olha, cara, vamos lá ver as pistas particular que a gente tem aqui em Salvador, que a gente é referência no mundo.
- Half Pipe em Curitiba, na pista da Marra. E precisava tirar esse Half.
- [04:06] 1
- E a Drop queria fazer um campeonato de mini ramp aqui em Floripa na Praia Mole, né? E aí eu falei pro Eduardo, falei: "Ô, vamos fazer a de Half, né? O Half tá aí, até achar um lugar para montar, vamos levar pra praia e fazer um campeonato brasileiro de vertical lá". E a época tava muito street acontecendo. Então, assim, o street não se dava muito bem com o surf. Mas a gente andava em pista e a gente surfava, então, a gente já tinha muito essa conexão de surf e andar de skate, né?
- [07:27] 1
- Então, a gente veio e onde eu tava com o André, a gente tinha surfado e entrou vento sul, não tinha onda. Ah, mas vamos trabalhar com o quê? Com o que que você, né? Que que você pensa? Eu falei: "Ah, cara, a pousada tá meio abandonada, assim, o tava meio desanimado, era umas época ali e tal, os moleque ia andar, ele já ficava meio bravo, era casa dele, ele alugava assim, mas não era ainda uma pousada mesmo, sabe?
- [07:52] 1
- E aí, cheguei e falei: "Pô, a gente acho que tem que desenvolver o o bom, né, cara, na época, porque o Pedro tava ganhando os campeonato mundial com

12, 13 anos, sozinho, viajando e era só ele, não tinha uma geração". Falei: "Poxa, a gente tem que fazer uma escolinha, a gente tem que fazer um circuito de skate". E nessa o André ele é muito assim, tipo, então tá. E ele é muito de fazer.

- [09:33] 1
- E aí, nessa, começou a surgir o parque mesmo. Então, com esse surgimento da dos campeonatos em concretos, veio essa geração de Johnny Gasparotto, Marlon Silva, Felipe Foguinho, Murilo Peres, Alex Fagundes, Michael dos Passos, Gustavo Picass, Kevin, toda toda essa molecada que hoje em dia tá no cenário, Japinha, Luiz, eh todos eles ali passaram pelo circuito.
- [10:02] 1
- E quando passaram pelo circuito, começaram a evoluir. E esse modo perante da Pousada High Adventure, ele acabou virando referência. A galera começou a fazer bar, né? Bar com loja de skate, aulinha e campeonato. Então, isso aí deu uma boa disseminada no no skate em transição de concreto. E com isso, o que que veio junto? Vans Park Series, né?
- [10:29] 1
- Tem um circuito da Vans que começou, tipo, entender mais essa coisa de linkar o o bowl com outros tipos de obstáculos, né? E aí surgiu o park e a gente pegou toda essa essa transformação do park com o Pedro, mas aí já com toda uma geração, com o Vicaquinho, com o Rian, também os Park Series, eh teve também os Red Bull que é de Neryes, que ajudou muito com essa transição.
- [10:55] 1
- E é isso, a gente foi acompanhando até que hoje em dia o Brasil é uma das maiores potências do skate park mundial, né? Então, um resumo assim para chegar ali é mais ou menos isso. Foi muita gente ajudando, né? O Edu da Drop, o Dranho, o Rafa da Pousada, o André Barros, eh eu ali, mais todo o crio que tava em volta e a gente conseguiu isso, criar um um método de evolução, né?
- [37:34] (2)
- Aí, ó. Aí, motherfucker. Cabeça. É, o RTMF surgiu aí nessa época aí que a pousada começou a ficar pronta em 97, né? E aí era muita obra ali, construção da pista e tudo. E aí tinha um gringo aqui que veio para cá e ele desacreditava, né? A praia ali, né? Tem um mar, as árvores na frente.
- [38:01] (2)
- A praia, pousada, skate e e tudo aquilo, né, que envolve a ilha da Maginha. Aí ele Rio Tavares, Rio Tavares e Rio Tavares motherfucker e a gente já fez moletão e camiseta e virou RTMF. E tamanha, né, pressão que eles tinham desse lugar, né? Tipo, porra. E também assim, o Rosário quando veio aqui, né, tipo, pô, o cara da Califórnia, o cara tipo consói.

BLOCO 3 - MIGUEL CATARINA

- Foco: Skate como cultura, comunidade e identidade compartilhada.
- [03:42] (2)
- Eu comecei a trabalhar na Fundação de Esportes e minha missão era desenvolver o skate em Florianópolis. Consegui mostrar que o skate é uma ferramenta de transformação. Ele muda a vida das pessoas.
- [06:14] (2)
- A gente conseguiu trazer o Vans Park Series pra cá, que foi um boom de Floripa pro mundo, mostrando a cidade, o retorno, o campeonato realmente incrível. O pessoal que vem de fora fica encantado. Isso começou a fazer todo mundo olhar pra Floripa. A pista do Abraão virou referência no Brasil e no mundo.
- [07:12] (2)
- É que os gringos vem aqui para andar no Abraão. E a gente deu um passo lá e passou essa visão, tipo, pô, vamos fazer isso bem feito, né? O esporte é a vez é esporte. O skate é a vez. Já foi Fórmula 1, já foi futebol, já foi vôlei, já foi vôlei de praia, tênis. Todos os esportes, basquete, já teve o seu auge, né? O skate ele vem vindo ali, só que ele vem e vem embasado, né?
- [08:08] (2)
- Se você tá competindo, é você contra você mesmo. É você se puxar, melhorar o que foi ontem. Como administrar a emoção. Às vezes tem milhares de pessoas gritando e câmeras ao vivo. É uma coisa que exige concentração e foco.
- [11:49] (2)
- A gente ficou muito orgulhoso de ver toda essa trajetória e toda essa legião de skatistas, não só no Brasil. Hoje vêm pessoas da Itália, dos Estados Unidos, da Rússia, da China, pra andar aqui, na casa do Pedro, pra sentir essa energia e essa essência que tem aqui.
- [20:07] (2)
- Já vi Já mudou a visão do skate quando a gente tinha lá atrás, quando a gente andava e era adolescente, para essa geração. Hoje em dia os pais levam para a pista. Os pais ficam ali: "Vamos, vamos". Antigamente, nem que você vai andar de skate, tá maluco, vai andar de skate, vá, vai trabalhar, vai estudar, tá, isso aí, vai estudar o quê? Né? E não sabia que é uma coisa transformadora de vidas, né? Então, assim, tem valores e valores, né? E o esporte é um dos valores que a gente preza muito e sabe transformação que ele é, né? É mais ou menos isso.
- [23:44]
- Vocês vão lá fazer isso por uma massa. Vocês não tem noção. Isso aí vai atingir muita gente. Muita gente vai ver vocês andando. Não importa se você vai ganhar uma lição não, mas a hora que você botar, porque eh o skate é muito mágico, né? Você vê, uma pessoa andando num parque é um pouco

diferente do que você olhar uma pessoa andando no street, vai dar um giro no skate e pular de costas num corrimão, né? Uma escada embaixo.

- [27:02] (2)
- O skate passou por muito preconceito. Hoje é mais tranquilo, mas antigamente era difícil. O cara com 50, 60 anos, ainda andar, dar aéreo, isso é incrível. O esporte exige dedicação, é como uma relação: tem que cuidar, regar, ter carinho.
- [29:06] (2)
- O skate é o tapete voador. Quando você cria essa conexão, ele te leva pra lugares incríveis. Já conheci boa parte do mundo através do skate. Ele cria uma comunidade de irmãos. A gente tem amigos no Brasil inteiro, nos Estados Unidos, Japão, China. É uma ligação real.
- [31:05] (2)
- Hoje, pais e filhos andam juntos. Muitos voltaram a andar por causa dos filhos. Essa nova geração cresceu vendo o skate com admiração. O boom veio também com a Raíssa, que contagiou o mundo todo.
- [32:46] (2)
- Ele não é um ídolo aqui do bairro, não é um ídolo aqui de Floripa, né? Do Brasil, é um ídolo mundial, assim. Então, eu acompanho ele nessas viagens e a gente vê assim, pô, claro, tem uns esqueteiros que a galera tem um carinho, mas ele é surreal. Você vê quando a pessoa tá perto dele, o brilho no olho, as coisas, com quantidade de presente que as pessoas querem deixar com ele, sabe? O cara do Nepal lá, dá um presente, uma correntinha, o outro dá um anel, não sei do quê, coisas assim, sabe?
- [40:07]
- Três atletas num bairro que não é, uma o surf aqui tem uma tradição legal, o skate tem uma história, mas é uma história ali que é mais, né? Não é tão assim pública, né? Foi mais particular se desenvolvendo a galera, mas eu acho que é. Acho que é o equilíbrio, né? Acho que a ilha da magia, ela tem alguma coisa a mais, esse lugar ali tem uma energia muito boa.
- [41:00]
- A gente tem vários esportes, a música, a arte, uma coisa que ela expande, né? Que o Floripa ela eu acredito que seja por causa disso, é uma ilha, ela tem um, né, tem uma magia a mais ali, eu acho que é qualidade de vida assim que as pessoas não que são mais felizes, né, mas tem uma vida muito boa. Isso ajuda na performance.
- [42:01] (2)
- Porque o exemplo mesmo é Isa, né? A gente foi muito ligado desde cedo, né? Eu já conheci o pai e a mãe da Isa. Nessa época eu comecei a vir para cá em 90 e poucos, e o pai da Isa é de Curitiba, a gente já se conhecia há muitos anos. Então, a gente tinha uma ligação muito forte com a Isa e ela foi uma das primeiras alunas ali da escola. Ela, Pedro Carvalho, Willy Coutinho, Apoleto. Mas a Isa teve umas particularidades ali que realmente marcou, né?
- [42:27] (2)

- Porque o primeiro campeonato que fui fazer, que te falei aquela correria ali, microfone, que juiz, quem que é o juiz, organizando tudo ali meio, né, na correria. Chega o pai da Isa e fala: "Ah, cara, a Isa não quer correr outra coisa"
- [42:43] (2)
- dedinho na boca assim falei o Isa qual que é né cara pô vai correr o campeonato por que tá com vergonha tá com medo comei assim aí eu olhei para o pai dela assim um monte de coisa para fazer então tá bom não corre vai para casa segunda-feira vai para escola tudo certo vai ficar igual a tua vida agora se você correr aí vai dropar ali na pista vai andar vai ver a galera aquela emoção e vai sentir o que que vai acontecer, segunda-feira você vai lembrar: "Nossa, que legal que foi aquilo, vai mudar tua vida, vai por mim, ó, tá na tua, eu acho que tem que correr".
- [44:03]
- Mas a Índi a gente tem uma ligação muito forte e eu tenho certeza que ela assim ela ela tem o tempo dela e ela tá ainda nessa crescente, sabe? É no tempo dela. Mas daqui a pouco ela quando ela pega uma manobra, ela vem. E assim nesses dois ciclos faltou alguma coisinha, né? Às vezes um pouquinho mais de de teimosinho, algumas manobras, um pouquinho mais ali focado em algumas coisas ali, mas ela ela foi dois resultados na média.
- [44:33]
- Né? Eu acho que agora esse próximo ciclo é um ciclo que ela tem muita chance de dar nas cabeça. né? Porque a maturidade chegou, agora ela é uma pessoa já bem evoluída, né? Então, antes era aquela transição de adolescente e tal, agora é uma mulher mesmo e tem muita atitude, a gente vê que diferencial o diferencial dela andar no parque, que é o que o parque pede, né? Não é sair reto aqui, voltar reto aqui, reto lá, voltar reto ali, vir aqui, voltar lá
- [53:03]
- É, de uma maneira atual Ah, eu acho que o divisor de águas realmente foi o Pedro. Acho que o Pedro, ele é o carro chefe de tudo isso. Eu acho que ele, o pai dele, o André Barros, eles conseguiram realmente mostrar que era possível.
- [53:24]
- Aí eles viam se jogavam e iam nos campeonatos e o foi morar na Austrália e continuou nessa parte de competição e muito novo ele conseguiu bater os melhores, né? Então isso, pô, chamou a atenção. Como a fadinha chamou, ele também, né? Um menino novo ali já fazendo aquilo. Só que, né? Eles sozinho foram até uma altura.
- [53:53]
- Eu acho que com a vinda da da drop, né? Drop Dead veio o treino veio antes, que também já era da drop, era o nome do Eduardo. E eles trouxeram a fábrica, toda parte de criação, desenvolvimento, tudo para Coipa. E nessa eu também tava vindo morar para cá e junto com o Rafa, que é padrinho do

Pedro, né, da pousada. Então eu, o Edu, o Rafa e o André, né, tendo o Pedro ali, a gente acabou formando uma base em volta.

- [54:23]
- E com essa base a gente conseguiu trazer toda uma geração, né? Ou algumas gerações que tão vindo ainda. Isso tá se reverberando ainda, né? Porque Como eu falei, a gente abriu a escolinha, a gente fez circuito, a gente virou referência. Eu saí, eu fui para parte pública para tentar transformar esse Floripa, então, eh como eu tava agora no STU lá no Abraão, né, fazendo a locução e aquela arena fechada, todo o parque do Abraão lotado, tomado.
- [56:17] (2)
- Se você gosta de skate, aprenda, comece a andar. Use equipamento de segurança e saiba que existem métodos para aprender sem se machucar. O skate muda vidas. É um esporte maravilhoso.

BLOCO 1 - RAFAEL BANDARRA

- Foco: Apresentar a atmosfera e a essência da tese central — Florianópolis como berço de uma cultura viva e coletiva.
- [01:10]
- E eu acho que o skate veio, eh, a ideia de de de andar de skate e e ter o bolo, ele surgiu até por uma, eh, vontade muito parecida com o que aconteceu na Calif, nas antigas, que era dito ter um lugar para você, eh, surfar quando não tivesse onda, né? Então, a gente acabou fazendo bolo, né?
- [01:34]
- E nisso aí, eu era Sou ainda muito amigo do Léo Caquinho, porque o Léo Caquinho foi uma pessoa que teve muita importância para o skate brasileiro, né? Ele foi um cara que abriu o caminho no exterior em competição, numa época que era muito difícil, né? Eh, pessoa que inspirou o Bob.
- [01:54]
- Então, a gente morava junto na Praia Mole, né, numa casa que a gente alugava E aí ele, para você ter ideia, eu nem sabia dessa história do Leo em relação ao skate, eu fiquei sabendo bem depois. E aí nisso, eu comprei o terreno aqui no Rio Tavares, né? Na época não tinha nada no Rio Tavares, essa parte aqui era só uma fazenda assim.
- [02:16]
- E logo quando eu comprei a casa, a gente ah vamos fazer um um uma pista e tal para para que a gente possa de repente se divertir, andar de skate aí na hora que não tivesse onda. E assim foi o início da ideia da pista. Né? Isso foi em 97. Então, a pista ficou pronta na época, era uma coisa meio meio anormal para a época, porque o que tava em alta no skate do Brasil, né?
- [02:45]
- Poderia se dizer em alta ou em mais evidência, era o street, né? Então, o bowl era uma categoria que tava muito esquecida, né? Tipo assim, não não

se falava muito em bowl, não não tinha muito muita pista né, muito muito bom, muito banks, eh para que o pessoal usasse. E aí logo quando a gente acabou de fazer, pela pela a pelo nome do Léo, né? Aqui ficou muito tempo conhecido como o bowl do Léo Caquinho, né?

- [03:14]
- Então acabou vindo muita gente que tava saudoso dessa época do bowl, que queria andar eh no banks, no bowl e não tinha onde andar e acabou vindo para vindo para cá para para Florianópolis, né? E não é difícil você querer vir para Florianópolis, né? tipo, Florianópolis é uma cidade encantadora, né? Altas ondas e e povo legal. Então a galera já tinha um motivo a mais para vir para cá que era para andar na pista.
- [03:38]
- A pista era na minha casa. Não era um negócio, nunca foi pensado como algo voltado ao skate como empreendimento. O skate naquela época nem era negócio. Era um estilo de vida.
- [04:23]
- A galera começou a vir e a ter muito movimento na minha casa. E, com a necessidade de trabalhar, acabei transformando a casa numa pousada.
- [04:40]
- A galera vinha e ficava de barraca no terreno. Tinha cinco, seis barracas. Resolvi adaptar a casa para poder receber o pessoal melhor e ter um trabalho voltado ao turismo, algo muito característico de Florianópolis. Com o tempo, o negócio foi ampliando, crescendo, o skate foi ganhando mais visibilidade.
- [07:11]
- A gente continua fazendo esse trabalho de forma que possamos trazer qualidade para o skate. O mais importante é mostrar que o skate, além de ser um lifestyle e uma forma de vida, é uma ferramenta importante de mobilidade social.
- [07:40]
- O skate tira jovens de situações de vulnerabilidade para uma vida melhor, não apenas como atletas, mas como pessoas. Ele ensina convivência e respeito às diferenças. O skate proporciona isso: pessoas de diferentes realidades convivendo no mesmo espaço e tendo as mesmas oportunidades.

BLOCO 2 - RAFAEL BANDARRA

- Foco: Memória da formação da cena, desafios e autoconstrução das pistas.
- [09:14]
- Então, foi uma coisa muito natural, né, que a escola de skate primeiro os professores aqui foi Miguel Catarina, né, que hoje é técnico da eh da seleção brasileira olímpica, né, começou a dar aula aqui e e aí o Pedro o Pedro Barros, ele é meu afiliado, então, ele ele se ele cresceu aqui dentro, né? A pista foi muito eh projetada para ele, né?

- [05:41]
- A gente teve a oportunidade de de revelar muitos nomes assim que foram importantíssimos para o para o Brasil, muitos deles filhos dos nossos amigos porque era a galera que frequentava muito aqui, né? A Isadora Pacheco, a Índia Araspen, né? A gente sentiu a necessidade de fazer campeonato feminino, né?
- [06:07]
- Na época não não tinha muito apoio em relação a a uma categoria somente feminina. A gente implementou dentro do RTMF Number One, que a gente é um campeonato de skate que a gente fazia. Ainda faz de vez em quando, né? Eh, a gente começou a implementar a categoria feminina, né, para que possa dar mais espaço para o skate feminino, para que elas pudessem ter mais voz, né, para que pudesse ter se desenvolver mais.
- [06:32]
- E isso aí foi muito legal, porque acabou fazendo uma cena muito forte do skate feminino, né, na área do do bowl. Adora avarela, né? Eu conheço desde pequeninha, vinha buscando campeonatos aqui.
- [13:09]
- A gente teve eh pessoas que seguiram a carreira e hoje vivem disso, né? Como a Índia Arashi, ela começou a andar de skate aqui, o pai dela trazia ela para cá e ela passava o dia inteiro aqui e tal, ela foi crescendo muito, adorando o esporte, com isso aí ela foi tendo convivência também com com vários atletas profissionais que sempre passavam por aqui.
- 14:04]
- Então, a Indiara, hoje, ela é um dos grandes nomes do skate feminino do Brasil, né? Já participou de Olimpíada, a Isadora Pacheco, né? Eh, todas elas fizeram escolinha aqui. O Pedro, né? É uma pessoa. Aí, a gente vai vai ter o o o Pedro Quinta, da gente tem o o Luiz de Cine, né? né?
- [16:37]
- É, a cena de skate em Santa Catarina, ela me precede muito, né? Ela Ela é uma cena muito forte de Santa Catarina, Florianópolis, especificamente. É uma cidade que sempre teve assim uma uma influência muito grande dentro do skate brasileiro. Né? Tipo, é, eu cheguei aqui para fazer aí, eu fiz a minha pista em 97.
- [17:47]
- O skate de Florianópolis não começou com a High Adventure. A High Adventure foi uma consequência desse skate. Somos consequência do movimento das pessoas que vieram antes e que consolidaram o que hoje existe.
- [18:12]
- Mas eh o preconceito em relação ao skate, em relação ao surf, sempre foi grande, mas eu acho que particularmente Florianópolis sempre foi uma cidade mundial viral, né? Sempre foi uma cidade aonde eh a curva aqui era diferente da curva das outras cidades, né? Como tu compara São Paulo, tu

compara Rio de Janeiro, Brasília, né? Eu acho que são cidades muito mais preconceituosas. Eu acho que aqui a gente sempre teve um um calango tanto a mais assim, sabe, um carinho a mais sobre esse tipo de esporte.

- [19:05]
- Com o tempo, o skate foi mostrando que não era coisa de vagabundo, e sim uma cultura forte, politicamente ativa e de opinião. Hoje os pais apoiam os filhos a andar de skate, coisa que não acontecia antes. Hoje praticamente toda criança tem um skate em casa.
- [21:22]
- Deveria ter uma pista de skate em cada bairro principalmente nos bairros mais carentes, né? Aonde você pode tirar e fazer um contrato escolar para que essa criança tenha uma assistência com com uma escolinha, com o almoço, com com com uma preparação pedagógica, né? Que que possa ir junto. Então, isso é muito importante. Eu acho que a tendência é que teve de cada vez mais eh isso dentro da vida comunitária, porque é importante e é bom e a criança tem interesse.

BLOCO 3 - RAFAEL BANDARRA

- Foco: Skate como estilo de vida, expressão cultural e ligação social.
- [24:30]
- Então, esse foi um dos motivos da gente fazer a pista, porque não tinha onde a gente eh ter opção de andar. Eh, o Street, por ser mais democrático, tem muito lugar para andar, né? E Floripa tinha muitos lugares legais ali, tinha o vulcãozinho, né? Tinha emoções A A pista do 12 já já tava eh bem abandonada já naquela época, né? Ela Ela Ela não não tava boa, então não não dava para andar lá.
- [24:56]
- Então, eu acho que eh eh sem dúvida nenhuma, foi era muito carente de lugar para andar naquela época. 97 tu tinha muito pouco lugar para andar de skate, muito pouco. Eh, essa foi uma das necessidades que a gente sentiu para fazer a nossa, né?
- [25:42]
- É, com com a com a pista pronta, né, e a galera vindo para cá para andar e tal, acaba que aqui e a e o lugar aqui era um lugar que era extremamente vazio. Tipo, a minha casa foi a primeira casa do bairro. Hoje, para você ter ideia, o bairro deve ter, sei lá, 2.000 casa. Isso, 97. Então, para tu ver o crescimento que teve Florianópolis, né
- [26:50]
- Então, não tinha não tinha luz na rua, não tinha nada. E com isso aí teve uma facilidade que que a migração para cá, a galera começou a migrar muito por causa da pista, por causa do sufe, porque a aqui atrás da pousada é o Pico

da Cruz, onde, tipo, é é fenomenal para onda, rola altas ondas, assim, é lindo a praia, uma área de reserva.

- [27:32]
- E aí, cara, com isso, começou a a a vários amigos meus comprar terreno aqui para para para morar aqui, por causa desse lifestyle todo que tava na volta disso, que era o surf, que era o skate, a música, né? Na época, como não tinha eh vizinho, não tinha nada, a gente sempre se reunia aqui com fazia um som ao vivo, né. E E E o skate assim é é uma cena aonde eh as pessoas se conhecem e aí com isso, eh É, muita gente legal começou a vir para cá também a frequentar aqui, muita gente da música e de outros esportes também mais radicais.
- [28:54]
- Veio para cá também um americano, né, que um cara um pouco mais velho que a que a gente na época, que ele teve uma participação muito ativa ali junto com a com a galera do Dogtown no início da da onda do das das piscinas da Califórnia, que a galera ia invadir as casas para andar lá e tal, onde tinha essa essa pegada
- [29:23]
- E aí ele ele tinha uma marca de skate nos Estados Unidos e ele comprou um terreno aqui do lado também e fez uma casa. Construiu uma mini rampzinha na casa casa e tal. E começou a frequentar muito aqui a a a minha casa na época, né? E aí ele que veio com essa história, cara, tipo, vocês aqui é o Rio Tavares motherfucker, vocês são os Rio Tavares motherfucker, em termos de tipo de galera que era muito foda, que era muito legal tá aqui, que era coisa. E aí ficou esse negócio de RTMF, entendeu
- [29:51]
- Que é o Rio Tavares motherfucker, né? E E aí foi cada vez agregando mais motherfucker a essa cultura, né? Essa a essa vibe, né? Então, com isso eh eh o o bairro inteiro acabou se desenvolvendo dentro dessa pegada de arte, de música, de de de de cultura, eh das mais diversas formas, né?
- [30:19]
- Não só a cultura do skate, a cultura do surf, né? A cultura do grafite, a cultura do rock, a cultura do samba, né? Mas todas assim pessoas ligadas de alguma forma ao ao movimento cultural, né, esportivo, né? Então isso aí foi foi muito bacana, é um bairro muito agradável, é um bairro que hoje em dia ele ele criou uma vida assim onde todo mundo quer morar aqui, né? Porque é gostoso realmente, assim, tu tem tá cercado de de pessoas inteligentes, de pessoas interessantes, né?
- [31:46]
- Porque qual é o bairro do mundo onde tu tem um campeão de surf, um campeão de skate, né? Aí se tu for cutucar um pouquinho mais, tem o tem o campeão de kite, né? Aí tem o campeão eh eh de Down Hill, que é o IUP, que é um um fenômeno no mundo em relação ao skate Down Hill. Então, isso aí,

cara, são poucos lugares no mundo que tem o privilégio de ter tantas pessoas com tantas qualidades na no mesmo círculo, né

- [33:15]
- Cara, é, a relação do skate com essas outras culturas de rua, ela ela é endêmica, ela é uma coisa só, porque o skate é isso, né? Nas grandes cidades o o skate veio da cultura de periferia, né? Principalmente das zonas mais pobres, né? É, até mesmo como o próprio meio de locomoção. E e a cultura é da da cidade, ela tá muito voltada para para para para as origens de periferia, né?
- [33:43]
- Então a gente tem o rap né, como uma forma, é, de protesto, uma música de protesto, uma música de de mostrar, né, a realidade que vive, é, cada comunidade, né? E o grafite a mesma forma, acho que todas elas são formas de, de, de expressar um sentimento muito maior do que um sentimento pessoal.
- [34:05]
- Acho que é uma forma de, de expressão, é, política, uma forma de expressão, é, de modo de enxergar o mundo e ela, junto com o skate, anda de mão dada. Aí fica muito difícil você dizer que o o skate influenciou o hip-hop, ou o hip-hop influenciou o skate, ou o skate influencia o grafite, ou o grafite que influencia o skate.
- [34:29]
- Eu acho que todas são uma eh eh formam um elo de corrente que que ela é forte quando quando todas tão juntas, né, e misturadas, né? Eu acho que isso é o é o mais legal de tudo isso e elas são juntas e misturadas. Ah, então, já
- [35:30]
- Cara, eu acho assim que Florianópolis ela tornou essa cidade que que é sinônimo de skate e e e de surf e de outros esportes, mas aqui a gente tá falando especificamente de skate. Eu acho que pela própria eh força comunitária dela, né? Eu acho que ela não teve assim, ó, zero de influência eh governamental para que isso pudesse acontecer.
- [35:54]
- Ela teve a força dos skatistas, da própria comunidade que vive em volta do skate, né, da força de vontade, da da vontade de de cada um que tava ali eh em aproveitar o skate, em curtir o skate, em viver o skate.
- [36:13]
- Eu acho que a maioria das das pessoas pessoas que fizeram com que Florianópolis fosse referência, eh, pro skate, nunca começaram a andar de skate ou pensaram no skate como um negócio, como uma forma de que ah não, vamos transformar Florianópolis na capital do skate, vamos. Não, cara, eu acho que era pela vontade de andar de skate mesmo, de pegar o carrinho, sair para a rua, estar com os amigos, se divertir, conversar, ouvir música, né?
- [36:39]

- E essa essa consequência foi que com o apoio, né, eh não governamental, mas com o apoio como a nossa pista que a gente fez, o Pedro fez pista na casa dele, né? Outras pessoas também eh fizeram pistas e tal e a gente foi crescendo essa essa comunidade. Ao ponto de que o nosso crescimento, ele não ficou mais invisível aos olhos públicos. Que aí sim, o governo teve que enxergar a gente, né?
- [37:31]
- Deve ter muito talento escondido em Florianópolis, em todos esses lugares aí que tão só esperando uma oportunidade de poder crescer, né? Eu acho que, resumindo, né, como Florianópolis se tornou isso e e como a gente enxerga, eu acho que pela união e pela força de vontade e pelo skateboard. Tipo, vivo skateboard.

BLOCO 1 - CABEÇA

- [00:50]
- Eu Eu me chamo Marcos Cabeça, eu tenho 59 anos e eh É, comecei a andar de skate assim de verdade mesmo nos anos 70, né? 1976 para ser bem mais é exato. Em 1976 eu conheci verdadeiramente um skate de verdade e aí me apaixonei e nunca mais larguei, né? E aí foi assim, né?
- [02:35]
- E aí ele trouxe um skate para mim, né, numa certa altura do E aí, no início dos anos 80, comecei já a a correr os Na verdade, eu corri campeonato nos anos 70, né? Eu corri um campeonato no no Marinha do Brasil, mas não tinha skate ainda, eu corri com um skate emprestado, né? Quando eu conheci o César Girão, né? César Girão eu conheci nessa época aí, eu falo que é meu amigo de infância, né? César Girão é um cara muito influente no skate do Brasil, né? De Santa Catarina, principalmente, ele fez muito por a gente aqui, né?
- [05:50]
- Então, assim, teve toda essa esse início, né? Muitas pessoas não sabem o que que foi o começo do skate em Santa Catarina nem no Brasil, né? Teve muita gente aí que, né, fez muito pelo skate, que hoje, de repente, nem tem nenhum reconhecimento, entendeu? Pessoas que tavam lá atrás, né? Construindo rampas, né? Amarrando madeirinha em poste para poder fazer rampa, né? Roubando no Madeira em construção, né?
- [06:14]
- O skate assim, ele cresceu e muito assim, hoje em dia é qualquer um do meio, né, de qualquer área quer entrar no skate. Hoje virou moda, né? Skate é uma moda hoje, né? É um skate, o esporte olímpico, né? Então assim, as pessoas de hoje que agradeçam, né, por tudo aquilo que foi feito lá atrás, porque foi muito suado. A gente, né, muito marginalizado, né, muito eh

ulgado, né? Era muito preconceito, né? A gente, sabe, sofreu muito preconceito conceito, né

- [06:44]
- A gente sofreu até ataque, né? Teve em São Paulo mesmo, né? A questão de não poder andar de skate na rua, né? É, foi muito louco assim, os caras fizeram um movimento para se atar, né? E o skate se tornou o que é hoje, né? Mas a gente tem uma uma uma uma grande galera aí, né? Uma uma parte dessas pessoas que vieram lá dos anos 70, atravessaram os anos 80, chegaram nos anos 90 e hoje estão aqui, que nem eu, né?
- [11:52]
- No início dos anos 70, como o skate começou em 60 lá fora, eh, no início dos anos 70, a indústria lá nos Estados Unidos, ela já tinha força, já tinha poder e já tava começando a olhar para outros lugares, né? E assim, aqui do Brasil, as pessoas as pessoas que tinham condições viajavam para fora, quando elas voltavam, né? Sempre voltavam com alguma novidade. Então, a gente fazia sim esse meio, né? A gente tinha os amigos, né? Que Mas era raro assim, né? Ter alguma coisa assim boa para consumo na época, né?
- [14:11]
- Eh, tinha um vulcãozinho, né? Tinha um vulcãozinho que é onde é os terminal de ônibus hoje. Sim, a gente ainda era em muito escasso, né? Esse aqui chegou a mais, assim, quando ah o skate começou a acontecer aqui nos anos 90. Até os anos anos 90 até 97, o que a gente viveu aqui foi foi foi luta pelo skate, né? Todas as pessoas que andaram eu, pescoço, facão, Junai, Fernando, Girão e tantos outros, né?
- [17:13]
- Para nós era indiferente ter marca ou não ter marca, ter ordem, não ter porque nos anos 80 foi meio um skate punk ali, né? Sem violência, né? Ou com um pouco de violência, né? Skate punk violento. A gente gostava era de ouvir música e andar de skate, né? E fazer festa e né? Então a gente foi uma resistência, né? A gente foi mesmo contra os os princípios ali, né? Que era marginalizado, que era isso, que era aquilo, que era, né? com todo preconceito, a gente conseguiu manter. O difícil foi se manter ali nos anos 80, né?
- [17:43]
- Sabe, a gente manteve, a gente conseguiu manter a chama acesa, né? Passamos por essa por essa década, né, a década de 80. Tinha assim, tava uma balança, né? Teve altos e baixos, mas assim, foi uma grande resistência, né? Quem passou pelos anos 80 tá aqui até hoje, assim como eu, né? O resto é é é é gente nova.
- [18:09]
- É, assim, a polícia, às vezes, né, era muito eh dura, ríspida, né? Assim, pegar skate lá nessa nessa história de São Paulo, o eles fizeram uma passeata lá, porque os cara fecharam lá o Ibirapuera, o parque do Ibirapuera, né, o prefeito da época, né, e ele fechou o o parque, os cara foram fazer uma uma

passateia lá, prenderam um monte de skate, né, aprenderam gente, né? Era um bagulho meio pesado assim mesmo, né? Era meio que os cara achava que a gente era marginal, né?

- [18:39]
- Assim, assim, quem tava pouco se lixando, né? Assim como eu, queria mesmo era fazer diferença, né? Eu gostava de ser diferente, né? Assim, eu queria ser notado, né, de alguma forma, né? Mesmo que fosse por ser um punk ali, um skatista, né? Sabe? Que tava fazendo o que gostava e que não ia deixar, né? Contra o pai, a mãe, contra princípios, contra política, contra a polícia, né? A gente queria era se divertir e fazer a nossa parte, entendeu?
- [19:08]
- Então assim, a gente foi a grande resistência, né? Os anos 80 foi a grande resistência, tanto que depois o skate melhorou muito, né? Até nas épocas de hoje, né? Hoje mesmo assim é todo mundo quer ser skateista hoje, né? Ah, porque eu skate, entendeu? Tá tudo A gente só respeita, entendeu? Tem muita gente que fala que andava de skate lá nos anos 70 e 80 que eu nunca vi, né? É, o new new old school, né? Que é É, verdade, tem que falar, entendeu? Tem que falar, né? Porque hum Não foi assim, entendeu?
- [22:52]
- Isso para nós, na nossa época, nos anos 80, se falasse que um cara ia cuidar da nossa saúde física, nós botava para correr, espancava o cara. Não ia aceitar isso. Nós Nós Nós era, né, outra Por isso que eu digo, é outra geração do skate, né? É. É. Sim, a gente foi bastante contestador assim, né? A gente era totalmente contra o sistema, né? A gente era punk mesmo, né? Era punk sem sem sem vestimenta, né? Era punk de atitude mesmo, né?
- [25:44]
- O Léo que foi um cara que veio para cá nos anos 90 também e foi esse cara que de repente as, é, manteve a chama acesa e fez e botou gás para a gente ficar mais, né? Foi grande daí que se juntou com o André e com o Rafa da pousada, entendeu? E aí teve o primeiro bonzinho ali e que virou tudo que é hoje. Entendeu? O Rio Tavares hoje é referência mundial no skate. Por quê? Porque criou o Pedro. Criou criou o Vi. E junto com eles agora criou outras pessoas. Né?
- [26:14]
- Tem a Indiara, tem a Isa, tem o Pedro Carvalho, tem o Felipe Foguinho que veio para cá, tem o Murilo Peres que veio para cá, tem o Vica King que é filho do Léo, né? Essa é uma geração Pedro Barros, né? Que que Nossa, que a garganta ruim. É, que virou influenciadores dos próximos que vieram agora, né?
- [26:43]
- Tipo o Pedro Carvalho é influenciado por essa geração. Né? E outros ali, Calani. Esses aí são influências já desses meninos já da década 2000, né? O Pedro, ele foi grande referência para muitos desses aí, né? Porque ele o skate do Pedro ele é diferenciado.

- [27:02]
- Ele não é um, apesar dele competir, se dar muito bem nas competições, ele é um skatista assim, de raiz mesmo, sabe? Ele cresceu no meio do skate e ele desenvolveu a característica dele de andar de skate, né? Um skate explosivo, um skate desafiador, né? O que ele acha impossível, ele vai e faz, né?
- [28:57]
- Eh, Clube 12, 79. Primeiro. É, o primeiro. Não teve um antes, eu acho. 78 eu tenho, o primeiro primeiro foi 78 que eu tenho a camiseta inclusive ali. É. O que era nessa época em comparação a o que é hoje em dia que é Ah, não. Essa época era não tinha 50 skatistas no Brasil inteiro. Entendeu? Um campeonato desse aí foi quando eu conheci a maioria das pessoas que vieram de fora.
- [29:27]
- Formiga, é, Bola 7, falecido Bola 7, Bruno, Marcelo Neiva, Cezinha Chaves, todos esses caras, né? Eu conheci nesse campeonato 79. Foi a primeira vez que eles vieram para o Floripa, né? Então assim, tem outros caras aí, né? Que são nomes que foram destaques na época, né? O Marcão, o Vaguim, né? O Marquinho Paulista.
- [29:56]
- Ah, o primeiro campeonato brasileiro, esse o aqui foi um Nossa, foi uma loucura, né? Teve muito Teve uma mídia, né? Uma mídia eh de revista, teve alguma coisa televisionada também. Foi um encontro, né? Na verdade, foi um grande encontro. Né?
- [30:50]
- Então, assim, tem a volta do snake assim, tem assim aquela cabeçada e lá embaixo um monte de gente, né? Foto preta e branca. A gente dormia lá no pico. A gente A gente ia para o 12 sexta-feira e ficava até segunda ou às vezes até domingo só, né? A gente dormia embaixo de uma pedra que tinha lá, levar umas coisinha, fazer umas fogueirinha, dormia e acordava na pista andando de skate, passava o dia inteiro andando. É outro skate, né?
- [32:00]
- Ah, era o vulcãozinho, vulcãozinho, que era uma uns vulcões, assim, pareciam uns formigueiros assim, que tinha uma transição, que era os caras deram aquilo ali como uma pista de skate. Na Suel tinha uma pista, né? Só que era só podia entrar quem era convidado, né? Que era um vizinho também com um bolzinho no fundo assim. Ainda existe você tá lá até hoje. Suel na no Pantanal. Eh, acho que é Suel, é não, não é Suel, é Suel é no Rio Grande Sul, tô enganado, perdão, é pô, é um condomínio ali da Eletrosul, ali no Pantanal.
- [32:30]
- Eh, condomínio É um condomínio É perto da UF, que ali é um condomínio dos Tem. É um condomínio dos dos funcionários, né? Uhum. da Eletrosul. Então, é assim, mas a gente andava mais era no Clube 12, no Aterro, né? Era na rua, né? Tinha a rua do skate, né? Tinha a rua do skate em Coqueiros, né?

- [32:55]
- Lá do Raul, e tinha a Teresa Cristina que era no na Quer dizer, o Raul era em Coqueiros e a Teresa Cristina era no Estreito, né? Que era as duas ruas que eram as duas ruas do skate aqui em Santa Catarina e Florianópolis, né? Que é de onde veio realmente essa primeira geração de skate em Santa Catarina veio dali, né? Veio desses dois lugares aí. Aí, eu queria ver agora eh, vou vem vindo um pouco mais pro pro presente.
- [39:55]
- É, como eu falei, a gente que sobreviveu lá de trás, a gente tem isso como um é um modo de vida mesmo. O skate para nós não é só andar, né? A gente tem a nossa a nossa cultura da música, né? A nossa cultura de vestir, a nossa cultura de se portar, né? É uma grande comunidade mesmo, né? O skate ele é né? Tudo é influência, né?

BLOCO 2 - CABEÇA

- [10:35] Naquela época não havia pista. A gente construía as nossas. Teve pista na quadra do Santa Mônica, depois foi para a universidade. Teve campeonato da Drop Dead na Praia Mole, pista no aterro da Beira-Mar Sul, e a pista do Clube 12, uma das primeiras do Brasil.
- [11:52] No início dos anos 70 o skate já era forte nos Estados Unidos, e quem tinha condições trazia equipamentos de fora. Aqui, o acesso era raro. Nos anos 80 começou a pegada de verdade. A indústria começou a fabricar e importar. Foi a década de ouro do skate.
- [14:11] Nos anos 80 vivemos a luta pelo skate. Era tudo muito escasso. Tínhamos poucos lugares para andar, pouca gente envolvida. Não existiam bowls ainda, só rampas de madeira. Os parques vieram depois.
- [16:45] Sofríamos preconceito e repressão. Houve até proibições em São Paulo. Fizeram passeatas quando o skate foi proibido. A polícia era dura, prendia skatistas e apreendia skates. Mas éramos resistência, queríamos ser diferentes e manter o skate vivo.
- [19:08] Os anos 80 foram de resistência. Mantivemos a chama acesa. Quem passou por essa década está aqui até hoje. Foi muito suor, porrada e luta. Nos anos 90 o skate começou a ser respeitado porque os skatistas brasileiros se destacaram lá fora, como Bob Burnquist, Lincoln Ueda e Mineirinho.
- [21:57] Hoje temos campeões e reconhecimento. Isso é resultado da luta daquela geração. O skate é inclusão, é cultura. Nos anos 80, se alguém dissesse que teríamos preparador físico, a gente ria. Era outra geração, contestadora e punk, contra o sistema.

BLOCO 3 - CABEÇA

- [23:49] A gente era contra o sistema. Se diziam “não pode”, a gente ia. Andávamos onde não podia, nas ruas, praças e parques. O Parque do Ibirapuera foi um símbolo desse movimento. Aqui em Florianópolis também tínhamos nossos pontos: Clube 12, Aterro, Coqueiros e Estreito. A primeira geração veio desses lugares.
- [25:44] O Léo veio para cá nos anos 90, manteve a chama acesa e, junto com André e Rafa, construiu o primeiro bowl. Isso virou o que é hoje. O Rio Tavares virou referência mundial no skate, berço do Pedro Barros, da Indiara, Isa, Pedro Carvalho, Murilo Peres e muitos outros.
- [27:02] O Pedro cresceu no meio do skate e desenvolveu um estilo explosivo e desafiador. O Rio Tavares, a RTMF, virou uma grande família do skate. Antes da High Adventure já havia mini rampas e pontos de encontro. Eu conheço o Pedro desde pequeno, tenho fotos dele andando com três anos.
- [33:19] A nossa geração abriu o caminho não parando de andar. Nos tornamos referência. Eu trouxe medalhas e troféus de campeonatos pelo Brasil, tinha patrocinadores e vivia para o skate. Trabalhei depois na indústria por 22 anos, como representante de grandes marcas. Hoje sou espectador e admiro quem mantém a chama acesa.
- [39:55] O skate não é só um esporte, é uma cultura. É música, arte, roupa, comportamento, convivência. É um modo de vida. É uma comunidade. A cultura se manteve e segue viva. O skate é o esporte mais democrático do mundo. Competimos torcendo um pelo outro. Isso é o que o diferencia.
- [44:02]
- Então, existe algum alguma magia que entra na luta? Então, a grande magia foi o trabalho construído desde o 77 na High Adventure, né? Com a chegada do Pedro, né? E aí outros influenciados por ele, né? Que se tornou um grande skatista mundial, né? Muitas vezes aí campeão mundial, né? Levou o nome, a família que a gente construiu aqui dentro, né?
- [45:25]
- Assim como teve outros antigamente, teve o Bob, teve o Lin Ueda, teve o Mineirinho, teve o Cris Mateus, né? Teve grandes nomes, né, mundiais, né? Mas o Pedro, sei lá, ele é é por isso que eu digo, ele é um skateista diferenciado. Sabe, ele tem uma luz própria assim, ele, né? É um cara que tem muita humildade, né? Ele é um cara muito simples, assim, totalmente diferente de muitos, né?

APÊNDICE C - Roteiro preliminar

ATO 1 - MUNDO COMUM

Apresentar o cenário “antes do começo”.

O público entende o mundo em que o herói vive antes da jornada: o contexto, o cotidiano, as limitações.

- Florianópolis nos anos 70, quando o skate era improvisado e marginal.
- Os skatistas eram vistos como “vagabundos”, as pistas não existiam e o preconceito era forte.
- [19:44] SAGUI
Ah, e o que eu posso dizer a respeito disso, cara, que quando a gente começou a andar de skate, porque aquele tempo todo mundo era desligado do mundo, não, os meios de comunicação demorava as informações para chegar aqui, as revistas, roupa, tudo, os equipamentos, tudo demorava muito.
- [02:12] GYRÃO
- Tem um menino lá de Criciúma, o Romão Silvestre, que é o primeiro skatista da minha cidade, porque o pai dele foi até Porto Alegre e comprou um Torley para ele. Daí apareceram os primeiros skates, e como não havia na loja para comprar, havia o skate artesanal. Então eram cortadas madeiras com serra fita, a gente pegava o molde, cortava a madeira, pregava o patins desmontado, uma parte na frente e outra atrás e andava naquele negócio.
- [15:25] FORMIGA
- skate eh não tinha manobra, não tinha equipamento, não tinha nada. A gente começou, por exemplo, o meu apelido veio por conta de eu não ter um capacete de skate era coisa de menino rico, então eu peguei um capacete de moto. As joelheiras eram as piores possíveis de feltro, as joelheiras usava no voleibol, era tudo uma adaptação.
- [18:31] FORMIGA
- É, naquela época, os únicos esportes que existiam? Era futebol e alguma e esporte olímpico, né? Ninguém valorizava nenhuma outra forma eh de esporte mais radical. Por exemplo, o surf. O surf era o sinônimo de esporte de quem ia para a praia para ficar vagabundeando, para né, era uma rebeldia muito pós aquela época do dos hip. do estoque, ainda tinha um pouco essa associação. O skate era de vagabundo urbano
- [01:56] JACA
- A gente andava na rua, nas calçadas, ou às vezes alguém fazia uma mini-ramp de madeira em casa, aí todo mundo corria pra lá. Às vezes uma rampinha numa calçada, um caixote, já virava uma festa. Uma coisa que me lembro bastante e que influenciou foi os campeonatos que tinham.
- [05:50] CABEÇA

- Então, assim, teve toda essa esse início, né? Muitas pessoas não sabem o que que foi o começo do skate em Santa Catarina nem no Brasil, né? Teve muita gente aí que, né, fez muito pelo skate, que hoje, de repente, nem tem nenhum reconhecimento, entendeu? Pessoas que tavam lá atrás, né? Construindo rampas, né? Amarrando madeirinha em poste para poder fazer rampa, né? Roubando no Madeira em construção, né?

ATO 2 - CHAMADO À AVENTURA

Mostrar o momento em que o herói sente que há algo maior. É o surgimento da paixão, da curiosidade, da inquietação que inicia a jornada.

- O primeiro contato com o skate, a descoberta da liberdade, a vontade de criar a cena em Floripa.
- [05:10] GYRÃO
- A gente fez uma pista de skate na Icarumbi, que foi a primeira pista do estado de Santa Catarina. Era um negócio pequeno, e no meio tinha uma valinha para passar e fazer manobra.
- inserir video gyrão 15 anos
- [09:33] GYRÃO
- E aí aquela história de do menino de 15 anos que era líder e tal, que tentou construir, era o era o cara do da social do Clube de Skate de Criciúma. Daí saiu lá, era o presidente do Clube de Skate com 15 anos de idade. Mas aquilo gerou um negócio assim, não, eu sou alguém que faz vou ajudar essa essa para te fazer.
- [10:26] GYRÃO
- E aí a gente chegou, eu cheguei em Florianópolis, a gente criou uma associação de skate catarinense. Começamos a fazer alguns eventos. Foi uma época onde o Half Pipe tava pipocando em várias cidades. Lá em Criciúma tinha dois, três Half Pipe montados, tinha no Criciúma Clube, tinha no Mapituba, tinha no Marista, no Colégio Marista
- [02:08] SAGUI

Enfim, logo em seguida começou a chegar as duas primeiras revistas de esportes radicais, editada na Califórnia, que era a Surf Border e a Skate Border. E através dessas revistas, nós começamos a desenvolver a prática dos esportes. Então a gente só ia pelo instinto.
- [02:28] SAGUI
- Porque a gente imaginava que a Daí quando a gente começou a ver as filmagens, as imagens não muito, as fotos, as reportagens, as coisas, a gente começou a ver que pô, que o negócio era já tava mais evoluído, que o

negócio era muito divertido. E aí aconteceu tudo isso, começou a evolução do skate e logo muito prematuramente, mas isso foi muito prematuramente, aconteceu em 76 o primeiro campeonato itajaiense de skate.

- [illegible]

ATO 3 - RECUSA DO CHAMADO

Apresentar o medo, os obstáculos e o preconceito.

- As repressões policiais, a falta de estrutura, o descrédito social e institucional.
- [24:44] SAGUI
É, antigamente era meio que na marra contra muito contra os pais, contra toda a sociedade, entendeste? Então é isso, é a questão da irreverência do

esporte. É o que faz eles fez ele permanecer e se tornou o que se tornou olímpico.

- [11:41] SAGUI
- Mas enfrentamos isso através da radicalidade, da radicalidade. Íamos lá doido mais pouco, é um doido que sobe numa rampa de 3 m, vai lá em cima e volta e dá um ar e sai voando, não é doido mais consciente também. Não é Então era isso, isso daí que aconteceu na época.
- [27:02] CATARINA
- É uma coisa difícil, né? O skate ele é meio ele passou por um muito preconceito, então você tem que ser um guerreiro, né? Você bota o skate embaixo do braço e sai andando, você tá indo contra muita coisa. Hoje em dia já não, né? Pouco mais tranquilo, mas pô, antigamente você olhava assim, o cara com uma idade a mais assim, o cara com o skate só bobo esse cara aí com o skate e brincando.
- [20:07] (2) CATARINA
- Já vi Já mudou a visão do skate quando a gente tinha lá atrás, quando a gente andava e era adolescente, para essa geração. Hoje em dia os pais levam para a pista. Os pais ficam ali: "Vamos, vamos". Antigamente, nem que você vai andar de skate, tá maluco, vai andar de skate, vá, vai trabalhar, vai estudar, tá, isso aí, vai estudar o quê?
- [06:44] CABEÇA
- A gente sofreu até ataque, né? Teve em São Paulo mesmo, né? A questão de não poder andar de skate na rua, né? É, foi muito louco assim, os caras fizeram um movimento para se atar, né? E o skate se tornou o que é hoje, né? Mas a gente tem uma uma uma grande galera aí, né? Uma uma parte dessas pessoas que vieram lá dos anos 70, atravessaram os anos 80, chegaram nos anos 90 e hoje estão aqui, que nem eu, né?
- [17:13] CABEÇA
- Para nós era indiferente ter marca ou não ter marca, ter ordem, não ter porque nos anos 80 foi meio um skate punk ali, né? Sem violência, né? Ou com um pouco de violência, né? Skate punk violento. A gente gostava era de ouvir música e andar de skate, né? E fazer festa e né? Então a gente foi uma resistência, né? A gente foi mesmo contra os os princípios ali, né? Que era marginalizado, que era isso, que era aquilo, que era, né? com todo preconceito, a gente conseguiu manter.
- [18:09] CABEÇA
- É, assim, a polícia, às vezes, né, era muito eh dura, ríspida, né? Assim, pegar skate lá nessa nessa história de São Paulo, o eles fizeram uma passeata lá, porque os cara fecharam lá o Ibirapuera, o parque do Ibirapuera, né, o prefeito da época, né, e ele fechou o o parque, os cara foram fazer uma uma passeata lá, prenderam um monte de skate, né, prenderam gente, né? Era um bagulho meio pesado assim mesmo, né? Era meio que os cara achava que a gente era marginal, né?
- [23:49] CABEÇA

- A gente era contra o sistema. A gente não aceitava nada que eles impunha para nós, né? A gente ia totalmente contra. Ah, não pode, a gente vai. Sabe aquela coisa assim? Quando tu quer que criança não faça uma coisa, tu faz para ela fazer e aí ela não faz? Era o contrário de nós. Falava para nós não fazer, a gente fazia, né? Então assim, a gente eh era realmente skate de verdade. A gente só queria assim, né? A gente queria andar de skate.

ATO 4 E 5 - TRAVESSIA DO PRIMEIRO LIMIAR E ENCONTRO COM O MENTOR

O nascimento da cena. A primeira pista, do 12, os primeiros campeonatos.

Introduzir figuras inspiradoras, que iniciaram o movimento. Reconhecimento de quem abriu portas.

- [03:25] SAGUI
E depois daquilo, o skate pegou gol. Criou forças. E daí rolou no Clube 12 de Agosto, um clube que é muito conceituado, tinha uma série de campestre que era lá no Jurerê e pegaram e meteram lá uma pista lá no Dal Rio assim, Sneicão, uma coisa assim louco, cara. E daí ali começou a acontecer tudo.
- [11:47] JACA
Os caras do Clube 12 pegaram uma revista gringa, olharam a pista e fizeram parecido. Fizeram isso em 1978.
- [28:41] JACA
Eles tinham um primeiro que alguém um dos meninos na época lá, da gurizada dos anos 70, ele tinha, acho que um tio, algo assim, que era diretor, algum cargo lá do Clube 12. E ele que deve ter falado um tio, vamos dá um jeito de fazer uma pista. Vou olhar lá na Califórnia o que que tá rolando, não sei quem, tal, tal, tal. Aí eles deram um jeito, não, vamos fazer então, beleza.
- [21:07] FORMIGA
Era o Clube 12, uma pista muito louca, ela era muito ruim a pista, na verdade, perto da nossa, porque ela era muito áspera e umas que não faziam muito sentido e tinham dois lugares que faziam as que dava para fazer a manobra, né? E era muito técnico, muito difícil para a época, porque era rápida.
- [30:50] CABEÇA
Então, assim, tem a volta do snake assim, tem assim aquela cabeçada e lá embaixo um monte de gente, né? Foto preta e branca. A gente dormia lá no pico. A gente A gente ia para o 12 sexta-feira e ficava até segunda ou às vezes até domingo só, né? A gente dormia embaixo de uma pedra que tinha lá, levar umas coisinha, fazer umas fogueirinha, dormia e acordava na pista andando de skate, passava o dia inteiro andando. É outro skate, né?

- [03:48] SAGUI
Aconteceu o primeiro campeonato cidadão de Florianópolis e depois de três meses o primeiro campeonato catarinense de pista, o qual me tornei primeiro campeão, da categoria Júnior, era só duas categorias: Júnior até 16 anos e sênior a partir de 16 anos. É, aconteceu o primeiro Campeonato Catarinense e depois, claro, para terem uma ideia como o estado de Santa Catarina sempre foi muito evoluído nos esportes radicais, apesar da gente não ser conhecido antigamente.
- [04:17] SAGUI
Sabia-se que Santa Catarina era entre o Paraná e o Rio Grande do Sul. Blumenau e o Campo Limpo mesmo ninguém nem sabia, não encostava no mapa. Mas daí, é, aconteceu depois de três meses ainda o primeiro Campeonato Brasileiro de Skate na mesma pista. Então, olhe só, o primeiro Campeonato Catarinense Skate é com seu três meses antes do primeiro Campeonato Brasileiro de Skate.
- [04:42] SAGUI
Então, isso eu acho que é um mérito muito grande para Santa Catarina e pro esporte de Santa Catarina.
- [01:24] FORMIGA
- O momento que teve o primeiro Campeonato Brasileiro de Skate, que foi em Florianópolis. Ah, 1978. Essa época eu tinha 15 anos de idade.
- [01:50] FORMIGA
- Entrei no ônibus, acordei na ponte Hercílio Luz. Parecia que eu tinha ido para o Havaí, era foi muito marcante isso para mim.
- [02:58] FORMIGA
- Bom, e aí comecei a treinar comecei a me dar bem, consegui começar a acertar o aéreo que eu tinha eu tinha aprendido eh meses antes em São Paulo e tinha me tornado o primeiro brasileiro a dar essa manobra aérea, né, no país e foi muito bacana, porque durante os treinos eu já comecei a me destacar e venci o primeiro Campeonato Brasileiro de Skate Pist em 1970.
- [28:57] CABEÇA
- É. O que era nessa época em comparação a o que é hoje em dia que é Ah, não. Essa época era não tinha 50 skatistas no Brasil inteiro. Entendeu? Um campeonato desse aí foi quando eu conheci a maioria das pessoas que vieram de fora.
- [26:06] SAGUI
- Clube 12 de Agosto, não tinha nada, não tinha nada, tinha só uma avenida com as luzes assim, botava a barraca tudo em cima de skate e ia empurrando com comida, com tudo e até lá ficava uma semana acampado lá atrás do bolo no meio de um de um bambuzal lá que nem bicho-do-mato, saía da barraca já pegava o skate e ia andar direto no dia inteiro.
- [21:31] FORMIGA
- Ah, depois do segundo ano em 79, aí eles melhoraram, fizeram um rampão lá no fundo, mas isso não não foi obstáculo. Por quê? Eh, tava todo mundo

curtindo, tá no primeiro Campeonato Brasileiro e a gente se adaptou à pista. Foi super desafiador, mas muito difícil para aquele momento.

- [21:50] FORMIGA
- Então, ah, agora depois que aí começou o esporte se desenvolver, né, o Clube 12 mesmo foi melhorando, a pista eles foram fazendo rampas e dando uma aumentada, onde esses dois primeiros campeonatos foram muito importantes para para o início do skate aqui na ilha.

ATO 6 E 7 - TESTES, ALIADOS E INIMIGOS/ APROXIMAÇÃO DA CAVERNA OCULTA

O skate forma alianças, enfrenta desafios, erra, aprende e avança.

- Os anos 80 e 90. Construção de pistas, eventos, amizade, resistência.

O momento de crise e introspecção. O herói duvida. Tudo parece se perder.

- A “morte do skate”, o desânimo, a falta de apoio nos anos 90.
- [19:19] GYRÃO
- O skate deu uma encolhida que a gente chama de morte do skate. Mas nunca foi uma morte, porque sempre teve uma galera que segurou. E nós falávamos que havia um ciclo de 10 anos, um auge e uma queda. Tivemos isso nos anos 70, depois nos 80, e no início dos 90, uma depressão. Mas o skate sempre se reergueu.
- [06:10] JACA
- O skate passou por várias fases. Teve os anos 70, os Dog Town, aquela coisa lá nos Estados Unidos. Aqui teve algo parecido, nas proporções do Clube 12. Depois, no final dos anos 80, era a época que eu comecei a andar, com o pessoal do vertical, o Weda, o Genaro de Vique, o pessoal do vert. Quando comecei, o vertical deu uma parada, o pessoal começou a andar street, da minha geração. As manobrinhas no chão, correndo em mão, caixotes.
- [06:34] JACA
- [17:43] CABEÇA
- Sabe, a gente manteve, a gente conseguiu manter a chama acesa, né? Passamos por essa por essa década, né, a década de 80. Tinha assim, tava uma balança, né? Teve altos e baixos, mas assim, foi uma grande resistência, né
- [19:08] CABEÇA
- Então assim, a gente foi a grande resistência, né? Os anos 80 foi a grande resistência, tanto que depois o skate melhorou muito, né
- [14:11] CABEÇA
- Eh, tinha um vulcãozinho, né? Tinha um vulcãozinho que é onde é os terminal de ônibus hoje. Sim, a gente ainda era em muito escasso, né? Esse aqui

chegou a mais, assim, quando ah o skate começou a acontecer aqui nos anos 90. Até os anos 90 até 97, o que a gente viveu aqui foi foi luta pelo skate, né? Todas as pessoas que andaram eu, pescoço, facão, Junai, Fernando, Girão e tantos outros, né?

- [07:03] JACA
- Depois disso continuou uma outra fase, até os anos 2000. Teve altos e baixos, mas ali a coisa começou a evoluir de forma mais contínua. Hoje é muito mais consolidado. Naquela época, diziam “o skate morreu”. Não tinha campeonato, não existia mais. A gente ficava desanimado.
- [07:55] FORMIGA
- Aqui atrás, onde a gente tá, foi onde o skate voltou a ter aquela pegada de areia de praia, porque tinha virado um skate muito urbano.

ATO 8 - PROVAÇÃO

O momento mais intenso da jornada. A virada de chave da cena, com o nascimento do RTMF.

- A construção do bowl do Rio Tavares e o nascimento da RTMF: o ponto de virada.
- [07:51] JACA
- Aqui em Floripa, o pessoal da High Adventure, o Rafael, o Neto, essa turma das antigas, fez surgir aquela nova cena. O Adriano, o Eduardo, o Dranho, que é o irmão do Eduardo, que veio pra cá com a Drop Dead em 93. Eles nos apoiaram bastante. Foram eles que fizeram tudo isso aí ser como é hoje.
- [09:07] JACA
- Essas pessoas que vieram pra cá se juntaram aos que já estavam, com esse sonho. Uns vieram pra surfar, outros conheceram o skate e foram se mantendo unidos em volta desse objetivo. Às vezes o cara nem tem um objetivo de chegar em algum lugar, mas tá ali curtindo aquele momento, e aquilo vai se espalhando, vai se expandindo pra outras áreas, se tornando influente pra todos.
- [10:17] FORMIGA
- Aí começou, aí voltou o skate na pegada sol, praia, mar, skate E a turma veio chegando devagar e principalmente essa turma do RTMF foi a que direcionou o novo lifestyle do skate no mundo. Não é só é Santa Catarina, Brasil. Só que virou o objetivo, né
- [26:29] FORMIGA
- Eh, o RT MF, a galera era foram os primeiros a vir para cá, eh que depois receberam eh essa essa denominação, né, de RTMF, que eram amigos que queriam simplesmente curtir, foram trazendo pessoas, o negócio foi

fortalecendo naturalmente. Eh, claro que se eles não tivessem feito isso aqui, o skate de repente ia ser diferente na ilha.

- [25:44] CABEÇA

- O Léo que foi um cara que veio para cá nos anos 90 também e foi esse cara que de repente as, é, manteve a chama acesa e fez e botou gás para a gente ficar mais, né? Foi grande daí que se juntou com o André e com o Rafa da pousada, entendeu? E aí teve o primeiro bonzinho ali e que virou tudo que é hoje. Entendeu? O Rio Tavares hoje é referência mundial no skate.

● [01:45] (2) CATARINA

- Em 1996, quando teve o half pipe na Praia Mole, esse campeonato vertical, foi que começou a mudar a história. Depois o Dranho conseguiu levar esse half para o Beiramar. Ficou um tempo lá até que estragou. E nessa galera começou a fazer mini-ramps nas casas, inclusive o André, pai do Pedro, tinha uma mini-ramp, e começaram a construir pistas particulares.

- [07:27] (1) CATARINA

- A gente sonhava viver do skate, era o skate, já era a minha vida. Vim pra cá e fiquei um ano construindo a casa, pensando no que ia fazer, como trabalhar. E sonhava viver disso.

- [07:52] (1) CATARINA

- E aí, cheguei e falei: "Pô, a gente acho que tem que desenvolver o o boWL, né, cara, na época, porque o Pedro tava ganhando os campeonato mundial com 12, 13 anos, sozinho, viajando e era só ele, não tinha uma geração". Falei: "Poxa, a gente tem que fazer uma escolinha, a gente tem que fazer um circuito de skate". E nessa o André ele é muito assim, tipo, então tá. E ele é muito de fazer.

- [09:33] 1 CATARINA

- E aí, nessa, começou a surgir o parque mesmo. Então, com esse surgimento da dos campeonatos em concretos, veio essa geração de Johnny Gasparotto, Marlon Silva, Felipe Foguinho, Murilo Peres, Alex Fagundes, Michael dos Passos, Gustavo Picass, Kevin, toda toda essa molecada que hoje em dia tá no cenário, Japinha, Luiz, eh todos eles ali passaram pelo circuito.

- [01:10] RAFAEL BANDARRA

- E eu acho que o skate veio, eh, a ideia de de de andar de skate e e ter o bolo, ele surgiu até por uma, eh, vontade muito parecida com o que aconteceu na Califa, nas antigas, que era dito ter um lugar para você, eh, surfar quando não tivesse onda, né? Então, a gente acabou fazendo bolo, né?

● [01:34] RAFAEL BANDARRA

- E nisso aí, eu era Sou ainda muito amigo do Léo Caquinho, porque o Léo Caquinho foi uma pessoa que teve muita importância para o skate brasileiro, né? Ele foi um cara que abriu o caminho no exterior em competição, numa época que era muito difícil, né? Eh, pessoa que inspirou o Bob.

● [01:54] BANDARRA

- Então, a gente morava junto na Praia Mole, né, numa casa que a gente alugava E aí ele, para você ter ideia, eu nem sabia dessa história do Leo em

relação ao skate, eu fiquei sabendo bem depois. E aí nisso, eu comprei o terreno aqui no Rio Tavares, né? Na época não tinha nada no Rio Tavares, essa parte aqui era só uma fazenda assim.

- [02:16] BANDARRA
- E logo quando eu comprei a casa, a gente ah vamos fazer um um uma pista e tal para para que a gente possa de repente se divertir, andar de skate aí na hora que não tivesse onda. E assim foi o início da ideia da pista. Né? Isso foi em 97. Então, a pista ficou pronta na época, era uma coisa meio meio anormal para a época, porque o que tava em alta no skate do Brasil, né?
- [02:45] BANDARRA
- Poderia se dizer em alta ou em mais evidência, era o street, né? Então, o bowl era uma categoria que tava muito esquecida, né? Tipo assim, não não se falava muito em bowl, não não tinha muito muita pista né, muito muito bom, muito banks, eh para que o pessoal usasse. E aí logo quando a gente acabou de fazer, pela pela a pelo nome do Léo, né? Aqui ficou muito tempo conhecido como o bowl do Léo Caquinho, né?
- [03:14] BANDARRA
- Então acabou vindo muita gente que tava saudoso dessa época do bowl, que queria andar eh no banks, no bowl e não tinha onde andar e acabou vindo para vindo para cá para para Florianópolis, né? E não é difícil você querer vir para Florianópolis, né? tipo, Florianópolis é uma cidade encantadora, né? Altas ondas e e povo legal. Então a galera já tinha um motivo a mais para vir para cá que era para andar na pista.
- [04:40] BANDARRA
- Eu falei: "Ah, vamos fazer uma pousada e tal, porque a galera vinha ficava de barraca eh no meu terreno, tipo cinco, seis barracas, tal, aí eu resolvi adaptar a minha casa para poder receber esse pessoal de forma melhor e eu ter um um trabalho voltado a a ao ao turismo, que é uma coisa que é característica, né, de de Florianópolis E com o tempo, isso o o negócio foi ampliando, ele foi crescendo, o skate foi tendo eh mais eh visibilidade
- [37:34] (2) CATARINA
- O RTMF surgiu aí nessa época aí que a pousada começou a ficar pronta em 97, né? E aí era muita obra ali, construção da pista e tudo. E aí tinha um gringo aqui que veio para cá e ele desacreditava, né? A praia ali, né? Tem um mar, as árvores na frente.
- [29:23] BANDARRA
- E aí ele ele tinha uma marca de skate nos Estados Unidos e ele comprou um terreno aqui do lado também e fez uma casa. Construiu uma mini rampzinha na casa casa e tal. E começou a frequentar muito aqui a a a minha casa na época, né? E aí ele que veio com essa história, cara, tipo, vocês aqui é o Rio Tavares motherfucker, vocês são os Rio Tavares motherfucker, em termos de tipo de galera que era muito foda, que era muito legal tá aqui, que era coisa. E aí ficou esse negócio de RTMF, entendeu
- [38:01] (2) CATARINA

- A praia, pousada, skate e e tudo aquilo, né, que envolve a ilha da Maginha. Aí ele Rio Tavares, Rio Tavares e Rio Tavares motherfucker e a gente já fez moletão e camiseta e virou RTMF. E tamanha, né, pressão que eles tinham desse lugar, né? Tipo, porra. E também assim, o Rosário quando veio aqui, né, tipo, pô, o cara da Califórnia, o cara tipo consói.
- [29:51] BANDARRA
- Que é o Rio Tavares motherfucker, né? E E aí foi cada vez agregando mais motherfucker a essa cultura, né? Essa a essa vibe, né? Então, com isso eh eh o o bairro inteiro acabou se desenvolvendo dentro dessa pegada de arte, de música, de de de de cultura, eh das mais diversas formas, né?
- [05:12] BANDARRA
- o o Brasil foi foi se destacando também e aí a gente acabou que eh e acho que foi em 2000 e 2014 por aí, 2012 ou 14, a gente resolveu fazer uma escolinha também para passar adiante essa esses esses conhecimentos, né? E assim surgiu a escolinha, né, que foi uma coisa que até hoje funciona, que é muito legal.
- [06:07] BANDARRA
- Na época não não tinha muito apoio em relação a a uma categoria somente feminina. A gente implementou dentro do RTMF Number One, que a gente é um campeonato de skate que a gente fazia. Ainda faz de vez em quando, né? Eh, a gente começou a implementar a categoria feminina, né, para que possa dar mais espaço para o skate feminino, para que elas pudessem ter mais voz, né, para que pudesse ter se desenvolver mais.
- [09:14] BANDARRA
- Então, foi uma coisa muito natural, né, que a escola de skate primeiro os professores aqui foi Miguel Catarina, né, que hoje é é técnico da eh da seleção brasileira olímpica, né, começou a dar aula aqui e e aí o Pedro o Pedro Barros, ele é meu afiliado, então, ele ele se ele cresceu aqui dentro, né? A pista foi muito eh projetada para ele, né?
- [09:38] BANDARRA
- A gente cada mudança que teve na pista aqui foi projetando uma uma situação futura que ele pudesse encontrar em alguma competição fora do Brasil, porque a gente na as pistas do Brasil, elas não eram tão avançadas e tão boas quanto as as pistas de fora do Brasil, os Estados Unidos, principalmente
- [10:01] BANDARRA
- Então, cada cada competição que que vinha lá de fora e e enxergava eh alguma mudança, alguma coisa que que seria interessante a gente ter aqui para que se pudesse treinar para quando chegasse lá fora, eh tá mais acostumado, a gente acabava eh reproduzindo na pista aqui da Raia. Então, um exemplo disso foi o Coppenberg, por exemplo, né? Antes a pista quando ela foi feita, ela era toda com copinho copinho de ferro.
- [09:28] FORMIGA

- Então, o skate realmente ficou muito forte aqui e isso gerou uma nova geração, né? Eh, teve o André Barros, eh o Léo Caquinho, o Rafa, entre outros, daqui a pouco o André Barros teve um filho que chamava Pedro Barros. Antes de andar a pele, já tava em cima do skate. E isso foi fortalecendo, tornando o esporte visceral na ilha, né?
-
- [01:10:12] GYRÃO
- Desde, é, Floripa sempre foi uma Meca, porque o André Barros, o pai do Pedro, ele foi bastante estratégico quando ele percebeu o o que ele tinha um um talento com ele, o filho dele. Então ele estimulou desde o começo. Então eles moraram é, na Austrália por um período. O menino andava muito bem de skate.
- [01:09:04] GYRÃO
- Porque para lá em cima buscar eh Floripa o Paraíso das Transições. Eh, o que acontece? Desde que o o Pedro se revelou o talento que ele é, o Pedro Barros. E junto com ele o Vicaquinho, que é um parceiro dele desde sempre, desde criança, desde criancinhas, né? Que eu via filho do Leo. Então, assim, são digamos, são pedras preciosas.
- [42:48] SAGUI
- Eu imagino que é por isso que aqui especificamente no Rio Tavares que tem um ponto e sete por causa disso, por causa do Pedro que alavancou que trouxe que foi tipo assim o farol ele mostrou como é que era a coisa que tinha condições de ultrapassar divisas. Ver E a galera pirou, porra, o cara tava certo, o cara tava certo.
- [26:59] FORMIGA
- E principalmente, ia demorar, talvez não tivesse essa relação tão forte quanto aqui em Florianópolis tem, porque é o único lugar, meu. Nem no Rio não é tão forte essa pegada de surf skate como é que é a essência, como é que em Florianópolis. Isso sim, o RTMF foi o que botou ali, assinou, recolocou água salgada, areia de praia no esporte, né?
- [27:25] FORMIGA
- Então, esse lugar por tá tão perto da praia, eh proporcionou isso, né? Então, eu acho que realmente a turma dos pioneiros eh do skate aqui do Rio Tavares, que depois se tornou RTMF, são os caras que tão à frente aí que merecem mais mérito do que qualquer outra geração..
- [26:14] CABEÇA
- Tem a Indiara, tem a Isa, tem o Pedro Carvalho, tem o Felipe Foguinho que veio para cá, tem o Murilo Peres que veio para cá, tem o Vica King que é filho do Léo, né? Essa é uma geração Pedro Barros, né?
- [27:02] CABEÇA
- Ele não é um, apesar dele competir, se dar muito bem nas competições, ele é um skatista assim, de raiz mesmo, sabe? Ele cresceu no meio do skate e ele desenvolveu a característica dele de andar de skate, né? Um skate explosivo, um skate desafiador, né? O que ele acha impossível, ele vai e faz, né?

- [44:02] CABEÇA
- Então, a grande magia foi o trabalho construído desde o 77 na High Adventure, né? Com a chegada do Pedro, né? E aí outros influenciados por ele, né? Que se tornou um grande skatista mundial, né? Muitas vezes aí campeão mundial, né? Levou o nome, a família que a gente construiu aqui dentro, né?
- [44:55] CABEÇA
- Tem essa energia da família, né, a família RTMF, né, dos amigos, né, eh das pessoas que fazem, né, fazem a diferença, fazem acontecer, buscam, né? Eh, então, assim, para mim assim tem um nome, né? Para mim tem um nome, né? Eh, esse nome é um nome muito respeitado mundialmente, chama Pedro Barros, né? Esse cara foi a grande influência, né, para muita gente no Brasil, né, e para gente fora do Brasil, né? Esse cara fez o nome do skate no Brasil mudar, né?

ATO 9 E 10 - RECOMPENSA E RESSURREIÇÃO

Mostrar a conquista e o reconhecimento. O herói prova seu valor e recebe sua recompensa simbólica. A prova final de que o herói renasceu. O herói volta mais forte, agora símbolo de algo maior.

- Pedro Barros e a nova geração projetando Floripa pro mundo.
- [20:48] GYRÃO
- E aí até a gente chegar já nos anos 2000, 2010, até a gente ver o skate se tornando esporte olímpico, que pra mim já era uma coisa esperada, mas pra muitos era uma surpresa. Mas assim, do skate sair da condição de esporte marginal até o herói olímpico, teve toda essa trajetória, né? E a gente tá participando disso da nossa forma, né?
- [12:07] CATARINA 2
- Então, foram muitos anos, né, ensinando pessoas a andar de skate, iniciante, intermediário, idoso, pessoas mais velhas e eh deficientes, né, até eh físicos, enfim, e alta performance. E alta performance ela veio justamente quando o skate veio para a Olimpíada, né? Primeira Olimpíada do skate, a gente já vinha muito envolvido, né?
- [12:36] CATARINA 2
- Com a Isa, porque eu já treinava a Isa há muito tempo, Isa Pacheco, eh e o Pedro Barros, né, que ele é meio tiado, né? Esse é padrasto dele. E a gente tem uma ligação muito forte, então a gente, né, cada vez começou a ficar mais próximo nessa parte de treinamento mesmo. mas não só skatista, né? A galera do skate é assim, vou andar de skate e corre campeonato, mas não é uma coisa assim completa, né?

- [32:46] CATARINA 2
- Ele não é um ídolo aqui do bairro, não é um ídolo aqui de Floripa, né? Do Brasil, é um ídolo mundial, assim. Então, eu acompanho ele nessas viagens e a gente vê assim, pô, claro, tem uns esqueteiros que a galera tem um carinho, mas ele é surreal. Você vê quando a pessoa tá perto dele, o brilho no olho, as coisas, com quantidade de presente que as pessoas querem deixar com ele, sabe? O cara do Nepal lá, dá um presente, uma correntinha, o outro dá um anel, não sei do quê, coisas assim, sabe?
- [33:15] CATARINA 2
- se fala caramba, cara. Porque é um carinho muito grande que ele tem e ele é uma pessoa que sempre tratou todo mundo muito bem, ele é muito coração. Então, eu acho que isso é uma coisa que reverbera, né? Ele já passa essa energia, lógico, o que ele faz é muito agressivo, é muito intenso, né? Então, ele tá numa competição, o cara tá ali, ele tem que tá muito presente que ele vai fazer. Então, não dá para ficar. É muito difícil esse esse acerto com o que ele tá fazendo na pista, né?
- [33:45] CATARINA 2
- que é muito. Isso é uma coisa muito precisa, tem que estar muito concentrado, tem que estar muito ali, mas ele consegue fazer isso muito bem. Então, eu acho que o Olímpio ele conseguiu realmente, né, fazer uma coisa inédita e tentou muita gente, mas ele já vinha fazendo há muito tempo atrás disso. Ele já já vinha como um ídolo da nova geração há muito tempo.
- [39:41] CATARINA 2
- É, você falou ali, né, até a gente esqueceu de comentar que a gente foi um bairro, né? Foi com três atletas que foi inventado o skate. Aí Isa e Indie e Pedro. Então, assim, pô, né?
- [40:07] CATARINA 2
- Três atletas num bairro que não é, uma o surf aqui tem uma tradição legal, o skate tem uma história, mas é uma história ali que é mais, né? Não é tão assim pública, né? Foi mais particular se desenvolvendo a galera, mas eu acho que é. Acho que é o equilíbrio, né? Acho que a ilha da magia, ela tem alguma coisa a mais, esse lugar ali tem uma energia muito boa
- [41:31] CATARINA 2
- É, é muito muito muito forte isso assim, sabe? Às vezes eu me pego ali e falo: Caramba, que filme.
- [42:01] CATARINA 2
- Porque o exemplo mesmo é Isa, né? A gente foi muito ligado desde cedo, né? Eu já conheci o pai e a mãe da Isa. Nessa época eu comecei a vir para cá em 90 e poucos, e o pai da Isa é de Curitiba, a gente já se conhecia há muitos anos. Então, a gente tinha uma ligação muito forte com a Isa e ela foi uma das primeiras alunas ali da escola. Ela, Pedro Carvalho, Willy Coutinho, Apoletto. Mas a Isa teve umas particularidades ali que realmente marcou, né?
- [42:27] CATARINA 2

- Porque o primeiro campeonato que fui fazer, que te falei aquela correria ali, microfone, que juiz, quem que é o juiz, organizando tudo ali meio, né, na correria. Chega o pai da Isa e fala: "Ah, cara, a Isa não quer correr outra coisa".
- [42:43] CATARINA 2
- dedinho na boca assim falei o Isa qual que é né cara pô vai correr o campeonato por que tá com vergonha tá com medo comei assim aí eu olhei para o pai dela assim um monte de coisa para fazer então tá bom não corre vai para casa segunda-feira vai para escola tudo certo vai ficar igual a tua vida agora se você correr aí vai dropar ali na pista vai andar vai ver a galera aquela emoção e vai sentir o que que vai acontecer, segunda-feira você vai lembrar: "Nossa, que legal que foi aquilo, vai mudar tua vida, vai por mim, ó, tá na tua, eu acho que tem que correr".
- [43:20] CATARINA 2
- Vai ali, dropa e dei mandei uma ali e já fui fazer umas corre, né? Tinha que organizar, tinha que começar o campeonato, enfim. Eu chamei foi ela lá, né? Ela ali foi com a mão com ela para dropar. Ela ficava ali dentro só o dedinho, tinha que encostar o dedinho para ela dropar e ela dropava.
- [43:40] CATARINA 2
- Então foi um processo ali. E pô, quando eu vi a gente já tava na primeira Olimpíada, lá, Isa lá, né? Caramba. Aí de repente na segunda. E aí eu pego muito no pé dela, né? Porque E a Índi também, né? A Índi a gente teve uma ligação porque daí nessa época eu fui trabalhar na Fundação de Esportes, que a Índi começou realmente, mas eu já tava na seleção dos campeonatos e já era amigo dos pais também, né?
- [44:03] CATARINA 2
- Mas a Índi a gente tem uma ligação muito forte e eu tenho certeza que ela assim ela ela tem o tempo dela e ela tá ainda nessa crescente, sabe? É no tempo dela. Mas daqui a pouco ela quando ela pega uma manobra, ela vem. E assim nesses dois ciclos faltou alguma coisinha, né? Às vezes um pouquinho mais de de teimosinho, algumas manobras, um pouquinho mais ali focado em algumas coisas ali, mas ela ela foi dois resultados na média.
- [37:31] BANDARRA
- Deve ter muito talento escondido em Florianópolis, em todos esses lugares aí que tão só esperando uma oportunidade de poder crescer, né? Eu acho que, resumindo, né, como Florianópolis se tornou isso e e como a gente enxerga, eu acho que pela união e pela força de vontade e pelo skateboard. Tipo, vivo skateboard.

ATO 11 - O CAMINHO DE VOLTA (INVERTIDA A ORDEM)

O retorno ao mundo comum, agora transformado. O herói leva o aprendizado de volta para os outros.

- O skate como ferramenta social e educativa. O caminho aberto para os skatistas das novas gerações.
- [16:50] SAGUI
Isso a gente tá falando é da raiz do skate. E a raiz do skate, ela é isso. Ela é isso. Ela é amizade, ela é companheirismo. É difícil tu ver um skatista andando sozinho. Tem graça a gente andar de skate sozinho.
- [17:42] SAGUI
Primeiro esporte que neguinho perdia e o adversário vinha e abraçava e beijava e chorava junto. Aquilo ali impactou eu acho que o planeta inteiro, né? Aquilo ali foi muito legal para quem é esquirista ver não a competição em si, mas sim o que aconteceu depois da competição da entrega da premiação. Aquilo ali é uma coisa que só no skate acontece. Em outro esporte, infelizmente, quem pratica outro não tem mais cara. Isso é só no skate. E isso é raiz. O skate é isso.
- [34:09] SAGUI
- Então, isso para mim eu não sei dizer como um milagre, um um milagre que Deus usou o skate ferramenta foi o biscate. Ele sabia onde tava o meu coração. Ele conhece, ele me conhece o coração de cada um. Ele sabe onde tá onde tá a nossa salvação, não tá a nossa perdição. E o lugar aqui me salvou realmente. A galera toda, o Rafa, todos os meus amigo aqui me ajudaram muito nessa minha mudança, entendeste?
- [07:11] BANDARRA
- Então, a gente continua fazendo esse trabalho aí de forma, eh que a gente possa trazer uma qualidade boa aí pro pro skate para mostrar, eu acho que o mais importante de tudo isso é poder mostrar que o skate, além de ser um lifestyle e e uma e uma qualidade de vida que a pessoa busca, uma forma de rebeldia da eh da juventude nas suas atitudes e suas ideias, né? Eh, eu acho que ele é, sem dúvida nenhuma, um uma importante ferramenta de mobilidade social, sabe?
- [07:40] BANDARRA
- Aonde tu pode tirar eh os jovens de estado, é, de pobreza, de de vulnerabilidade, né, para uma situação melhor para que ele possa ter um futuro melhor, se não como atleta, mas como pessoa, entendendo que a convivência, né, a as diferenças, elas são muito importantes de serem, é, convivas, conviver com a diferença, né, o skate ele te proporciona isso, porque tu está, é, do lado de uma pessoa que tem uma estrutura familiar muito bem resolvida, onde tem uma condição financeira mulher boa e ele tá praticando o esporte e do lado tu tem uma pessoa que de repente tá numa condição totalmente eh eh adversa aquela outra, aonde ela não tem condições, a família é totalmente estruturada, de repente não tem um pai e tal, mas ele tá no mesmo ambiente e ele tá tendo a mesma oportunidade eh

de aproveitar aquele momento sem essas anuências que tem na sociedade, né?

- [19:05] BANDARRA
- Eu acho que o que o skate por si próprio assim, da sua força de cultura, ela foi demonstrando que ela não era eh eh uma coisa de maconheiro ou de vagabundo, não é? Era uma Era um esporte, era um era um tipo de vida, pelo contrário, é uma cultura super forte, politicamente muito ativa, de muita opinião, né
- [30:03] SAGUI
- Eu acho que o legado que deixou mesmo é essa raiz, essa raiz que continua até hoje que a gente viu na Olimpíada, que a gente vê aqui todo dia, que a gente vê em qualquer pista de skate do planeta. Neguinho cai, tu vai lá socorrer, Neguinho acerta e é, tu vai lá entender Eh, o o padre Léo, uma mulher minha esposa assim, um certo dia saiu de lá e tá olha aqui, ó, um negócio do padre Léo, uma palestra.
- [30:30] SAGUI
- Daí ele falando lá, esquirista é o o cara de base, que eu conheço na vida, o padre, um padre falando: "Ué, por quê? Esquece isso, é, porque ele vai lá e tenta uma manobra, ele não consegue. Ele só vai desistir, só vai desistir depois que ele acertar. Se ele tiver que tentar 1.000 vezes, ele vai tentar 1.000 vezes. Isso é o maior sinônimo de fé. Porque fé é a certeza das coisas que não se vê e a convicção das coisas que se esperam.

ATO 12 - RETORNO COM O ELIXIR

O herói compartilha o que aprendeu, e traz de volta à comunidade um presente: sabedoria, inspiração, cultura.

Por que Florianópolis, uma ilha do sul do Brasil, se tornou o coração global do skate de bowl e park?

- [01:21:45] GYRÃO
- Então assim, o skate está se diversificando, está crescendo e a tendência é cada vez mais de intercâmbios regionais, sendo que Floripa é sempre um lugar que as pessoas querem vir para viver, né? Então, é, Ale Mazara, o nome do italiano, tá? Ale Mazara. E então cada vez mais o o skate eh mundial vai estar, né?
- [01:22:16] GYRÃO
- Pergunta a qualquer skatista eh lá de Sydney ou na Austrália, ele vai saber o que que é Florianópolis, o que que tem em Floripa de pista para andar, eh que nem também um lá na Suécia, né, de Malmö, os caras vão saber também

o na Dinamarca, né, a terra do Ronnie Glyfberg os caras vão lembrar do do do e são esses caras que que que circulam, que vêm para cá, que vão andar, que vão usufruir do espaço, vão dividir sessões com a gente, né?

- [10:45] FORMIGA

- Eu fui a primeira fui da primeira equipe a competir na Califórnia em 1979. Era o sonho. Hoje mudou, hoje não é o sonho de ir para Califórnia. Eu sou eu californiano, vim para cá. Então, é fantástico porque a natureza conspirou a favor, sabe? O momento conspirou a favor do skate e tornar isso aqui um centro internacional, um centro mundial, né? Super respeitado

- [29:43] FORMIGA

- Eh, entre várias pistas particulares, como essa aqui, a High Adventure, eh várias outras pistas particulares dentro de casas, eh ou super pistas como Abraão o Parque, eh realmente tornou Florianópolis, o destino mais importante para quem quer evoluir.

- [30:08] FORMIGA

- Porque aqui além de ter os melhores atletas, as pessoas mais sérias tem boas pistas para realmente botar em prática, né? Seja no Street como a Trindade, seja no no Abraão que é um skate park de padrão internacional, seja nessas pistas que são espetaculares como o centro de treinamento do Pedro Barros, aqui na High Adventure. Então, Então, isso, sem dúvida nenhuma, o que é mais importante para tornar Florianópolis um grande centro.

- [07:12] CATARINA 2

- É que os gringos vem aqui para andar no Abraão. E a gente deu um passo lá e passou essa visão, tipo, pô, vamos fazer isso bem feito, né? O esporte é a vez é esporte. O skate é a vez. Já foi Fórmula 1, já foi futebol, já foi vôlei, já foi vôlei de praia, tênis. Todos os esportes, basquete, já teve o seu auge, né? O skate ele vem vindo ali, só que ele vem e vem embasado, né?

- [35:30] BANDARRA

- Cara, eu acho assim que Florianópolis ela tornou essa cidade que que é sinônimo de skate e e e de surf e de outros esportes, mas aqui a gente tá falando especificamente de skate. Eu acho que pela própria eh força comunitária dela, né? Eu acho que ela não teve assim, ó, zero de influência eh governamental para que isso pudesse acontecer.

- [35:54] BANDARRA

- Ela Ela Ela teve a força dos skateistas, da própria comunidade que vive em volta do skate, né, da força de vontade, da da vontade de de cada um que tava ali eh em aproveitar o skate, em curtir o skate, em viver o skate.

- [36:13] BANDARRA

- Eu acho que a maioria das das pessoas pessoas que fizeram com que Florianópolis fosse referência, eh, pro skate, nunca começaram a andar de skate ou pensaram no skate como um negócio, como uma forma de que ah não, vamos transformar Florianópolis na capital do skate, vamos. Não, cara,

eu acho que era pela vontade de andar de skate mesmo, de pegar o carrinho, sair para a rua, estar com os amigos, se divertir, conversar, ouvir música, né?

- [36:39] BANDARRA

- E essa essa consequência foi que com o apoio, né, eh não governamental, mas com o apoio como a nossa pista que a gente fez, o Pedro fez pista na casa dele, né? Outras pessoas também eh fizeram pistas e tal e a gente foi crescendo essa essa comunidade. Ao ponto de que o nosso crescimento, ele não ficou mais invisível aos olhos públicos. Que aí sim, o governo teve que enxergar a gente, né?

- [37:31] BANDARRA

- Deve ter muito talento escondido em Florianópolis, em todos esses lugares aí que tão só esperando uma oportunidade de poder crescer, né? Eu acho que, resumindo, né, como Florianópolis se tornou isso e e como a gente enxerga, eu acho que pela união e pe

APÊNDICE D - Roteiro técnico

ATO 1

IMAGEM	ÁUDIO
Lettering: Este documentário foi produzido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) pela estudante Julia Capella Silveira, para obter o diploma em Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A realização foi possível graças ao acesso à universidade pública, gratuita e de qualidade.	A Ilha - Armandinho [0:00 - 0:10]
Título: Pé no mar, skate na veia - Um documentário de Lia Capella	A Ilha - Armandinho [0:10 - 0:20]
Vídeo SAGUI 2 [7:15 - 7:28] (GC: Balduino “Sagui” Fabbris - Primeiro campeão catarinense de skate na categoria Júnior)	SAGUI Quando a gente começou a andar de skate, porque aquele tempo todo mundo era desligado do mundo, não, os meios de comunicação demorava as informações para chegar aqui, as revistas, roupa, tudo, os equipamentos, tudo demorava muito.
Vídeo GYRÃO 1 [02:14 - 02:55] (GC: César Gyrão - Fundador da Revista Tribo Skate) FOTOS: skate antigo skate antigo 2 skate torlay skate torlay 2 skate torlay 3	GYRÃO Tem um menino lá de Criciúma, o Romão Silvestre, que é o primeiro skatista da minha cidade, porque o pai dele foi até Porto Alegre e comprou um Torley para ele. Daí apareceram os primeiros skates, e como não havia na loja para comprar, havia o skate artesanal. Então eram cortadas madeiras com serra fita, a gente pegava o molde, cortava a madeira, pregava o patins desmontado, uma parte

	na frente e outra atrás e andava naquele negócio.
VÍDEO FORMIGA 1 [02:26 - 02:51] (GC: Luis Roberto Formiga - Primeiro campeão brasileiro de skate vertical, “Wave Boy”) FOTO: formiga wave park	FORMIGA Skate eh não tinha manobra, não tinha equipamento, não tinha nada. A gente começou, por exemplo, o meu apelido veio por conta de eu não ter um capacete de skate era coisa de menino rico, então eu peguei um capacete de moto. As joelheiras eram as piores possíveis de feltro, as joelheiras usava no voleibol, era tudo uma adaptação.
VÍDEO FORMIGA 2 [05:32 - 06:14] (DAR UMA OLHADA NO Q DA PRA FAZER SOBRE A MEXIDA NA CAMERA, COLOCAR UM VIDEO OU IMAGEM POR CIMA? VOU INDICAR AQ ALGUNS) FOTOS: rua do skate em coqueiros (incluir legenda: “Rua do skate” em Coqueiros na década de 70) o estado matéria skate manchete skate	FORMIGA É, naquela época, os únicos esportes que existiam? Era futebol e alguma e esporte olímpico, né? Ninguém valorizava nenhuma outra forma eh de esporte mais radical. Por exemplo, o surf. O surf era o sinônimo de esporte de quem ia para a praia para ficar vagabundeando, para né, era uma rebeldia muito pós aquela época do dos hip. do estoque, ainda tinha um pouco essa associação. O skate era de vagabundo urbano
VÍDEO CABEÇA 1 [05:34 - 05:58] (GC: Marcos “Kbeça” Moreira - Skatista da primeira geração) FOTOS: kabeca na ponte hercílio luz kabeca na ponte hercílio luz 2	[05:34 - 05:58] CABEÇA Então, assim, teve toda essa esse início, né? Muitas pessoas não sabem o que que foi o começo do skate em Santa Catarina nem no Brasil, né? Teve muita gente aí

(incluir legenda em ambas: Kbeça na década de 80)	que, né, fez muito pelo skate, que hoje, de repente, nem tem nenhum reconhecimento, entendeu? Pessoas que tavam lá atrás, né? Construindo rampas, né? Amarrando madeirinha em poste para poder fazer rampa, né? Roubando no Madeira em construção, né?
---	--

ATO 2

IMAGEM	ÁUDIO
Vídeo GYRÃO 1 [09:36 - 10:00] FOTOS: gyrao presidente	GYRÃO E aí aquela história de do menino de 15 anos que era líder e tal, que tentou construir, era o era o cara do da social do Clube de Skate de Criciúma. Daí saiu lá, era o presidente do Clube de Skate com 15 anos de idade. Mas aquilo gerou um negócio assim, não, eu sou alguém que faz vou ajudar essa essa para te fazer.
Vídeo GYRÃO 1 [10:29 - 10:49]	GYRÃO Eu cheguei em Florianópolis, a gente criou uma associação de skate catarinense. Começamos a fazer alguns eventos. Foi uma época onde o Half Pipe tava pipocando em várias cidades. Lá em Criciúma tinha dois, três Half Pipe montados, tinha no Criciúma Clube, tinha no Mapituba, tinha no Marista, no Colégio Marista

Vídeo SAGUI 2 [02:10 - 2:49] INSERIR AS FOTOS NAS PARTES QUE A CÂMERA DER TREMIDA FOTOS: skateboarder magazine 01	SAGUI Logo em seguida começou a chegar as duas primeiras revistas de esportes radicais, editada na Califórnia, que era a Surf Border e a Skate Border. E através dessas revistas, nós começamos a desenvolver a prática dos esportes. Então a gente só ia pelo instinto. Porque a gente imaginava que a Daí quando a gente começou a ver as filmagens, as imagens não muito, as fotos, as reportagens, as coisas, a gente começou a ver que pô, que o negócio era já tava mais evoluído, que o negócio era muito divertido. E aí aconteceu tudo isso, começou a evolução do skate
VÍDEO CABEÇA 1 [11:37 - 11:57]	CABEÇA No início dos anos 70, como o skate começou em 60 lá fora, eh, no início dos anos 70, a indústria lá nos Estados Unidos, ela já tinha força, já tinha poder e já tava começando a olhar para outros lugares, né? E assim, aqui do Brasil, as pessoas as pessoas que tinham condições viajavam para fora, quando elas voltavam, né? Sempre voltavam com alguma novidade. Então, a gente fazia sim esse meio, né
Vídeo SAGUI 2 [11:32 -12:06] FOTOS: skateboarder magazine 02 skateboarder magazine 03	SAGUI As revistas, a skateboard, surf board, chegava, não ficava 2 dias na banca, não ficava 1 dia, esvaziava. Quando chegava era uma loucura. Olha, ainda todo mundo

	era um vendia mais do que revista de mulher pelada, revista em dia muito. Vendi muito. Nós comia aquelas página e daí cortava as coisinha, botava com com papel contact porque não tinha adesivo. Não daí botava no skate Simes, Criptonix, Alva. Era massa para caralhO
--	---

ATO 3

IMAGEM	ÁUDIO
VÍDEO SAGUI 2 [12:14 - 12:30]	SAGUI É, antigamente era meio que na marra contra muito contra os pais, contra toda a sociedade, entendeste? Então é isso, é a questão da irreverência do esporte. É o que faz eles fez ele permanecer e se tornou o que se tornou olímpico.
VÍDEO SAGUI 1 [11:43 - 11:55]	SAGUI Mas enfrentamos isso através da radicalidade, da radicalidade. Íamos lá doido mais pouco, é um doido que sobe numa rampa de 3 m, vai lá em cima e volta e dá um ar e sai voando, não é doido mais consciente também.
VÍDEO CATARINA 4 [02:16 - 02:40] (GC: Miguel Catarina - Técnico da seleção brasileira de skate park)	CATARINA É uma coisa difícil, né? O skate ele é meio ele passou por um muito preconceito, então você tem que ser um guerreiro, né? Você bota o skate embaixo do braço e sai andando, você tá indo contra muita

	coisa. Hoje em dia já não, né? Pouco mais tranquilo, mas pô, antigamente você olhava assim, o cara com uma idade a mais assim, o cara com o skate só bobo esse cara aí com o skate e brincando.
VÍDEO CATARINA 3 [07:45 - 07:59]	CATARINA Já mudou a visão do skate quando a gente tinha lá atrás, quando a gente andava e era adolescente, para essa geração. Hoje em dia os pais levam para a pista. Os pais ficam ali: "Vamos, vamos". Antigamente, nem que você vai andar de skate, tá maluco, vai andar de skate, vá, vai trabalhar, vai estudar, tá, isso aí, vai TE DAR o quê?
VÍDEO CABEÇA 1 [05:00 - 05:16] FOTOS: proibicao skt proibicao skt 2	[06:28 - 06:44] CABEÇA A gente sofreu até ataque, né? Teve em São Paulo mesmo, né? A questão de não poder andar de skate na rua, né? É, foi muito louco assim, os caras fizeram um movimento para se atar, né? E o skate se tornou o que é hoje, né?
VÍDEO CABEÇA 2 [05:00 - 05:16]	CABEÇA nOS anos 80 foi meio um skate punk ali, né? Sem violência, né? Ou com um pouco de violência, né? Skate punk violento. A gente gostava era de ouvir música e andar de skate, né? E fazer festa e né? Então a gente foi uma resistência, né? A gente foi mesmo contra os os princípios ali, né?

VÍDEO CABEÇA 2 [05:51 - 06:20] FOTOS: manifestacao skt manifestacao skt 2	CABEÇA a polícia, às vezes, né, era muito eh dura, ríspida, né? Assim, pegar skate lá nessa nessa história de São Paulo, o eles fizeram uma passeata lá, porque os cara fecharam lá o Ibirapuera, o parque do Ibirapuera, né, o prefeito da época, né, e ele fechou o o parque, os cara foram fazer uma uma passeata lá, prenderam um monte de skate, né, aprenderam gente, né? Era um bagulho meio pesado assim mesmo, né? Era meio que os cara achava que a gente era marginal, né?
---	--

ATOS 4 & 5

IMAGEM	ÁUDIO
SONORA Sagui Vídeo SAGUI 1 [03:27- 03:49] COBRIR TREMIDA C A FOTO. FOTO: clube 12 revista skate news	SAGUI E depois daquilo, o skate pegou gol. Criou forças. E daí rolou no Clube 12 de Agosto, um clube que é muito conceituado, tinha uma série de campestre que era lá no Jurerê e pegaram e meteram lá uma pista lá no Dal Rio assim, Sneicão, uma coisa assim louco, cara. E daí ali começou a acontecer tudo.
Vídeo JACA 3 [02:47 - 03:02] FOTO: VAI TER PISTA (primeiro mostrar foto completa dps dar um zoom no bloco)	JACA Um dos meninos na época lá, da gurizada dos anos 70, ele tinha, acho que um tio, algo assim, que era diretor, algum cargo lá do Clube 12. E ele que deve ter falado um tio, vamos dá um jeito de fazer uma pista.

	Vou olhar lá na Califórnia o que que tá rolando, não sei quem, tal, tal, tal. Aí eles deram um jeito, não, vamos fazer então, beleza.
VÍDEO FORMIGA 2 [08:10 -08:30] FOTO: jurere snake 1978	FORMIGA Era o Clube 12, uma pista muito louca, ela era muito ruim a pista, na verdade, perto da nossa, porque ela era muito áspera e umas que não faziam muito sentido e tinham dois lugares que faziam as que dava para fazer a manobra, né? E era muito técnico, muito difícil para a época, porque era rápida.
VÍDEO CABEÇA 3 [06:38 - 07:02] FOTO: campeonato doze anos 70 -9	CABEÇA Então, assim, tem a volta do snake assim, tem assim aquela cabeçada e lá embaixo um monte de gente, né? Foto preta e branca. A gente dormia lá no pico. A gente A gente ia para o 12 sexta-feira e ficava até segunda ou às vezes até domingo só, né? A gente dormia embaixo de uma pedra que tinha lá, levar umas coisinha, fazer umas fogueirinha, dormia e acordava na pista andando de skate, passava o dia inteiro andando.
Vídeo SAGUI 1 [03:50 - 04:48] FOTO: primeiro campeonato no 12 (inserir qd ele fala do primeiro campeonato brasileiro)	SAGUI Aconteceu o primeiro campeonato cidadão de Florianópolis e depois de três meses o primeiro campeonato catarinense de pista, o qual me tornei primeiro campeão, da categoria Júnior, era só duas categorias: Júnior até 16 anos e sênior a partir de 16 anos. É, aconteceu

	o primeiro Campeonato Catarinense e depois, claro, para terem uma ideia como o estado de Santa Catarina sempre foi muito evoluído nos esportes radicais, apesar da gente não ser conhecido antigamente. Sabia-se que Santa Catarina era entre o Paraná e o Rio Grande do Sul. Blumenau e o Campo Limpo mesmo ninguém nem sabia, não encostava no mapa. Mas daí, é, aconteceu depois de três meses ainda o primeiro Campeonato Brasileiro de Skate na mesma pista. Então, olhe só, o primeiro Campeonato Catarinense Skate é com seu três meses antes do primeiro Campeonato Brasileiro de Skate. Então, isso eu acho que é um mérito muito grande para Santa Catarina e pro esporte de Santa Catarina.
VÍDEO FORMIGA [01:30 -1:40]	FORMIGA O momento que teve o primeiro Campeonato Brasileiro de Skate, que foi em Florianópolis. Ah, 1978. Essa época eu tinha 15 anos de idade.
VÍDEO FORMIGA 1 [01:51 -2:00] FOTO: Formiga atomica	Entrei no ônibus, acordei na ponte Hercílio Luz. Parecia que eu tinha ido para o Havaí, era foi muito marcante isso para mim.
VÍDEO FORMIGA 1 [02:46 -03:34] FOTO:	No dia seguinte (...).Bom, e aí comecei a treinar comecei a me dar bem, consegui

matéria campeonato do 12 resultado campeonato do 12	começar a acertar o aéreo que eu tinha eu tinha aprendido eh meses antes em São Paulo e tinha me tornado o primeiro brasileiro a dar essa manobra aérea, né, no país e foi muito bacana, porque durante os treinos eu já comecei a me destacar e venci o primeiro Campeonato Brasileiro de Skate Pist em 1978. E fui o primeiro brasileiro a dar o aéreo em competição.
VÍDEO CABEÇA 3 [05:05 - 05:14] FOTOS: campeonato doze anos 70 - 2	CABEÇA Essa época era não tinha 50 skatistas no Brasil inteiro. Entendeu? Um campeonato desse aí foi quando eu conheci a maioria das pessoas que vieram de fora.
Vídeo SAGUI 3 [0:23 - 0:40] FOTOS: jurere aerea geral jurere	SAGUI Clube 12 de Agosto, não tinha nada, não tinha nada, tinha só uma avenida com as luzes assim, botava a barraca tudo em cima de skate e ia empurrando com comida, com tudo e até lá ficava uma semana acampado lá atrás do bolo no meio de um de um bambuzal lá que nem bicho-do-mato, saía da barraca já pegava o skate e ia andar direto no dia inteiro.
VÍDEO FORMIGA 2 [8:31 - 09:11] FOTOS: campeonato doze anos 70 - 6	FORMIGA Ah, depois do segundo ano em 79, aí eles melhoraram, fizeram um rampão lá no fundo, mas isso não não foi obstáculo. Por quê? Eh, tava todo mundo curtindo, tá no

campeonato doze anos 70 - 4	primeiro Campeonato Brasileiro e a gente se adaptou à pista. Foi super desafiador, mas muito difícil para aquele momento. Então, ah, agora depois que aí começou o esporte se desenvolver, né, o Clube 12 mesmo foi melhorando, a pista eles foram fazendo rampas e dando uma aumentada, onde esses dois primeiros campeonatos foram muito importantes para para o início do skate aqui na ilha.
-----------------------------	--

ATO 6 & 7

IMAGEM	ÁUDIO
VÍDEO GYRÃO 2 [06:11 - 06:23]	E aí, é, o skate deu uma encolhida que a gente chama chega até a exagerar e chamar de morte no skate. Mas, enfim, nunca foi uma morte, porque sempre teve ali uma galera que ficou, que segurou.
VÍDEO GYRÃO 2 [06:47 - 07:11]	Então, né, essa história do esporte crescer, ah, virou moda, de repente virou uma depressão, né? Então, nós tivemos isso nos anos 70 para os 80. Depois nós experimentamos isso também no meado dos 80, no final no início dos 90. Mesma coisa, foi uma depressão. Não só no Brasil por causa da economia, o skate estava embaixo.
VÍDEO JACA 1 [06:10 - 06:29]	JACA

	O skate, né, para se consolidar, ele passou por várias fases, né? Teve os anos 70 ali, os Dog Town, aquela coisa lá nos Estados Unidos. Aí, aqui teve a mesma coisa nas suas proporções ali do Clube 12. Depois, no final dos anos 80, era a época que eu comecei a andar que o pessoal andava em half, era a época do Hawk,, aquele começo.
VÍDEO JACA 1 [06:49 - 07:10]	Então, ali o vertical, ele deu uma parada, o pessoal todo começou a andar street, que era da minha geração, por exemplo, as manobriinha no chão, correndo em mão, caixotes. E beleza, ali continuou uma outra fase que foi, sei lá, até os anos 2000, que teve, vamos dizer, uns altos e baixos, mas não tanto. Ali a coisa começou a progredir de forma mais contínua, assim, né?
VÍDEO CABEÇA 2 [05:18 - 05:41]	CABEÇA com todo preconceito, a gente conseguiu manter. O difícil foi se manter ali nos anos 80, né? Sabe, a gente manteve, a gente conseguiu manter a chama acesa, né? Passamos por essa por essa década, né, a década de 80. Tinha assim, tava uma balança, né? Teve

	altos e baixos, mas assim, foi uma grande resistência, né? Quem passou pelos anos 80 tá aqui até hoje, assim como eu, né?
VÍDEO CABEÇA 2 [01:58 - 02:11]	CABEÇA Ainda era em muito escasso, né? Esse aqui chegou a mais, assim, quando ah o skate começou a acontecer aqui nos anos 90. Até os anos anos 90 até 97, o que a gente viveu aqui foi foi foi luta pelo skate, né?
VÍDEO FORMIGA 1 - [07:54 - 08:05]	FORMIGA Aqui atrás, onde a gente tá, foi onde o skate voltou a ter aquela pegada de areia de praia, porque tinha virado um skate muito urbano.

BREAK IMAGEM	ÁUDIO
Lettering, tipo maquina de escrever letra por letra: No Rio Tavares, em Florianópolis, na década de 90...	(som: https://www.youtube.com/watch?v=v447ivsu8L4)
VÍDEO hi adventure antiga [00:00 - 01:04]	(MÚSICA DO VÍDEO. NO FIM, DESCE SOM)

IMAGEM	ÁUDIO
---------------	--------------

VÍDEO hi adventure e premiere hurley [1:58 - 02:07] Lettering: 📍 Pista Hi Adventure, aka Bowl do Leo Kakinho, no Rio Tavares Legenda: [JACA] Eai Cabeça, onde nós estamos?	JACA Eai Cabeça, onde nós estamos? CABEÇA Porra, no melhor pico do mundo, né, o paraíso. O paraíso maldito do skateboard.
VÍDEO JACA 1 [07:47 - 08:14]	JACA Aqui em Floripa, o pessoal da High Adventure, o Rafael, o Neto, essa turma das antigas, fez surgir aquela nova cena. O Adriano, o Eduardo, o Dranho, que é o irmão do Eduardo, que veio pra cá com a Drop Dead em 93. Eles nos apoiaram bastante. Foram eles que fizeram tudo isso aí ser como é hoje.
VÍDEO JACA 1 [09:06 - 09:26] rtmf inicio (5) LEGENDA: Construção da Pista Hi Adventure, em 1997	JACA Essas pessoas que vieram pra cá se juntaram aos que já estavam, com esse sonho. Uns vieram pra surfar, outros conheceram o skate e foram se mantendo unidos em volta desse objetivo. Às vezes o cara nem tem um objetivo de chegar em algum lugar, mas tá ali curtindo aquele momento, e aquilo vai se espalhando, vai se expandindo pra outras áreas, se tornando influente pra todos.
VÍDEO FORMIGA 1 [07:54 - 08:05]	FORMIGA Aí começou, aí voltou o skate na pegada sol, praia, mar, skate. E a turma veio chegando devagar e principalmente essa turma do RTMF foi a que direcionou o

	novo lifestyle do skate no mundo. Não é só é Santa Catarina, Brasil. Só que virou o objetivo, né
VÍDEO FORMIGA 3 [0:23 - 0:51]	FORMIGA Eh, o RT MF, a galera era foram os primeiros a vir para cá, eh que depois receberam eh essa essa denominação, né, de RTMF, que eram amigos que queriam simplesmente curtir, foram trazendo pessoas, o negócio foi fortalecendo naturalmente. Eh, claro que se eles não tivessem feito isso aqui, o skate de repente ia ser diferente na ilha.
VÍDEO CABEÇA 3 [01:32 - 01:53] FOTO: rtmf inicio (2)	CABEÇA O Léo que foi um cara que veio para cá nos anos 90 também e foi esse cara que de repente as, é, manteve a chama acesa e fez e botou gás para a gente ficar mais, né? Foi grande daí que se juntou com o André e com o Rafa da pousada, entendeu? E aí teve o primeiro bonzinho ali e que virou tudo que é hoje.
VÍDEO CATARINA 2 [02:10 - 02:34] FOTO: champ half mole 1996	CATARINA Em 1996, quando teve o half pipe na Praia Mole, esse campeonato vertical, foi que começou a mudar a história. Depois o Dranho conseguiu levar esse half para o Beiramar. Ficou um tempo lá até que estragou. E nessa galera começou a fazer mini-ramps nas casas, inclusive o André, pai do Pedro, tinha uma mini-ramp, e

	começaram a construir pistas particulares.
VÍDEO BANDARRA 1 [00:49 - 03:12] (GC: Rafael Bandarra - Dono da pousada Hi Adventure) FOTOS: rtmf inicio (4) LEGENDA: Construção da Pista Hi Adventure, em 1997 rtmf inicio (5) LEGENDA: Construção da Pista Hi Adventure, em 1997 hi nas antigas	RAFAEL BANDARRA E eu acho que o skate veio, eh, a ideia de de de andar de skate e e ter o bolo, ele surgiu até por uma, eh, vontade muito parecida com o que aconteceu na Califa, nas antigas, que era dito ter um lugar para você, eh, surfar quando não tivesse onda, né? Então, a gente acabou fazendo bolo, né? E nisso aí, eu era Sou ainda muito amigo do Léo Caquinho, porque o Léo Caquinho foi uma pessoa que teve muita importância para o skate brasileiro, né? Ele foi um cara que abriu o caminho no exterior em competição, numa época que era muito difícil, né? Eh, pessoa que inspirou o Bob. Então, a gente morava junto na Praia Mole, né, numa casa que a gente alugava E aí ele, para você ter ideia, eu nem sabia dessa história do Leo em relação ao skate, eu fiquei sabendo bem depois. E aí nisso, eu comprei o terreno aqui no Rio Tavares, né? Na época não tinha nada no Rio Tavares, essa parte aqui era só uma fazenda assim. E logo quando eu comprei a casa, a gente ah vamos fazer um um uma pista e tal para para que a gente possa de repente se divertir, andar de skate aí na hora que não tivesse onda. E assim foi o início da ideia da pista. Né? Isso foi em 97. Então, a pista ficou pronta na época, era uma coisa meio meio anormal para a época, porque o que tava em alta no skate do Brasil, né?

	Poderia se dizer em alta ou em mais evidência, era o street, né? Então, o bowl era uma categoria que tava muito esquecida, né? Tipo assim, não não se falava muito em bowl, não não tinha muito muita muita pista né, muito muito bom, muito banks, eh para que o pessoal usasse. E aí logo quando a gente acabou de fazer, pela pela a pelo nome do Léo, né? Aqui ficou muito tempo conhecido como o bowl do Léo Caquinho, né? Então acabou vindo muita gente que tava saudoso dessa época do bowl, que queria andar eh no banks, no bowl e não tinha onde andar e acabou vindo para vindo para cá para para Florianópolis, né? E não é difícil você querer vir para Florianópolis, né? tipo, Florianópolis é uma cidade encantadora, né? Altas ondas e e povo legal. Então a galera já tinha um motivo a mais para vir para cá que era para andar na pista.
VÍDEO BANDARRA 1 [03:38 - 04:46] FOTOS: rtmf inicio (7) LEGENDA: Casa da Pista Hi Adventure acampamento 01 (2) Acampamento no bowl	BANDARRA então, a gente fez a pista aqui na minha casa, né? E não era Não foi uma coisa pensada em em negócio, que a gente vai ter um negócio voltado ao skate. Até mesmo porque o skate naquela época não não era nem negócio, né? Tipo, era um um uma forma de vida, um um um lifestyle, né? E E a galera começou a vir para cá e e começou a a ter muito movimento na minha casa. e acabou que, eh com a necessidade de de trabalhar também e tudo mais, eu acabei fazendo da minha casa uma pousada.

	Eu falei: "Ah, vamos fazer uma pousada e tal, porque a galera vinha ficava de barraca eh no meu terreno, tipo cinco, seis barracas, tal, aí eu resolvi adaptar a minha casa para poder receber esse pessoal de forma melhor e eu ter um um trabalho voltado a a ao ao turismo, que é uma coisa que é característica, né, de de Florianópolis E com o tempo, isso o o negócio foi ampliando, ele foi crescendo, o skate foi tendo eh mais eh visibilidade
VÍDEO BANDARRA 3 [02:45 - 03:37]	Nessa época, é É, veio para cá também um americano, né, que um cara um pouco mais velho que a que a gente na época, que ele teve uma participação muito ativa ali junto com a com a galera do Dogtown no início da da onda do das das piscinas da Califórnia, que a galera ia invadir as casas para andar lá e tal, onde tinha essa essa pegada. E aí ele ele tinha uma marca de skate nos Estados Unidos e ele comprou um terreno aqui do lado também e fez uma casa. Construiu uma mini rampzinha na casa casa e tal. E começou a frequentar muito aqui a a a minha casa na época, né? E aí ele que veio com essa história, cara, tipo, vocês aqui é o Rio Tavares motherfucker, vocês são os Rio Tavares motherfucker, em termos de tipo de galera que era muito foda, que era muito legal tá aqui, que era coisa. E aí ficou esse negócio de RTMF, entendeu?
VÍDEO CATARINA 5 [00:15 - 00:30]	CATARINA Aí ele Rio Tavares, Rio Tavares e Rio Tavares motherfucker e a gente já fez

	moletão e camiseta e virou RTMF. E tamanha, né, impressão que eles tinham desse lugar, né?
VÍDEO BANDARRA 3 [03:39 - 04:03]	BANDARRA E E aí foi cada vez agregando mais motherfucker a essa cultura, né? Essa a essa vibe, né? Então, com isso eh eh o o bairro inteiro acabou se desenvolvendo dentro dessa pegada de arte, de música, de de de de cultura, eh das mais diversas formas, né?
VÍDEO BANDARRA 1 [04:35 - 05:15]	BANDARRA E com o tempo, isso o o negócio foi ampliando, ele foi crescendo, o skate foi tendo eh mais eh visibilidade, né? o Brasil foi foi se destacando também e aí a gente acabou que eh e acho que foi em 2000 e 2014 por aí, 2012 ou 14, a gente resolveu fazer uma escolinha também para passar adiante essa esses esses conhecimentos, né? E assim surgiu a escolinha, né, que foi uma coisa que até hoje funciona, que é muito legal.
VÍDEO BANDARRA 1 [08:47 - 09:54] VÍDEO https://youtu.be/NtTuMYX27Ew?si=k-aBYcdUcc8AYEVX Legenda: Miguel Catarina dando aula na escola de skate da Hi Adventure VÍDEO https://youtu.be/omZ-PFTPn2I?si=9BA17o9mjoK_JqJo [3:08 - ...] Legenda: Pedro Barros na Hi Adventure em 2010	BANDARRA Então, foi uma coisa muito natural, né, que a escola de skate primeiro os professores aqui foi Miguel Catarina, né, que hoje é é técnico da eh da seleção brasileira olímpica, né, começou a dar aula aqui e e aí o Pedro o Pedro Barros, ele é meu afiliado, então, ele ele se ele

	cresceu aqui dentro, né? A pista foi muito eh projetada para ele, né? A gente cada mudança que teve na pista aqui foi projetando uma uma situação futura que ele pudesse encontrar em alguma competição fora do Brasil, porque a gente na as pistas do Brasil, elas não eram tão avançadas e tão boas quanto as as pistas de fora do Brasil, os Estados Unidos, principalmente Então, cada cada competição que que vinha lá de fora e e enxergava eh alguma mudança, alguma coisa que que seria interessante a gente ter aqui para que se pudesse treinar para quando chegasse lá fora, eh tá mais acostumado, a gente acabava eh reproduzindo na pista aqui da Hi
VÍDEO CATARINA 1 [07:09 - 08:00]	CATARINA O sonho era viver do skate, assim, eu já já fazia isso, já já era o skate, já era a minha vida. Então, a gente veio e onde eu tava com o André, a gente tinha surfado e entrou vento sul, não tinha onda. Ah, mas vamos trabalhar com o quê? Com o que que você, né? Que que você pensa? Eu falei: "Ah, cara, a pousada tá meio abandonada, assim, o Rafa tava meio desanimado, era umas época ali e tal, os moleque ia andar, ele já ficava meio bravo, era casa dele, ele alugava assim, mas não era ainda uma pousada mesmo, sabe? E aí, cheguei e falei: "Pô, a gente acho que tem que desenvolver o bowl, né, cara, na época, porque o Pedro tava ganhando os

	campeonato mundial com 12, 13 anos, sozinho, viajando e era só ele, não tinha uma geração". Falei: "Poxa, a gente tem que fazer uma escolinha, a gente tem que fazer um circuito de skate".
VÍDEO CATARINA 1 [08:29 - 10:13] VÍDEO https://youtu.be/-WSdgyXtLOo?si=feEKXwitTlaGagH5	CATARINA Agora vamos fazer o campeonato. a gente se reuniu. E aí, quando eu vi, eu, tá, mas ele é o locutor, eu fazia tudo ali, daqui a pouco eu tive que pegar o microfone. Então, é isso, galera, vamos começar a organizar e era eu ali, né, e o Davi, nossa, o senhor era horrível, assim, uma caixinha de som, bam, bam, bam, bam, bam, bam. E nós ali, maior vibe, começou assim, pô, teve um ano que a gente fez quatro etapas, né? E nessas quatro etapas, o que aconteceu? Eh, a escolinha começou uma geração ali, que hoje em dia essa geração começou com a escolinha, Pedro Carvalho, a Isa, eh o Tuco, filho do Gol, Guarda, Ruda, vários, tipo, esportistas, né, tipo, skatistas bons, surfistas, enfim. E, então, foi uma geração muito boa, mas só que com isso, com o circuito de number one of RTMF, o que que a gente quis fazer? Criar uma geração de bowl, de concreto, né? Que era muito ou era half ou era street. E aí, nessa, começou a surgir o parque mesmo. Então, com esse surgimento da dos campeonatos em concretos, veio essa geração de Johnny Gasparotto, Marlon Silva, Felipe Foguinho, Murilo Peres, Alex

	Fagundes, Michael dos Passos, Gustavo Picass, Kevin, toda toda essa molecada que hoje em dia tá no cenário, Japinha, Luigi, eh todos eles ali passaram pelo circuito. E quando passaram pelo circuito, começaram a evoluir. E esse modo operante da Pousada Hi Adventure, ele acabou virando referência. A galera começou a fazer bar, né? Bar com loja de skate, aulinha e campeonato. Então, isso aí deu uma boa disseminada no no skate em transição de concreto.
VÍDEO BANDARRA 1 [05:41 - 06:40]	BANDARRA Na época não não tinha muito apoio em relação a a uma categoria somente feminina. A gente implementou dentro do RTMF Number One, que a gente é um campeonato de skate que a gente fazia. Ainda faz de vez em quando, né? Eh, a gente começou a implementar a categoria feminina, né, para que possa dar mais espaço para o skate feminino, para que elas pudessem ter mais voz, né, para que pudesse ter se desenvolver mais. E isso aí foi muito legal, porque acabou fazendo uma cena muito forte do skate feminino, né, na área do do bowl. Adora avarela, né? Eu conheço desde pequenininha, vinha buscando campeonatos aqui. Então, para nós foi muito gratificante ver que a primeira Olimpíada que o skate participou, tipo, a a equipe brasileira eram praticamente de de pessoas que foram alunos daqui, se ou se não foram alunos daqui, foram pessoas que

	conviveram aqui, a juventude inteira, a infância inteira eh frequentando a High Adventure, treinando aqui e e e e se aprimorando. Então, isso aí foi um motivo de alegria demais, né? E a outra Olimpíada a mesma coisa, né?
VÍDEO FORMIGA 1 - [09:27 - 09:57] FOTO: andre barros 01 Legenda: André Barros e o pequeno gigante Pedro Barros	FORMIGA O skate realmente ficou muito forte aqui e isso gerou uma nova geração, né? Eh, teve o André Barros, eh o Léo Kakinho, o Rafa, entre outros, daqui a pouco o André Barros teve um filho que chamava Pedro Barros. Antes de andar a pé, já tava em cima do skate. E isso foi fortalecendo, tornando o esporte visceral na ilha, né?
VÍDEO GYRÃO 6 [08:15 - 08:37]	GYRÃO Desde, é, Floripa sempre foi uma Meca, porque o André Barros, o pai do Pedro, ele foi bastante estratégico quando ele percebeu o o que ele tinha um um talento com ele, o filho dele. Então ele estimulou desde o começo. Então eles moraram é, na Austrália por um período. O menino andava muito bem de skate.
VÍDEO [0:13 - 1:14] https://www.youtube.com/watch?v=7JQL Eb7Rr2s	SOBE SOM DESCE SOM
Vídeo SAGUI 1 [03:27- 03:49] VÍDEO [1:14 - 1:24] https://www.youtube.com/watch?v=7JQL Eb7Rr2s	SAGUI Eu imagino que é por isso que aqui especificamente no Rio Tavares que tem

(AQUI BAIXAR SOM DO VIDEO DO PEDRO, COLOCAR SAGUI FALANDO EM CIMA , DPS CORTA PRO SAGUI SEGUINDO A FALA.)	um ponto e sete por causa disso, por causa do Pedro que alavancou que trouxe que foi tipo assim o farol ele mostrou como é que era a coisa que tinha condições de ultrapassar divisas. Ver E a galera pirou, porra, o cara tava certo, o cara tava certo.
VIDEO FORMIGA 3 [0:55 -1:42] VÍDEO STU NATIONAL FLORIPA	FORMIGA Se não tivesse essa relação tão forte quanto aqui em Florianópolis tem, porque é o único lugar, meu. Nem no Rio não é tão forte essa pegada de surf skate como é que é a essência, como é que em Florianópolis. Isso sim, o RTMF foi o que botou ali, assinou, recolocou água salgada, areia de praia no esporte, né? Então, esse lugar por tá tão perto da praia, eh proporcionou isso, né? Então, eu acho que realmente a turma dos pioneiros eh do skate aqui do Rio Tavares, que depois se tornou RTMF, são os caras que tão à frente aí que merecem mais mérito do que qualquer outra geração..
VÍDEO CABEÇA 4 [07:57 -08:08]	CABEÇA Então, a grande magia foi o trabalho construído desde o 97 na Hi Adventure, né? Com a chegada do Pedro, né? E aí outros influenciados por ele, né? Que se tornou um grande skatista mundial, né?
VÍDEO CABEÇA 4 [08:45 - 09:15]	CABEÇA

	Tem essa energia da família, né, a família RTMF, né, dos amigos, né, eh das pessoas que fazem, né, fazem a diferença, fazem acontecer, buscam, né? Eh, então, assim, para mim assim tem um nome, né? Para mim tem um nome, né? Eh, esse nome é um nome muito respeitado mundialmente, chama Pedro Barros, né? Esse cara foi a grande influência, né, para muita gente no Brasil, né, e para gente fora do Brasil, né? Esse cara fez o nome do skate no Brasil mudar, né?
VÍDEO CABEÇA 3 [1:51 - 2:18] DAR UM CORTE NAS PARTES Q ELE FICA TOSSINDO. KKKK VÍDEO ROLE NO HALF RTMF	[1:51 - 2:18] CABEÇA O Rio Tavares hoje é referência mundial no skate. Por quê? Porque criou o Pedro. Criou criou o Vi. E junto com eles agora criou outras pessoas. Né? Tem a Indiara, tem a Isa, tem o Pedro Carvalho, tem o Felipe Foguinho que veio para cá, tem o Murilo Peres que veio para cá, tem o Vica King que é filho do Léo, né? Essa é uma geração Pedro Barros, né?
VÍDEO CABEÇA 3 [2:48 - 3:15] DAR UM CORTE NAS PARTES Q ELE FICA TOSSINDO. KKKK	O skate do Pedro é diferenciado. Ele não é um, apesar dele competir, se dar muito bem nas competições, ele é um skatista assim, de raiz mesmo, sabe? Ele cresceu no meio do skate e ele desenvolveu a característica dele de andar de skate, né? Um skate explosivo, um skate desafiador,

	né? O que ele acha impossível, ele vai e faz, né?
--	---

ATOS 9 E 10

IMAGEM	ÁUDIO
VÍDEO GYRÃO 2 [07:47 - 08:20] FOTO: PEDRO MEDALHA Pedro Barros, medalhista de prata no skate park nas Olimpíadas de Tóquio 2020 FOTO: japinha medalha Augusto Akio, medalhista de bronze nas Olimpíadas de Paris 2024	GYRÃO E aí até a gente chegar já nos anos 2000, 2010, até a gente ver o skate se tornando esporte olímpico, que pra mim já era uma coisa esperada, mas pra muitos era uma surpresa. Mas assim, do skate sair da condição de esporte marginal até o herói olímpico, teve toda essa trajetória, né? E a gente tá participando disso da nossa forma, né?
VÍDEO CATARINA 3 [00:00 - 00:31]	CATARINA E a alta performance ela veio justamente quando o skate veio para a Olimpíada, né? Primeira Olimpíada do skate, a gente já vinha muito envolvido, né? Com a Isa, porque eu já treinava a Isa há muito tempo, Isa Pacheco, eh e o Pedro Barros, né, que ele é meu enteado, né? EU sou padrasto dele. E a gente tem uma ligação muito forte, então a gente, né, cada vez começou a ficar mais próximo nessa parte de treinamento mesmo.

VÍDEO CATARINA 4 [07:49 - 08:40] IMAGENS PEDRO	[07:49 - 08:40] CATARINA O Pedro é um fenômeno. Ele não é um ídolo aqui do bairro, não é um ídolo aqui de Floripa, né, do Brasil. Ele é um ídolo mundial, assim. Então, eu acompanho ele nessas viagens e a gente vê assim, pô, claro, tem uns esqueteiros que a galera tem um carinho, mas ele é surreal. Você vê quando a pessoa tá perto dele, o brilho no olho, as coisas, com quantidade de presente que as pessoas querem deixar com ele, sabe? O cara do Nepal lá, dá um presente, uma correntinha, o outro dá um anel, não sei do quê, coisas assim, sabe? Você fala caramba, cara. Porque é um carinho muito grande que ele tem e ele é uma pessoa que sempre tratou todo mundo muito bem, ele é muito coração. Então, eu acho que isso é uma coisa que reverbera, né? Ele já passa essa energia, lógico, o que ele faz é muito agressivo, é muito intenso, né?
VÍDEO CATARINA 5 [02:03 - 02:42] FOTO: PEDRO ISA E YND	CATARINA A gente foi com um bairro, né? Foi com três atletas PRA OLIMPIADAS DE SKATE. Aí Isa e Indie e Pedro. Então, assim, pô, né? Três atletas num bairro. É, o surf aqui tem uma tradição legal, o skate tem uma história, mas é uma história ali que é mais, né? Não é tão assim pública, né? Foi mais particular se desenvolvendo a galera. Acho que a ilha da magia, ela tem

	alguma coisa a mais, esse lugar ali tem uma energia muito boa.
VÍDEO CATARINA 5 [04:22 - 04:35] https://www.youtube.com/watch?v=7qygSeeU9PE PEGAR TRECHO Legenda: Isa Pacheco em 2013, aos 7 anos	CATARINA Então, a gente tinha uma ligação muito forte com a Isa e ela foi uma das primeiras alunas ali da escola. Ela, Pedro Carvalho, Willy Coutinho, Apoletto. Mas a Isa teve umas particularidades ali que realmente marcou, né?
VÍDEO CATARINA 5 [5:50 - 5:57]	CATARINA E pô, quando eu vi a gente já tava na primeira Olimpíada, lá, Isa lá, né? Caramba. Aí de repente na segunda.
VÍDEO CATARINA 5 [6:44 - 7:32] https://www.dropbox.com/scl/fi/slka2izeicrscdnxqitul/P1766449.MOV?rlkey=wu8ywa191arfy08ehgvrna591&e=1&st=y5hdjdc&dl=0	CATARINA Agora esse próximo ciclo é um ciclo que ela tem muita chance de dar nas cabeça. né? Porque a maturidade chegou, agora ela é uma pessoa já bem evoluída, né? Então, antes era aquela transição de adolescente e tal, agora é uma mulher mesmo e tem muita atitude, a gente vê que diferencial o diferencial dela andar no parque, que é o que o parque pede, né? Não é sair reto aqui, voltar reto aqui, reto lá, voltar reto ali, vir aqui, voltar lá. O park é um conjunto, você tem que costurar a velocidade, você manter o flow, entendeu? Conexão das manobras. É um conjunto de em tudo isso, né, extensão, amplitude, utilização de pista. E ela tem tudo isso. Então, acho que é duas, três manobrinha que ela precisa ajustar para

	poder realmente chegar onde ela tem o nível de skate que é das melhores do mundo, né?
VÍDEO CATARINA 5 [7:45 - 08:01] VÍDEO https://www.dropbox.com/scl/fi/m1ubzvtv4y79ea7k7xcnio/PG9_5315.MOV?rlkey=sc1d1y8tbu53891qyc3uqcago&e=1&st=67qzldif&dl=0	CATARINA A Ynd é um é uma ídola mundial de skate, né, porque ela que abriu lá, um dia, assim, fez a cerimônia de abertura, então, foi uma honra muito grande também para ela. E ela tem um papel muito forte ainda, né? Porque ela que abriu as portas, né, para essa geração, ela que ganhou o Park City, Vans Park City, né?
VÍDEO CATARINA 5 [7:45 - 08:08] VÍDEO https://www.dropbox.com/scl/fi/kye28lk3cnzhfums94zmt/C0868.MP4?rlkey=5sysqa1avqesd00myk9ftwegh&e=1&st=swaplxi&dl=0	CATARINA Então, ela vem evoluindo também muito. E a nova geração, né, que tá chegando, né? Não só aqui no Brasil, como o skate feminino mundial, né? O skate feminino mundial a gente que vê campeonato algum tempo atrás que as manobras eram muito ainda fracas aí no desenvolvimento, né? E hoje em dia a gente vê notas na casa do excelente e o nível muito alto.
VÍDEO BANDARRA 3 [11:31 - 11:36]	BANDARRA Deve ter muito talento escondido em Florianópolis, em todos esses lugares aí que tão só esperando uma oportunidade de poder crescer, né? Eu acho que, resumindo, né, como Florianópolis se tornou isso e e como a gente enxerga, eu acho que pela união e pela força de

	vontade e pelo skateboard. Tipo, viva o skateboard.
--	---

ATO 11

IMAGEM	ÁUDIO
Vídeo SAGUI 3 [04:29 - 04:41]	SAGUI Isso a gente tá falando é da raiz do skate. E a raiz do skate, ela é isso. Ela é isso. Ela é amizade, ela é companheirismo. É difícil tu ver um skatista andando sozinho. Tem graça a gente andar de skate sozinho.
Vídeo SAGUI 2 [05:09 - 05:36] VÍDEO https://www.dropbox.com/scl/fi/slka2izeicrscdnxqitul/P1766449.MOV?rlkey=wu8ywa191arfyo8ehgvrna591&e=1&st=y5hdjdcdb&dl=0 [0:58 - ...]	SAGUI Primeiro esporte que neguinho perdia e o adversário vinha e abraçava e beijava e chorava junto. Aquilo ali impactou eu acho que o planeta inteiro, né? Aquilo ali foi muito legal para quem é skatista ver não a competição em si, mas sim o que aconteceu depois da competição da entrega da premiação. Aquilo ali é uma coisa que só no skate acontece. Em outro esporte, infelizmente, quem pratica outro não tem mais cara. Isso é só no skate. E isso é raiz. O skate é isso.
VÍDEO BANDARRA 1 [06:46 - 08:09] https://www.youtube.com/watch?v=Lh_QqSJa85I&t=167s [0:20 em diante] Legenda: Chorão, do Charlie Brown Jr, visita Hi Adventure em 2009	BANDARRA Então, a gente continua fazendo esse trabalho aí de forma, eh que a gente possa trazer uma qualidade boa aí pro pro skate para mostrar, eu acho que o mais importante de tudo isso é poder mostrar

IMAGEM	ÁUDIO
	que o skate, além de ser um lifestyle e e uma e uma qualidade de vida que a pessoa busca, uma forma de rebeldia da eh da juventude nas suas atitudes e suas ideias, né? Eh, eu acho que ele é, sem dúvida nenhuma, um uma importante ferramenta de mobilidade social, sabe? Aonde tu pode tirar eh os jovens de estado, é, de pobreza, de de vulnerabilidade, né, para uma situação melhor para que ele possa ter um futuro melhor, se não como atleta, mas como pessoa, entendendo que a convivência, né, a as diferenças, elas são muito importantes de serem, é, convividas, conviver com a diferença, né, o skate ele te proporciona isso, porque tu está, é, do lado de uma pessoa que tem uma estrutura familiar muito bem resolvida, onde tem uma condição financeira mulher boa e ele tá praticando o esporte e do lado tu tem uma pessoa que de repente tá numa condição totalmente eh eh adversa aquela outra, aonde ela não tem condições, a família é totalmente estruturada, de repente não tem um pai e tal, mas ele tá no mesmo ambiente e ele tá tendo a mesma oportunidade eh de aproveitar aquele momento sem essas anuências que tem na sociedade, né?
VÍDEO BANDARRA 2 [05:59 - 06:25]	BANDARRA Eu acho que o que o skate por si próprio assim, da sua força de cultura, ela foi demonstrando que ela não era uma uma coisa de maconheiro ou de vagabundo, não é? Era um esporte, era um tipo de vida, pelo contrário, é uma cultura super forte, politicamente muito ativa, de muita

IMAGEM	ÁUDIO
	opinião, né. Eu acho que isso aí foi uma das características que fizeram que tivesse uma aceitação maior.

ATO 12

IMAGEM	ÁUDIO
VÍDEO GYRÃO 7 [07:05 - 07:18]	GYRÃO Então assim, o skate está se diversificando, está crescendo e a tendência é cada vez mais de intercâmbios regionais, sendo que Floripa é sempre um lugar que as pessoas querem vir para viver
VÍDEO GYRÃO 7 [07:35 - 07:45]	GYRÃO Pergunta a qualquer skatista eh lá de Sydney ou na Austrália, ele vai saber o que que é Florianópolis, o que que tem em Floripa de pista para andar
VÍDEO FORMIGA 3 [10:44 - 11:13]	FORMIGA Eu fui a primeira fui da primeira equipe a competir na Califórnia em 1979. Era o sonho. Hoje mudou, hoje não é o sonho de ir para Califórnia. Eu sou eu californiano, vim para cá. Então, é fantástico porque a natureza conspirou a favor, sabe? O momento conspirou a favor do skate e

	tornar isso aqui um centro internacional, um centro mundial, né? Super respeitado
VÍDEO FORMIGA 3 [03:30 - 04:31]	FORMIGA Florianópolis é um grande centro de SKATE. A cidade absorveu muito bem o skate. Eh, entre várias pistas particulares, como essa aqui, a High Adventure, eh várias outras pistas particulares dentro de casas, eh ou super pistas como Abraão o Parque, eh realmente tornou Florianópolis, o destino mais importante para quem quer evoluir. Porque aqui além de ter os melhores atletas, as pessoas mais sérias tem boas pistas para realmente botar em prática, né? Seja no Street como a Trindade, seja no no Abraão que é um skate park de padrão internacional, seja nessas pistas que são espetaculares como o centro de treinamento do Pedro Barros, aqui na High Adventure. Então, Então, isso, sem dúvida nenhuma, o que é mais importante para tornar Florianópolis um grande centro.
VÍDEO CATARINA 2 [07:19 - 07:44]	CATARINA É que os gringos vem aqui para andar no Abraão. E a gente deu um passo lá e passou essa visão, tipo, pô, vamos fazer isso bem feito, né? O esporte é a vez é esporte. O skate é a vez. Já foi Fórmula 1, já foi futebol, já foi vôlei, já foi vôlei de praia, tênis. Todos os esportes, basquete, já teve o seu auge, né? O skate ele vem vindo ali, só que ele vem e vem embasado, né?

VÍDEO BANDARRA 3 [09:14 - 10:40]**BANDARRA**

Florianópolis ela tornou essa cidade que que é sinônimo de skate e e de surf e de outros esportes, mas aqui a gente tá falando especificamente de skate. Eu acho que pela própria eh força comunitária dela, né? Eu acho que ela não teve assim, ó, zero de influência eh governamental para que isso pudesse acontecer.

Ela Ela teve a força dos skatistas, da própria comunidade que vive em volta do skate, né, da força de vontade, da vontade de cada um que tava ali eh em aproveitar o skate, em curtir o skate, em viver o skate.

Eu acho que a maioria das pessoas pessoas que fizeram com que Florianópolis fosse referência pro skate, nunca começaram a andar de skate ou pensaram no skate como um negócio, como uma forma de que ah não, vamos transformar Florianópolis na capital do skate, vamos. Não, cara, eu acho que era pela vontade de andar de skate mesmo, de pegar o carrinho, sair para a rua, estar com os amigos, se divertir, conversar, ouvir música, né?

E essa consequência foi que com o apoio, né, não governamental, mas com o apoio como a nossa pista que a gente fez, o Pedro fez pista na casa dele, né? Outras pessoas também eh fizeram pistas e tal e a gente foi crescendo essa essa comunidade.

CRÉDITOS

CRÉDITOS FINAIS (TELA ÚNICA)	ÁUDIO
Pé no mar, skate na veia Um documentário de Lia Capella	A Ilha - Armandinho
PASSAGEM CRÉDITOS FINAIS (ROLANDO TEXTO)	A Ilha - Armandinho
ROTEIRO, APURAÇÃO, ENTREVISTAS E PRODUÇÃO LIA CAPELLA EDIÇÃO, COLORIZAÇÃO, MIXAGEM DE SOM E FINALIZAÇÃO GIOVANNA DE MELO ORIENTAÇÃO PROF. ÁUREO MAFRA DE MORAES CRÉDITOS DE FOTOS E VÍDEOS DE ARQUIVO LIA CAPELLA STU NATIONAL QIX CHARLIE BROWN JR ARQUIVO PESSOAL DE RODRIGO “JACA” SCHULZ ARQUIVO PESSOAL DE MARCOS KBEÇA ARQUIVO PESSOAL DE CÉSAR GYRÃO ACERVO DO CLUBE 12 MÚSICAS AGRADECIMENTO ESPECIAL AO MAMA CAVALO, EM NOME DE RODRIGO “JACA” SCHULZ PELA AJUDA COM A PESQUISA E POR INSPIRAR COM O “DOCUMENTÁRIO CUIDADO, PERIGO”	A Ilha - Armandinho

--	--

ANEXO

ANEXO A – FICHA DE TCC

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
COORDENADORIA DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

FICHA DO TCC	Trabalho de Conclusão de Curso JORNALISMO UFSC	
ANO	2025.2	
ESTUDANTE/S	Julia Capella Silveira	
TÍTULO	Pé no mar, skate na veia - um documentário sobre a história do skate park que colocou Florianópolis no mapa mundial	
ORIENTADOR/A	Prof. Áureo Mafra de Moraes	
MODALIDADE	X	Prática editorial jornalística
		Prática de projetos comunicacionais e jornalísticos
		Prática de pesquisa
FORMATO		Impresso (grande reportagem/livro/revista/jornal)
		Áudio/Rádio

	X	Vídeo/ TV
		Foto
		Multimídia
Local de apuração		Florianópolis
		Santa Catarina
		Brasil
PRODUTO JORNALÍSTICO INTEIRO	Sim [☒] Não [☐]	
	Suporte técnico/serviço contratado para o trabalho	Serviços de edição e finalização do produto de vídeo pela estudante de cinema Giovanna de Mello
RESUMO	Este trabalho de conclusão do curso de Jornalismo é um documentário sobre o skate park em Florianópolis. O skate park é uma modalidade do skateboarding que mistura elementos do bowl e do street, e desde quando foi incluído oficialmente nas Olimpíadas de Tóquio 2020, já foi representado por três atletas naturais da capital catarinense, um deles medalhista de prata, Pedro Barros. Para além da importância como esporte, o skate, historicamente marginalizado, está enraizado na cultura da capital catarinense. Para os adeptos, o skate park representa muito mais do que um esporte, e é considerado como um <i>lifestyle</i> que transborda para as esferas sociais e culturais. O objetivo deste documentário é explorar a cultura do skate park em Florianópolis, reunindo depoimentos das primeiras gerações que construíram o caminho para o crescimento da modalidade na cidade, para skatistas de destaque como Pedro Barros, Isa Pacheco e Yndiara Asp conquistarem seus espaços mundo afora.	

ANEXO B – DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

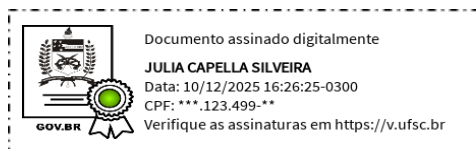
DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

Eu, Julia Capella Silveira aluna regularmente matriculada no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 21201752, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **“Pé no mar, skate na veia: um documentário sobre a história do skate park que colocou Florianópolis no mapa mundial”** é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), “em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis”.

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 25 de novembro de 2025



Julia Capella Silveira

130.123.499-01